



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

SUPORTES SOCIAIS E POPULAÇÃO IDOSA – ESTUDO DE CASO

Carmen Raimundo

Orientação: Prof. Doutor Joaquim Fialho

Mestrado em Sociologia

Área de especialização: *Recursos Humanos e Desenvolvimento Sustentável*

Dissertação

Évora, 2013



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

SUPORTES SOCIAIS E POPULAÇÃO IDOSA – ESTUDO DE CASO

Carmen Raimundo

Orientação: Prof. Doutor Joaquim Fialho

Mestrado em Sociologia

Área de especialização: *Recursos Humanos e Desenvolvimento Sustentável*

Dissertação

Resumo

SUPORTES SOCIAIS E POPULAÇÃO IDOSA – ESTUDO DE CASO

O presente estudo tem como objetivo compreender a estrutura e dinâmica da rede social dos idosos numa Instituição de Solidariedade Social, de forma a identificar as redes de apoio social e as funções que desempenham no quotidiano e na promoção do seu bem-estar. A metodologia escolhida foi a do estudo de caso, recorrendo ao paradigma qualitativo uma vez que o método de recolha de dados utilizado foi a entrevista semiestruturada, com vista retratar uma realidade social. O tratamento de dados foi realizado com base na técnica da análise de conteúdo, que propicia um meio de apreender as relações sociais em determinados espaços. A análise da morfologia das redes acionadas para cada um dos suportes sociais permitiu verificar, como para cada tipo de apoio social é acionada uma rede parcial em que são ativados os laços que melhor podem responder às necessidades dos indivíduos. Esta relação entre os dois tipos de rede sociais permitem suprir deficiências de outras esferas e promover o bem-estar.

Palavras-chave: Envelhecimento, Rede Social, Redes de Apoio Social

Abstract

Social Support and Old People- a case study

The present study has with purpose to understand the structure and dynamic of a social network of old people in a social solidarity organization, with the intention of identify the network social support and the functions that have in the quotidian and in the promotion of their wellness. The methodological chosen was the case study, using the qualitative paradigm since the method of data collection used was the interview semi structured, with the purpose to retrace a social reality. The data treatment was made with the technique of analysis of contents like base, which originates a way to capture the social relations in determinates spaces. The morphologic analyze of network activated for each one of social support allowed to verify how for each type of social support it's activated a partial network which are activated the connections that can answer better for each one needs. This connection between the both sides of social network allowed to eliminate others deficient's subject's e finally promote the wellness.

Keyword: Aging, social network, network of social support

Agradecimentos

Os meus mais sinceros agradecimentos, ao orientador desta dissertação, o Professor Doutor Joaquim Fialho por todo seu apoio, estímulo, disponibilidade e conhecimento transmitido, indispensáveis à concretização deste trabalho.

Ao meu marido António pela compreensão, paciência e estímulo constante.

A minha filha Teresa, que revolucionou a minha vida, mas que devo muitos ensinamentos mas, sobretudo, a aprendizagem do sentido relativo das coisas.

Aos meus pais, pelo apoio tão sincero e incondicional, indispensável em todos os momentos do meu percurso, passados, presentes e futuros.

A todos os outros que estiveram presentes nesta caminhada e que colaboraram numa forma direta e indireta na realização deste estudo.

À diretora do Centro Social e Paroquial de Santo André pela disponibilidade com que me recebeu.

E muito em particular aos utentes do Lar do Centro Social e Paroquial de Santo André de Estremoz que integraram este estudo, pela colaboração e disponibilidade.

Muito obrigada a todos,

ÍNDICE

I PARTE

1-Introdução	10
1.1.Enquadramento do Tema e Justificações da Escolha.....	10
1.2. Formulação do problema e dos objetivos.....	11
1.3. Metodologia.....	13
1.4. Estrutura do Trabalho.....	13

CAPITULO I

2.Enquadramento Teórico-Conceptual

2.2. Rede Social: Um olhar sobre o conceito.....	15
2.3. Teoria das Redes.....	18
2.4. A Análise de Redes Sociais e a Sociologia.....	28

CAPITULO II

3.Redes de Apoio Social	30
3.1. Tipos de Apoio Social.....	32
3.2. Funções e efeitos.....	37
3.2. Modelos.....	41

CAPITULO III

4. Envelhecimento Alguns Dilemas	44
4.1. O Envelhecimento em Portugal.....	47
4.1.1. O envelhecimento no Alentejo.....	49
4.1.2. O Envelhecimento no Concelho de Estremoz.....	51
4.2. Dilemas do Envelhecimento.....	54
4.2.1. Cuidados Familiares.....	56
4.2.2. Os Idosos e as Instituições.....	58
4.2.3. A Institucionalização da pessoa Idosa.....	63
4.2.4. A Institucionalização da pessoa Idosa, alguns problemas.....	65

II PARTE**CAPITULO IV**

5. Metodologia de Investigação	68
5.1. Opção Metodológica.....	68
5.2- Natureza do Estudo.....	75
5.3 Delimitação da investigação.....	76
5.4. População Estudada.....	77
5.5. Técnicas de Recolha de Dados: a entrevista semiestruturada.....	79
5.6. O tratamento da informação recolhida: a opção pela análise de conteúdo.....	80
5.6.1. Construção validação e aplicação.....	82
5.6.2. Descrição e análise dos dados.....	86
5.6.3. Construção das categorias de análise.....	88

III PARTE**CAPITULO V**

6. Análise dos resultados	90
6.1. Caracterização Sócio Demográfica.....	90
6.2. Estrutura da Rede Familiar.....	94
6.3. Rede de Apoio Social.....	97
6.4. Satisfação com a Rede Social.....	108
6. Conclusão	114
Bibliografia	116
Anexos	124

INDICE DE ANEXOS

	Pág
ANEXO A: Caraterização dos participantes.....	CXXVI
ANEXO B: Análise de conteúdo das entrevistas.....	CXXX
ANEXO C: Guião da Entrevista.....	CLXV
ANEXOS D: Transcrição das entrevistas.....	CXLVIII
ANEXO E: Pedido de autorização para recolha de dados e autorização da Diretora do Centro Social e Paroquial de Santo André de Estremoz.....	CLXXVII
ANEXO F: Apresentação e consentimento informado dos participantes.....	CLXXIV
ANEXO F: Autorização para recolha de dados no Centro Social e Paroquial de Santo André de Estremoz.....	CLXXXI

ÍNDICE DE QUADROS

	Pag.
Quadro 1: Quadro síntese da questão e objetivos de Investigação.....	70
Quadro 2: Quadro síntese de procedimentos para atingir os objetivos gerais.....	71
Quadro 3: Relação entre as perguntas da entrevista e as dimensões da investigação.....	85
Quadro 4: Organização da categoria estrutura da rede familiar.....	88
Quadro 5: Organização da categoria rede de apoio Social.....	89
Quadro 6: Organização da categoria satisfação.....	89

ÍNDICE DE GRÁFICO

	Pag.
Gráfico 1: População residentes no Concelho de Estremoz segundo Género.....	52
Gráfico 2: População Residente por Freguesias no Concelho de Estremoz.....	53
Gráfico 3: Evolução do Índice de Envelhecimento entre 1980 e 2011.....	54
Gráfico 4: Gráfico 4- Caracterização dos utentes por género e idade.....	90
Gráfico 5: Distribuição dos utentes por estado civil e género.....	91
Gráfico 6: Caraterização dos utentes por género e nível de escolaridade.....	93
Gráfico 7: Distribuição percentual dos utentes em Lar segundo o tempo de permanência.....	95

INDICE DE FIGURAS

	Pag.
Figura nº 1: Rede do Tipo Encapsuladas.....	107
Figura nº 2: Rede do Tipo Afinica.....	107

1- Introdução

Hoje, as sociedades modernas encontram-se profundamente marcadas pela valorização da produtividade onde a oposição jovem/velho constitui uma das fortes representações sociais em desfavor da velhice. O velho é assim visto como um custo coletivo, não produtivo, integrado numa rede de trocas sociais não recíprocas por consequência é-lhe atribuída, como contrapartida, a dependência social e económica, constituindo, nesta medida, um fator de desvalorização social nas sociedades modernas. As alterações demográficas, a emergência de um Estado de Providência tardio em Portugal, a fragilidade do sector de produção de serviços sociais, como as alterações na estrutura e nos modelos de família repercutem-se nas relações familiares entre as várias gerações e, por conseguinte, nas gerações mais velhas. Estes fatores vieram reestruturar as configurações intergeracionais e o crescente recurso às redes sociais formais.

1.1 - Enquadramento do Tema e Justificações da Escolha

O envelhecimento é um problema social e por outro lado um processo complexo e heterogêneo, variando de indivíduo para indivíduo, de sociedade para sociedade para o qual não existem respostas únicas, mas sim respostas variadas, adequadas a cada situação. Como refere Remi Lenóir, sucedem-se novas formas de gestão da velhice que é também a gestão da culpabilidade proveniente do custo psicológico do abandono dos pais tornados velhos. (Remi Lenoir, 1988) Delega-se o cuidado, a ocupação dos velhos em serviços considerados especializados, restringindo o trabalho de afeto, de relação por parte da família.

Hoje, temos uma velhice no plural, por isso são necessárias também políticas sociais no plural que privilegiem em conjunto e de forma integrada as redes de suporte social. O apoio social desempenha uma forte influência na saúde e no bem-estar dos indivíduos. Brito e Koller (1999) definem a rede de apoio social como uma interface entre o indivíduo e o sistema social que ele integra. Mencionam ainda que a rede de apoio social fornece subsídios para definir a forma como a pessoa percebe o seu mundo e se orienta nele, bem como as estratégias e competências para estabelecer relações e enfrentar adversidades. Atualmente, os suportes sociais recebidos destas redes desempenha uma forte influência na saúde, no bem-estar e na promoção da qualidade de vida dos indivíduos.

A escolha da temática *Supportes Sociais e População Idosa* tem subjacentes preocupações da sociedade e que são alvo de atenção particular na atualidade as quais dizem respeito ao papel das Redes Sociais de Suporte no cuidado e promoção de bem-estar e qualidade de vida dos mais idosos. Atualmente o discurso de crise do Estado tem como ponto de referência a crise económica, pelo que o aumento das despesas previstas com as áreas sociais imputa as responsabilidades para a ação económica e social provocando um sentimento de inquietude. Mas a crise do Estado tem que ser analisada a partir das necessidades humanas.

1.2 - Formulação do Problema e dos Objetivos

O presente estudo tem como objetivo geral estudar as configurações das redes sociais dos idosos numa IPSS em meio rural. Assim como Pólo desencadeador para este estudo coloca-se a seguinte pergunta de partida: ***“Qual a estrutura e a dinâmica da rede social dos idosos de uma instituição de solidariedade social”*** Esta investigação parte de duas dimensões na rede de apoios sociais: a estrutura e a sua função. A estrutura relativamente à multiplicidade das relações identificadas, isto é, ao número de pessoas com as quais o indivíduo pode realmente contar em sua rede. É identificada pela quantidade e multiplicidade das relações. A função refere-se à satisfação e à ausência de conflitos nas relações, ou seja, à qualidade das mesmas.

A estrutura e a função podem caracterizar-se tanto como fatores de proteção quanto como risco para o desenvolvimento e qualidade de vida das pessoas.

Procura-se estudar as configurações das redes pessoais dos idosos dentro de uma IPSS de que forma o tipo de apoio social prestado contribui para o bem-estar e qualidade de vida dos idosos e por outro lado conhecer que tipo de interação existe entre esta IPSS, que constitui um novo grupo nas relações pessoais do idoso (rede formal) e o conjunto de elementos pertencentes à rede informal ou Rede Familiar do idoso – família, relações de amizade e de vizinhança, quando articulado com o conjunto das redes de interação social. Assim, procura-se conhecer as relações sociais que esta população alvo mantém com a rede formal e informal, analisando assim, a importância do papel da família, dos vizinhos, dos amigos e dos profissionais na sociabilidade e suporte social às pessoas idosas.

Esta investigação terá como elemento central o conceito de rede social. Uma rede social pode ser definida como um conjunto de unidades sociais e de relações diretas ou indiretas, entre essas unidades sociais, através de cadeias de dimensão variável (Mercklé, 2004). Segundo Portugal

(2006) a abordagem a partir da *social network analysis* possibilita a passagem do nível macro ao nível micro das estruturas sociais à ação individual. Compreender dentro da rede de apoio social de um idoso qual a estrutura e a função desta, permite analisar as relações que os seus membros estabelecem, bem como identificar as propriedades do grupo e caracterizar a influência que cada ator ocupa no grupo. A estrutura e a função podem caracterizar-se tanto como fatores de proteção quanto como risco para o desenvolvimento e qualidade de vida dos indivíduos. Deste modo o conceito de rede social será usado como conceito operacional que permita compreender, simultaneamente, a estrutura e função das relações sociais envolvidas na produção de bem-estar.

Pretende-se estudar a estrutura e função dos apoios prestados pelas redes de suportes sociais: os apoios informais (família nuclear e alargada; os amigos; os vizinhos) e os de apoio formal, no papel dos serviços de apoio à velhice, que irão ser retratados na valência: lar. Pretende-se analisar e descrever de que forma a atividade desenvolvida por uma Instituição de solidariedade social, na sua valência lar, contribui para o bem-estar e qualidade de vida dos idosos.

Definiram-se como objetivos gerais:

- Compreender a estrutura da Rede Social de Apoio aos Idosos
- Conhecer a função da Rede Social de Apoio aos Idosos

Foram definidos como objetivos específicos

- Identificar a rede de apoio formal e informal
- Identificar a localização dos atores na rede
- Identificar os atores que deveriam estar presentes na red
- Definir o padrão de relacionamentos

De acordo com as dimensões de análise preconizadas por Porras (2001), citado por Fialho (2008), esta investigação está estruturada pela dimensão estrutural e posicional. Estrutural na medida em que, se pretende identificar o número de interações existentes entre os atores da rede em

relação ao número potencial, e posicional pois pretende-se estudar o posicionamento dos atores na rede.

1.3 - Metodologia

No âmbito do presente trabalho operacionalizou-se a problemática através da realização de um estudo de caso, com recursos ao paradigma qualitativo pois os dados recolhidos permitem apenas estudar a estrutura e dinâmica da rede social no apoio social aos idosos, naquele período de tempo, tendo como intenção estudar este caso concreto, não podendo ser generalizável para outros casos. Sem se ter a pretensão acadêmica e científica de criar uma teoria explicativa e acabada sobre o tema. A intenção é apenas estudar o caso concreto. Por outro lado, é também uma oportunidade para estudar, de forma mais ou menos aprofundada, um determinado espectro de um problema em pouco tempo (Bell, 1997).

Com efeito esta dissertação enquadra-se no paradigma qualitativo uma vez que utiliza como método entrevista semiestruturada, com vista retratar uma realidade social, neste caso, a rede de suporte social à população idosa, com o objetivo essencialmente descritivo a fim de compreender a estrutura da rede social de apoio nesta realidade. De uma forma operacional, a análise das redes sociais será utilizada como metodologia, para identificar a rede social de apoio ao idoso, de forma a compreender a estrutura da rede.

Para este estudo a técnica de tratamento de dados será a análise de conteúdo, que propicia um meio de apreender as relações sociais em determinados espaços, de uma maneira adequada ao tipo de problema de pesquisa proposto. Além disso, tem a possibilidade de fornecer técnicas precisas e objetivas que sejam satisfatórias para garantir a descoberta do verdadeiro significado (Vilelas, 2009).

1.4 - Estrutura do Trabalho

Esta dissertação apresenta 6 capítulos, a I parte é composta pela introdução pelo enquadramento teórico composta pelo primeiro, segundo e terceiro capítulo, abordará discussão conceptual de Rede Social, o enfoque em torno das Redes de Apoio Social e por fim os dilemas do Envelhecimento. Na segunda parte, o quarto capítulo refletirá a opção metodológica, com a

descrição e justificação da natureza do estudo, técnica de recolha de dado, determinação da dimensão da amostra, e por fim como será realizada a análise e tratamento dos dados obtidos. Na parte III, o quinto capítulo, apresenta a análise dos resultados do estudo. Seguido pela IV Parte, que compreende o Capítulo 6 abordará as conclusões referentes a esta dissertação. Por fim, são apresentadas as referências bibliográficas.

CAPITULO I

2- Enquadramento Teórico-Conceptual

Neste capítulo é apresentada a fundamentação teórica que fundamenta o presente estudo. Focar-se-ão, os conceitos de Rede social, Redes de apoio social e Envelhecimento com o objetivo de se perceber a interação entre os diferentes agentes que constituem a rede social em que os idosos se inserem e a forma como estes contribuem para o alcance do seu bem-estar

2.1. Rede Social: Um Olhar sobre o Conceito

A temática que envolve o conceito de rede social é ampla, sendo sistematicamente utilizada em diversas áreas do conhecimento. Uma rede social refere-se a um conjunto de pessoas (organizações ou entidades) conectadas por relacionamentos sociais, motivadas pela amizade, relação de trabalho ou troca de informação – uma representação formal de atores e suas relações. O fenómeno da conectividade é que constitui a dinâmica das redes e existe apenas na medida em que as conexões forem estabelecidas. (Marteleto, 2004) Como defende Pinto e Junqueira (2009), as redes sociais referem-se a um conjunto de indivíduos e organizações conectados que vão construindo e reconstruindo a estrutura social. Essa conexão se dá por meio das relações sociais que se manifestam de maneiras diversas e expressam a complexidade do mundo social. Por sua vez, Hakanson (1987) define as redes sociais como conjuntos de elementos ligados por meio de um conjunto de relações específicas. Essas redes são estruturadas a partir da definição dos papéis, atribuições e relações entre os seus atores.

Nohria e Eccles (1992) propõem um interessante desdobramento conceitual de redes sociais para o campo organizacional. Esses autores partem do pressuposto que o conceito de redes tem como objetivos a interação, o relacionamento, a ajuda mútua, o compartilhamento e a integração ou a complementaridade entre atores sociais. Para eles, o conceito possui variações de acordo com o nível de análise das relações, podendo ser tratado como redes Intraorganizacionais (quando se refere às características da cadeia de valor das organizações e do processo produtivo) (Nohria e Eccles, 1992). Para Castells (1997) o conceito de rede social pode ser definido como um conjunto de nós interconectados

O conceito de rede em Ciências Sociais e Humanas tem sido utilizado de diversos modos e sentidos. Num sentido mais metafórico, refere-se a uma concepção da sociedade como sendo construída por redes de relações interpessoais ou intergrupais. A rede seria o conjunto de relações sociais entre um conjunto de atores e também entre os próprios atores. Designa ainda os movimentos pouco institucionalizados, reunindo indivíduos ou grupos numa associação cujos limites são variáveis e sujeitos a reinterpretções (Colonomos, 1995).

O conceito de Rede Social desenvolveu-se em torno de duas correntes: uma em torno da Antropologia Social Britânica do Pós II guerra Mundial, e que se preocupa particularmente com uma análise situacional de grupos restritos, e outra, sobretudo Americana que se prende com o desenvolvimento da análise quantitativa, no quadro de uma abordagem estrutural. A utilização do conceito rede social entre os antropólogos britânicos surge na sequência da crescente insatisfação com o modelo estrutural-funcionalista clássico. Na Antropologia Social a primeira aproximação remonta à Claude Lévi-Strauss na sua análise etnográfica das estruturas elementares de parentesco (década de 40). Neste contexto, a ideia de rede social é orientada para a análise e descrição dos processos sociais que envolvem conexões que ultrapassam os limites dos grupos e categorias. Mas foi o antropólogo britânico Jonh A. Barnes que foi usada a ideia de “rede social” para descrever as estruturas sociais de uma comunidade. Na década de 50, Radcliffe-Brown usa o termo rede social total para caracterizar a estrutura social enquanto uma rede de relações institucionalmente controladas ou definidas. Aqui, a rede social é entendida como uma rede na qual todos os membros da sociedade ou parte da sociedade estão imersos.

Mas foi os estudos sobre família e as redes de relações sociais de Elisabete Both que chamaram a atenção da comunidade científica para o conceito de rede social. Bott (1976) a autora foi uma das primeiras antropólogas a usar a rede enquanto uma ferramenta de análise dos relacionamentos entre pessoas e os seus elos pessoais entre diversos contextos em que se inserem.

Defendia a ideia de que a dinâmica da estrutura familiar depende não apenas do comportamento dos seus membros, mas também das relações que estabelecem com outros, ou seja de que a estrutura dum rede de parentes, amigos e vizinhos e colegas tem influência direta na definição das relações familiares. Bott desenvolveu a primeira medida da estrutura dum rede: conectividade, entendendo-a como “a extensão em que as pessoas conhecidas por uma família se conhecem ou se encontram umas com as outras, independentemente da família” (Bott, 1976; P.76). Neste contexto, os estudos estão orientados para questões como a tamanho da rede, o número de unidades de rede e os efeitos da relação entre os seus elementos. Como defende Fialho “o

enfoque destes estudos procuraram entender a tipologia de contactos entre um determinado conjunto de indivíduos, o tipo de vínculos que se estabelecem, as relações descontínuas, a importância dos papéis que os indivíduos definem para si nas relações, a sua intensidade, durabilidade e frequência” (Fialho 2008, P. 9).

O grande impulsionador da análise de redes Sociais foi feito por Moreno nos anos 30 com a invenção das técnicas sociométricas. Moreno teve como objetivo estudar a humanidade como uma unidade social real, isto é o homem em relação com os seus grupos propôs que o tratamento do indivíduo, deveria ser realizado no seu contexto de relações, defendendo que deveria ser observado dentro do grupo ao nível das relações interpessoais. A análise das redes sociais foi influenciada também por uma teoria matemática a álgebra matricial, crescendo a partir de 1940 o seu uso para denotar relações em grupos sociais. Os trabalhos de Mitchell, citados por Fialho (2008), tinham um enfoque principal nas redes sociais que se podiam delimitar a partir duma determinada pessoa, ego e nos diferentes tipos de relações existentes em detrimento das propriedades das redes globalmente consideradas.

Wasserman e Faust (1999) realizam um levantamento dos princípios fundamentais desenvolvidos no campo de redes sociais: 1) os atores e as suas ações são vistos como independentes e não como unidades independentes e autónomas; 2) os laços relacionais entre atores são canais onde circulam fluxos de recursos (materiais e imateriais); 3) os modelos de redes centrados nos indivíduos concebem as estruturas de relações como meios que configuram oportunidades ou constroem a ação individual; 4) os modelos de redes conceptualizam a estrutura (social, económica, política, etc.) como padrões constantes de relações entre atores.

Segundo o escopo, as redes podem ser (Hanneman e Riddle, 2005):

- Totais (também conhecidas como sociocêntricas): possuem um conjunto total de relacionamentos em uma unidade de análise (projeto, família, departamento, etc.);
- Egocêntricas: a maioria dos nós está conectada a nós simples ou individuais; Sistemas abertos: redes em que as fronteiras não são necessariamente

Os relacionamentos, as redes sociais podem classificar-se (Wasserman e Faust, 1994):

Díades: Relação estabelecida entre dois atores. É o nível mais baixo de rede;

Tríades: Subgrupo de três atores e possíveis laços entre eles. Denotam particular interesse em estudos de tautologia;

Grupo: Coleção de díades, tríades e subgrupos com um número finito de atores.

O termo “rede” goza, atualmente, uma “popularidade crescente” é abundantemente usado na linguagem corrente, acadêmica ou política e designa uma grande variedade de objetos e fenômenos, valoriza as relações entre as pessoas relativamente às relações entre as pessoas e as coisas (Portugal, 2007)

2.2 - Teoria das Redes Sociais

Na tentativa de compreenderem o impacto das redes sociais sobre a vida social, pesquisadores de vários campos do conhecimento – Antropologia, Sociologia, História, Filosofia, Psicologia Social, Ciência Política, Geografia, Biologia, Economia e Comunicação – desenvolveram teorias e metodologias que têm como base as relações entre os indivíduos, numa estrutura em forma de rede das relações sociais. Assim a análise de redes Sociais têm suas raízes em diversas perspectivas teóricas e podem ser consideradas uma base para a análise geral da sociologia estrutural. A análise estrutural tem por objeto de estudo as relações e estruturas sociais. A estrutura é concebida como uma rede de relações e de limitações que influencia as escolhas das pessoas, os seus comportamentos e as opiniões individuais. O estudo das relações e estruturas sociais assenta no contexto em que se encontram inseridas, isto é, diz respeito à forma como a sociedade se organiza, ou seja, através de relações complexas, constantes que se interligam entre indivíduos por meio de papéis sociais que estes assumem ao passo que noutros esquemas de inteligibilidade do social estes caracterizam-se preferencialmente pelos seus atributos (o sexo, a idade, a classe social, etc.) pelas funções que desempenham, pelas suas ações pelo sentido que atribuem ao mundo que os rodeia ou pelos movimentos históricos em que se encontram envolvidos.

Oliveira conceptualiza estrutura social como um "conjunto ordenado de partes encadeadas que formam um todo, é a totalidade dos *status* existentes num determinado grupo social ou numa sociedade, (Oliveira,1998). A estrutura é concebida como uma rede de relações e de limitações que influencia as escolhas das pessoas, os seus comportamentos e as opiniões individuais. A base fundamental das redes assenta no estudo dos dados relacionais (Wasserman e Faust, 1994)

A análise de redes sociais veio estabelecer um novo paradigma ao nível da estrutura social. O estudo dos comportamentos e ações dos atores não se centra nos atributos individuais (idade, sexo, género, etc.), mas sim nas relações que resultam das interações que são estabelecidas pelos indivíduos uns com os outros. Este objeto de estudo centrado nas relações entre atores individuais ou coletivos resulta em grande parte da ciência dos pontos e das linhas que constitui a Teoria dos Grafos. Os pontos representam os atores e as linhas as suas relações. Segundo Scott (2000) precederam à atual teoria de redes sociais três linhas de pesquisa: na década de 1930 os analistas sociométricos trabalharam em pequenos grupos que produziram avanços técnicos utilizando métodos da teoria dos grafos; os pesquisadores de Harvard que nos anos 30 exploraram padrões de relações interpessoais informais e a formação de subgrupos e baseados nas duas linhas anteriores os antropólogos de Manchester investigaram a estrutura das relações comunitárias em sociedade tribais e vilas. O estudo das redes interessa à sociologia relacional, que primeiramente as descreveu a partir das relações egocêntricas e sociométricas. À antropologia social britânica de Manchester originalmente interessou as estruturas das redes, nos contextos urbanos e a interferência dos tipos de conexões nos tipos de famílias; no compartilhar ou não de responsabilidades e na oferta de apoio mútuos.

Os estruturalistas, inspirados na teoria dos sistemas e na análise de grafos, integraram durante os anos 60 e 70 diversas tradições buscando investigar, modelar e mensurar de forma matemática as estruturas, papéis sociais e relações de poder. (Scott, 2003, *apud* Martes *et al*, 2006). A grande contribuição deste grupo foi prover a sociologia de ferramental computacional para o tratamento das redes sociais. Os modelos são construídos com um ferramental matemático sedimentado nas matrizes e grafos, que permitem representar um grande volume de informação de forma rápida, simples, concisa e sistemática, obrigando o pesquisador a ser sistemático e descrever de forma exhaustiva as relações sociais. As teorias cujos quadros teóricos têm como base a explicação, a forma das relações e a sua evolução, algumas são inspiradas no estruturalismo. Assentam num processo epistemológico que postula que a forma das relações sociais, obedecem a princípios de organização que escapam mais ou menos a consciência dos atores sociais e cuja transgressão é extremamente difícil. Outras foram inspiradas por pesquisas ao nível das redes sociais. As teorias inspiradas no estruturalismo são consideradas teorias de segundo nível, no plano epistemológico, relativamente as teorias do primeiro nível construídas a partir das pesquisas das redes sociais. Enquanto as teorias de segundo nível postulam princípios subjacentes às redes sociais e as outras formas de organização social, as teorias de primeiro nível, por seu lado, limitam-se a tratar com regularidades na redes e de outras formas de organização. (Lemieux e Quimet, 2004, P.13).

Uma das metodologias mais importantes na análise de redes sociais estrutural, são os procedimentos sociométricos. A sociometria desenvolvida a partir dos sociogramas elaborados por Moreno na década de 30 e usados para identificar as redes de relacionamento entre pessoas e seus padrões de interação. Moreno teve como objetivo estudar a humanidade como uma unidade social real, isto é, estudou o homem em relação com os seus grupos propôs que o tratamento do indivíduo, deveria ser realizado no seu contexto de relações, defendendo que deveria ser observado dentro do grupo ao nível das relações interpessoais. As pesquisas de Moreno, o destacaram como o principal autor desta linha, sendo o responsável pelo desenvolvimento da utilização de sociogramas com o objetivo de compreender as configurações sociais dos grupos e explicitá-las de maneira sistematizada (Lago, 2005; Macambira, 2009). Segundo Scott (2000) o objetivo das pesquisas realizadas por Moreno era o de investigar como o bem-estar psicológico relaciona-se com as características estruturais do que chamou de “configurações sociais”. As referidas configurações são o produto de padrões de escolhas interpessoais, representando as relações nas quais as pessoas se envolvem.

Para Santos e Bastos (2007) sociograma é um diagrama representativo das forças de atração, repulsão e indiferença existentes nos grupos. E o mapeamento destas forças através de sociogramas permite a identificação de líderes, visualização dos canais de comunicação e das conexões entre os indivíduos.

A teoria dos laços fortes e laços fracos de Granovetter e a teoria de “buracos estruturais”, apresentada por R. Burt são inspiradas nas pesquisas ao nível das redes sociais. A teoria dos laços fortes e laços fracos de Granovetter (1973, 1983) oferece a melhor percepção sobre a noção dos relacionamentos na rede e seus impactos. Segundo o investigador, os laços fortes são aqueles que nos unem aos parentes pais, conjugues e amigos, ao passo que os laços fracos nos unem preferencialmente a “conhecimentos”, parentes mais afastados, antigos colegas, vizinhos que não são amigos. A importância do trabalho de Granovetter sobre a “força dos laços fracos” oferece talvez o melhor *insight* sobre a noção dos relacionamentos na rede e seus impactos. Examinando a forma como as pessoas obtinham empregos, Granovetter teorizou que eram os laços fracos entre as pessoas, mais do que sua proximidade, e o grande relacionamento que ofereciam acesso às informações necessárias para descobrir novas oportunidades de emprego. Desenhado nessas noções de forças relacionais, um corpo da teoria sobre “coesão” e agrupamento foi desenvolvido. Os Teóricos sobre “coesão” argumentam que redes densamente embutidas que possuem múltiplas conexões (tipos e frequência) oferecem mais vantagens porque são mais fechadas e, conseqüentemente, permitem uma consolidação do pensamento e da ação (Walker; Kogut; Shan, 1997). Isto é, redes densas, formadas por conexões fortes, frequentemente alimentam o

desenvolvimento de normas compartilhadas, o entendimento comum e, o mais importante, o nível de confiança necessária para que haja o compartilhamento de informações oportunistas e também a realização de ações coletivas. Granovetter defende ainda que, e na perspectiva dos laços fortes, estes adicionam pouco valor na procura por novas informações (ideias, conhecimento e recursos) porque cada um dentro da rede possui acesso ao mesmo recurso, e isso pode levar uma rede à estagnação.

A teoria de “buracos estruturais”, apresentada por Burt (2000), é uma perspectiva teórica alternativa. Os Teóricos dos “buracos estruturais” postulam que as redes são estruturas sociais abertas nas quais vantagens deriva da habilidade dos atores da rede em se posicionar estrategicamente em pontes. Ou seja, na capacidade de estabelecerem contactos que não têm qualquer conexão direta entre si e, conseqüentemente, em aprenderem como reunir e criar oportunidades. Também é argumentado que pessoas e organizações que agem como pontes estruturais tendem a ter acesso a informações mais novas e privilegiadas, aprender mais rápido e, portanto, estarão mais propensas a gerar inovações.

O conceito de *capital social* e a sua importância nas redes de relacionamento estão fortemente associados a teoria dos «buracos estruturais», na medida em que o conceito é definido como as normas, valores, instituições e relacionamentos compartilhados que permitem a cooperação dentro ou entre os diferentes grupos sociais. Dessa forma, são dependentes da interação entre, pelo menos, dois indivíduos. Assim, fica evidente a estrutura de redes por trás do conceito de capital social, que passa a ser definido como um recurso dos grupos ou comunidades, constituídos pelas suas redes de relações, cujos laços se constituem em canais pelos quais passam informação e conhecimento (Marteleto, 2005). No entanto dos contributos mais significativos para a Teoria do Capital social provem de um autor oriundo da teoria das redes de Nan Lin. O autor define Capital Social como um investimento nas relações sociais com proveitos nos mercados (Lin,2099).

Existem três tradições distintas na abordagem do capital social: James Coleman, que define capital social baseado na escolha racional. Para o autor, o capital social é um recurso para o indivíduo que pertence a uma determinada estrutura. O autor “olha” para o capital social a partir da sua função “é um recurso para o indivíduo que pertença a uma determinada estrutura”, Coleman localiza o Capital social nas relações tornando-o indissociável do conceito de rede social. Pierre Bourdieu trata o capital social como a soma os recursos decorrentes da existência de uma rede de relações de reconhecimento mútuo institucionalizada em campos sociais. Segundo o autor (citado por Portugal,2007, P.17) “o volume de capital social que um agente particular possui

depende da extensão da rede de ligações que ele pode mobilizar e do volume de capital (económico, cultural ou simbólico) possuindo por cada um daqueles a quem ele está ligado” Segundo a autora, as redes sociais não são um dado natural, antes são construídos através de estratégias de investimento de relações, passíveis de serem utilizadas como fontes de benefícios. A definição torna clara a existência de dois elementos no capital social as relações que permitem aos indivíduos aceder aos recursos e a qualidade desses recursos.

Enquanto as abordagens de Bourdieu e Coleman olham para o capital social a partir do indivíduo outros olham para a dimensão coletiva É o caso de Robert Putman que embora que a sua definição de capital social seja herdeira da defendida por Coleman, ele refere-se as conexões entre indivíduos – redes sociais e normas de reciprocidades e confiança que delas emergem (Putnam:2000). A diferença entre estes autores e a sua forma de abordarem o conceito de capital social, reside no facto de que para Bourdieu e Coleman é a questão do que é que a minha rede de relações pode fazer por mim. Para Putman é compreender como todos podem beneficiar de uma rede social ampla com normas e confiança associadas. A importância das teorias do conceito de capital social nas redes pretende-se com o facto, destas evidenciarem a relação entre as ações individuais e as posições estruturais.

As principais teorias que suportam esta investigação serão a análise estrutural das redes sociais são Teoria dos Laços fortes e Laços Fracos de Mark Granovetter e o capital social associado teoria dos «buracos estruturais» de R. Burt. Como já foi referido a metodologia de análise de redes sociais pode ter dois tipos de abordagem: Egocêntrica (centrada no *ego*) e estrutural. A abordagem Egocêntrica que reconstitui a rede de relações dum determinado indivíduo (*ego*), permite obter uma perspetiva dos indivíduos que se encontram no seu centro.

As redes egocêntricas ou locais são redes que se focam no indivíduo (*ego*), fazem parte desta rede o ator em análise, os atores que se relacionam com ele, medidas de ligação entre o *ego*, os seus vizinhos e entre eles. Esta modalidade de análise busca capturar a influência do grupo sobre o indivíduo, que posição cada ator ocupa na estrutura social local e também entender as oportunidades e restrições que cada indivíduo possui como resultado da forma em que ele está inserido na rede.

A centralidade de um ator significa a identificação da posição em que se encontra em relação às trocas e à comunicação na rede (Marteleto, 2001). Dito de outra forma, corresponde à quantidade de relações que se coloca entre um ator e outros atores. Um *ator* em ARS é uma unidade discreta que pode ser de diferentes tipos: uma pessoa, ou um conjunto discreto de

peças agregadas em uma unidade social coletiva, como subgrupos, organizações e outras coletividades. Por exemplo, uma rede do tipo estrela, onde participam n atores e um ator b tem ligações com os outros $n-1$ atores, a centralidade de b é a maior de todas. Essa medida dá a indicação da visibilidade de um ator na rede. Um ator com grande centralidade está em contacto direto e adjacente para muitos outros atores e é reconhecido pelos outros, como o maior canal de informações. Por outro lado, aos atores com baixo grau de centralidade são considerados periféricos na rede, isto é, se este ator for excluído ou removido não há efeitos significativos nas relações presentes.

A centralidade de uma rede é dada pela variabilidade das medidas individuais dos atores e representada pelo desvio padrão em relação ao valor médio. Marteleto (2001) adverte para o facto de que os indivíduos, com mais contactos diretos numa rede, não serem necessariamente aqueles que ocupam as posições mais centrais e esta ocorrência pode ser explicada através do conceito de abertura estrutural. Um indivíduo com poucas relações diretas pode estar muito bem posicionado dentro de uma rede por meio da utilização estratégica das suas aberturas estruturais.

Ancorado na análise estrutural, a Teoria dos Grafos é uma das bases do estudo das redes sociais, proveniente das décadas de 60 e 70. Uma rede social é um grupo de atores, conhecido na Teoria dos grafos como “*nós*”, os atores estão conectados por ligações representadas pelas *arestas*. Os atores podem possuir vários atributos chamados de *variáveis de composição* que servem para enriquecer e caracterizar o ator. As ligações por sua vez possuem pelo menos uma variável, conhecida como *variável estrutural* que caracteriza o tipo de relação estruturada. Uma segunda abordagem consiste na seleção de um informador que reconstitui as relações diferentes entre os diferentes membros da rede (Castro, 2005).

Na abordagem estrutural, a análise da rede como um todo, os conceitos utilizados provêm na sua maioria da Teoria dos Grafos. Estes vão apresentados de seguida com o objetivo de serem utilizados mais tarde. A forma das relações entre os atores sociais pode ser de carácter orientado ou não orientado. Isto é, uma relação orientada entre dois atores quando há transmissão, quer se trate de informação, de bens ou de serviços etc. As relações orientadas podem ser nos dois sentidos. Quando a ligação apresenta as duas direções então significa que há reciprocidade na relação. A relação é não orientada quando não existem transmissões unilaterais, de ator para ator, mas antes uma relação entre dois atores que não comporta orientação.

A densidade de um grafo é possível calcular-se em função do número das relações existentes e as relações possíveis¹. Os métodos matemáticos formais utilizados para representar as redes sociais, são os grafos (teoria dos grafos) e as matrizes (álgebra matricial). Na área da sociologia os grafos são também conhecidos como sociogramas. Tendo como referência as relações sociais dos indivíduos, é importante compreendermos a operacionalização dos conceitos de nós e laços. Assim, os nós são elementos da rede, identificados pela relação que têm com o ego. As relações entre os nós da rede podem ser de diferentes características, como exemplo, a existência ou não de o grau de parentesco entre dois indivíduos. É importante referir que os laços podem ser positivos ou negativos (Lemieux e Quimet, 2004). Os autores seguem as distinções de Simmel no qual este considera os laços positivos como laços de identificação e laços de diferenciação, através do qual os atores sociais se consideram membros de uma identidade comum, enquanto os laços negativos e laços de diferenciação fazem os indivíduos demarcarem-se como pertencentes a entidades diferentes (Simmel, 1995)

Segundo o autor Granovetter, os laços podem ser fortes ou fracos (Granovetter 1973, 1982). Segundo este autor a força dos laços traduz a duração da relação (antiguidade da relação e tempo despendido junto), a intensidade emocional, intimidade e serviços recíprocos. Os Degenne e Forsé acrescentaram um quinto critério: pluralidade de conteúdos de troca existentes no laço. Os laços podem ser ainda *ativos e passivos*, isto é, podem se basear na interação face a face ou em laços efetivos que envolvem uma interação irregular. Estes laços são considerados muito importantes quando analisamos o apoio aos indivíduos. Podem ser analisados segundo as interações rotineiras que envolvem (as ajudas diretas, conselhos, críticas, apoios), a que chamamos de laços ativos. Os laços passivos são considerados os de segurança individual e familiar, que embora não sejam de interação quotidiana, existem e os indivíduos sabem que podem contar com eles em caso de necessidade. Importa referir que a força dos laços está relacionada com a propriedade e os conteúdos dos fluxos, a sua diversidade, a frequência dos contactos, o tempo despendido na interação, influencia a interferência de um nó sobre outro (Portugal, 2007).

A pesquisa empírica levada a efeito em 2006 por Sílvia Portugal no âmbito da tese de doutoramento, identificou a existência de modelos distintos de redes a partir da análise dos nós e laços. (Portugal, 2006, P. 538) Os eixos analíticos que sustentam a tipologia destes modelos de rede são de quatro tipos tendo como elementos diferenciadores: os nós- o papel do parentesco;

1 O número de relações possíveis, variam em função do facto de se ter ou não em consideração ou não (Lemieux e Quimet 2004)

para os laços- a identificação dos laços fortes e fracos, positivos e negativos, ativos e passivos; para a propriedade dos laços- conteúdos e a diversidade dos fluxos de apoios.

Em função destes critérios, Portugal (2006) identificou quatro modelos de redes sociais: as redes encapsuladas, as redes seletivas as redes abertas e as redes afínicas. Nos três primeiros modelos o núcleo estruturante das redes são os laços de parentesco, sobretudo o parentesco restrito. Os laços fortes são construídos no interior da família mais próxima; nas redes encapsuladas, as relações limitam-se a esses laços de parentesco; nas redes seletivas, os laços de parentesco acrescem outros laços de afinidade construídos fora da rede familiar; nas redes abertas, o parentesco continua a ser a referência efetiva fundamental, mas a rede abre-se a um leque vasto de relações, constituída por laços fortes e laços fracos. Nas redes afínicas, estas não são dominadas pelas relações de parentesco. Neste tipo de rede o plano expressivo é mais importante que o instrumental na construção dos laços sociais. Não é a consanguinidade que funda o essencial das relações mas os afetos e as afinidades.

Para Waarden (1992) as redes têm suas funções, mas estas por sua vez dependem das intenções, das necessidades, dos recursos e, principalmente, das estratégias de todos os atores envolvidos. A importância do conceito de função deve-se ao facto de representar uma ligação na estrutura do ator (individual) da rede com a sua estrutura (todo) Mizruchi (2006) define que o princípio. Enfatiza ainda que em uma análise de redes há que se considerar duas áreas de importância conceitual:

-A identificação de subgrupos; As redes são compostas de nós que se interligam de formas variadas, havendo conjuntos de nós que se conectam de formas diretas ou indiretas (essas regiões densamente conectadas podem estar localizadas em regiões consideradas periféricas, intermediárias ou até mesmo centralizadas), mantendo uma interação e formando os chamados “cliques” ou agrupamento específico, que se baseiam em laços coesos entre os agentes, (Friedkin, 1984) e (Mizruchi, 1993).

-Efeito da Centralidade: as conexões de atores indiretamente a outros da rede através de um nó central, permite que tenhamos uma visão mais clara sobre o efeito da centralidade. O ator central geralmente é considerado o coordenador das trocas de informações já que é através dele que isso é possível, sem contar o seu poder de influenciar os demais em razão de sua posição de domínio (Mizruchi, 1993).

Dentro das métricas que indicam os aspetos relacionais diretos e indiretos entre os atores temos os *Cliques*. De acordo com Gross e Yellen (1999), entende-se por clique de um grafo G um subconjunto máximo de vértices adjacentes mútuos em G . A medida de cliques de uma rede determina o subconjunto de nós que são adjacentes a cada outro e não existem outros nós que sejam também adjacentes a todos os nós do clique. A definição de clique é um ponto de partida útil para especificar a propriedade coesiva de subgrupos. Segundo essa definição, deve haver no mínimo três nós para compor uma clique. As cliques podem representar uma instituição, um subgrupo específico e mesmo identificar a movimentação em torno de um determinado problema (Marteleteo, 2001). É nas cliques que existe uma densidade maior de comunicação ou seja é mais eficiente compartilhar informações dentro de um grupo. Dentro deste contexto, as cliques emergem de uma necessidade coletiva para produzir alguma coisa de que todos se beneficiem e para a qual uma certa escala de atores é requerida.

Segundo Wasserman e Faust (1994) um nó da rede é considerado importante ou proeminente se os seus relacionamentos o tornam particularmente visível aos outros nós da rede. Para os autores, existem duas classes de proeminência (Wasserman e Faust, 1994):

- ✓ Prestígio do ator: um nó de prestígio é objeto de muitos relacionamentos, desde que ele seja o recetor destes relacionamentos. Obviamente, o conceito de prestígio é mais restrito que o de centralidade e só pode ser medido em um grafo direcionado.
- ✓ Este tipo de centralidade depende não apenas das relações diretas, mas das relações indiretas, especialmente quando dois atores não se encontram adjacentes.

Existem quatro tipos de centralidade.

- 1) **Centralidade de grau** (*degree centrality*): Esta métrica foca a visibilidade do nó na rede. O nó mais central é aquele que possui o maior grau. Assim, ele está em contato direto com muito outros nós e acaba por ocupar um lugar central na rede. Em contrapartida, nós com grau pequeno ocupam uma posição periférica na rede. Segundo Hanneman (2001), a centralidade de grau mede a quantidade de ligações de um ator. Quanto maior for a centralidade de um ator possui, maior são as suas oportunidades de escolha, maior a sua autonomia em relação aos outros e conseqüentemente maior o seu poder.

2) **A centralidade de intermediação** (*betweenness centrality*): é o potencial daqueles atores que servem de intermediários. Representa o quanto um ator atua como “ponte”, facilitando o fluxo de informação numa determinada rede. Ou seja, a interação entre dois atores não adjacentes pode depender de outros atores ou de um conjunto de atores. Os atributos de um ator são as suas características individuais. Uma relação dentro de uma rede (*relation*) define todo o conjunto de laços que respeitam um mesmo critério de relacionamento, dado um conjunto de atores. Esta abordagem centrada no ego traz informações sobre toda a rede, são dados de micro redes, amostras de áreas locais que fazem parte da rede como um todo.

3) **Centralidade de proximidade** (*closeness centrality*): esta métrica é baseada na distância e foca em quão próximo um ator se encontra em relação aos demais atores da rede. Um ator é central se ele pode interagir rapidamente com os demais. No contexto de uma rede de comunicação, por exemplo, os atores centrais podem ser muito produtivos no partilhar de informações com o resto do grupo, pois possuem um caminho de comunicação rápido com os demais. Neste caso, a centralidade está inversamente relacionada com a distância. Assim, quanto mais aumenta a distância de um vértice para o restante da rede, mais diminui a sua centralidade de proximidade. Segundo Hanneman (2001), a centralidade de proximidade de um ator mede-se pelo número mínimo de passos que ele deve executar para entrar em contacto com os outros atores da rede. Quanto mais central for um ator, mais ele está próximo dos outros, e mais rapidamente entra em contacto ou interage com os outros. É uma medida de autonomia, da independência em relação ao controle exercido pelos outros.

4) **A centralidade de informação** (*information centrality*) consiste na seleção de um informador que reconstitui as relações diferentes entre os diferentes membros da rede

As quatro medidas de centralidade atrás apresentadas são citados na literatura como os principais indicadores de poder na análise de redes sociais. Facilitam a compreensão da importância relativa de um ator dentro da rede a qual faz parte, colaborando para o entendimento das relações existentes nesta rede social, bem como para a identificação dos atores críticos da mesma.

2.3 - A Análise de Redes Sociais e a Sociologia

A análise de redes sociais difere de outros métodos de investigação que se centram em atributos individuais. Os principais estudos nas Ciências Sociais exploram indicadores como o género, idade, classe social e outros atributos individuais, enquanto a análise de redes sociais se centram nas relações binárias e múltiplas, estabelecendo um novo paradigma na pesquisa sobre a estrutura social. Nas análises sociológicas extensivas, o indivíduo é visto como uma unidade, que assume categorias classificatórias que correspondem a uma determinada realidade estrutural. No entanto, os indivíduos não devem ser vistos como conjunto de unidades independentes uma vez que estes pertencem a redes relacionais e as suas categorias não são mais que reflexo das relações estruturais que os ligam entre si.

Ao fazer investigação para se compreender a estrutura social não se pode ignorar as relações que os seus elementos estabelecem entre si. Para além que volume de capital social de um indivíduo depende da extensão da rede de ligações que ele pode mobilizar. A análise de redes sociais fornece uma explicação do comportamento social com base em modelos de interação e não como efeitos independentes de atributos individuais. Não se pode olhar para a análise de redes como um novo paradigma nas ciências sociais mas o seu campo de conhecimento não pode ser considerado apenas como um método ou um conjunto de técnicas para estudar a realidade social.

A *Social Network Analysis* oferece novas abordagens para a descrição e estudo da estrutura social, permitindo analisar a estrutura social a partir de uma perspetiva relacional. Durante a segunda metade do século XX, o conceito de rede social tornou-se central na teoria sociológica e abriu caminho a inúmeras discussões sobre a existência de um novo paradigma nas ciências sociais. Os sinais do seu dinamismo e da sua consolidação institucional são evidentes: inúmeros artigos publicados nas principais revistas de ciências sociais; organização de eventos científicos sobre a temática; criação de revistas especializadas na matéria – *Connections*, *Social Networks*, mais recentemente em 2002, a *Revista Redes*, em língua espanhola; lançamento nos anos 80, de uma coleção especializada dirigida por Mark Granovetter na *Cambridge University Press*; existência, de uma associação internacional – *International Network of Social Network Analysis (INSNA)*, desde os finais dos anos 70 – que reúne os investigadores na matéria, edita a revista *Connections* e, desde 2000, o *Journal of Social Structure*; existência de um fórum de discussão – *SOCNET* – que reúne mais de 1800 assinantes; desenvolvido de programas informáticos que suportam os

modelos teóricos e metodológicos desenvolvidos (o *Ucinet* e o *Structure* serão os mais conhecidos e divulgados). Esta recolha de informação foi realizada pela autora Sílvia Portugal (2007) apresentada no seu artigo “Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica”.

Um paradigma é constituído por leis, hipóteses teóricas gerais, métodos e técnicas, meios standardizados de aplicar leis fundamentais a uma grande diversidade de situações. Mitchell (1974) questiona se a análise de redes sociais constitui uma nova teoria sociológica, concordante com esta reflexão, Mercklé (2004) lança a questão: Será a análise de redes sociais realmente um novo paradigma sociológico? Para a autora, a análise das redes sociais “ não é uma técnica que procura simplesmente proceder a uma descrição das estruturas sociais, uma espécie de «sociografia» do mundo social” (Fialho, 2008:54). A análise de redes sociais é uma técnica que permite fazer um diagnóstico sobre uma determinada situação, numa lógica macro ou micro, é também uma ferramenta que possibilita ao investigador localizar estruturas dentro de redes e construir novas perguntas e respostas (Fialho, 2008).

Segundo Molina (2001) a análise de redes sociais pode conceber-se como uma tentativa de descobrir formalmente a estrutura social, Molina cita o artigo de Radcliffe-Brown, “*On Social Structure*” como um dos precursores da aproximação, onde sugere que existe, um ramo da ciência Por outro lado “Mitchell, citado por Mercklé, refere que a rede se assume como um “ conjunto particular de interligações (*linkages*) entre um conjunto limitado de pessoas, com a propriedade suplementar que as características dessas inter-relações consideradas como uma totalidade, podem ser utilizadas para interpretar o comportamento social das pessoas implicadas” (Fialho, 2008:55).

Como defende Fialho (2008) a análise de redes sociais define a dimensão coercitiva dos fenómenos sociais e que define uma aproximação sociológica depois de Durkheim. Este postulado procura as causas dos factos sociais nas características dos desenvolvimentos estruturais em que eles se inserem. A análise estrutural de redes sociais é um novo paradigma que trouxe uma revolução científica, pelo facto de ter vindo a desenvolver uma linguagem especializada que sustenta a análise de redes sociais e, esta “espécie de elite” de cientistas sociais que vão regularmente criando novos métodos e técnicas de análise das estruturas sociais, dão corpo a um verdadeiro paradigma recheado de novas técnicas e teorias de análise e compreensão dos fenómenos sociais (Fialho, 2008).

CAPITULO II

3 - Redes de Apoio Social

A questão do Envelhecimento e das respostas sociais de apoio aos idosos têm gerado crescente relevância nas sociedades ocidentais, em particular, questões relacionadas com a velhice e ao apoio social. Apesar de apenas a partir dos anos 70 o apoio social constituir um quadro teórico integrado e consistente, encontram-se anteriormente inúmeros estudos ligados à psicologia cujos contributos foram decisivos para o seu desenvolvimento (Martins,2004).

Marcos fundamentais no campo do apoio social foram as investigações levadas a cabo por Caplan (1974), Cassel (1974 e 1979), Cobb (1976), Barrón (1996), Vaux (1988), Faria (1999), Vaz Serra (1999), e Matos e Ferreira (2000), permitiram conhecer os efeitos sobre a saúde, bem-estar e qualidade de vida de diferentes tipos de relações, (relações íntimas a integração social), passando pelo estudo das redes sociais nos seus aspetos estruturais e funcionais.

O conceito de apoio social mostra que a terminologia utilizada nos diferentes estudos está associada a uma grande diversidade de conceitos e pontos de vista. Como refere Nunes (1999) o apoio pode ser de cariz instrumental e emocional, de *feedback*, aconselhamento, interação positiva, orientação, confiança, socialização, sentimento de pertença, informação, assistência maternal, etc....

Existe uma visão de pluralidade conceptual relativamente á definição de apoio social. Barrón (1996), defende o conceito de apoio social como interativo nas transações que se estabelecem entre indivíduos. É genericamente definido como a utilidade das pessoas (que nos amam, nos dão valor e se preocupam connosco) e nas quais se pode confiar ou com quem se pode contar em qualquer circunstância (Cruz 2001). Conceito similar apresenta Vaz Serra (1999), ao definir apoio social como quantidade e coesão das relações sociais que rodeiam de modo dinâmico um determinado ator social. Trata-se portanto de um conceito interativo referente a transações entre os indivíduos, no sentido de promover o bem-estar físico e psicológico.

O apoio social pode ser entendido como um processo transação mutua entre o individuo e a sua rede de apoio social, no sentido de satisfazer necessidades sociais, promovendo e completando os recursos pessoais que, para enfrentarem as novas exigências e atingirem novos objetivos, num contexto que Loreto (2000) denomina de ecológico e que representa duas componentes. O

“apoio” refere-se as atividades dos domínios instrumental e expressivo, enquanto o “Social”, reflete o vínculo da pessoa ao meio social que pode ser considerado em três vertentes: comunitária, de rede social e do relacionamento íntimo.

As necessidades sociais defendidas por Thoits (1995) e reforçadas por Matos e Ferreira (2000) são afiliação, o afeto, a pertença, a identidade, a segurança e a aprovação e podem satisfazer-se mediante a provisão de ajuda a dois níveis:

- ✓ Socio-emocional – Que engloba afeto, simpatia, compreensão, aceitação e estima de pessoas significativas
- ✓ Instrumental – Que compreende conselho, informação, ajuda com a família ou com o trabalho e ainda a ajuda económica.

As redes sociais de apoio não são mais do que formas como as ligações humanas se estruturam com os sistemas de apoio (para manutenção e promoção da saúde das pessoas) e os recursos que são partilhados entre os membros desse sistema. Em geral as redes sociais de apoio apresentam, portanto, dois padrões organizacionais interdependentes: grupos familiares nucleados, com laços fortes e imediatos; e o círculo mais inclusivo de amigos, colegas de trabalho e mesmo familiares na linha dos afins segundo o contexto cultural (Oppong, 1992).

Segundo Wellman (2002), as principais características dos laços familiares das redes pessoais comunitárias e a sua contribuição para o suporte social são:

- 1) Os laços familiares tendem a ser fortes, baseados na intimidade dos indivíduos, frequência dos contatos, reciprocidade das trocas emocionais (Granovetter, 1973; Wellman e Wortley, 1990);
- 2) Nas redes pessoais, em geral, a maior proporção dos laços efetivos ocorre entre parentes íntimos. Parentes distantes tendem a se converter em parentes imediatos de acordo com a força dos laços internos, porém, os parentes íntimos são depositários de confiança e apoio afetivo, enquanto os parentes distantes concentram laços fracos, assemelhando-se aos amigos e vizinhos (Wellman, 2002, P 87);
- 3) Redes familiares mais densas (i.e., laços muito fortes e concentrados) tendem a se organizar em torno do núcleo familiar mais íntimo, e manter grande isolamento em relação aos parentes mais distantes e laços de amizade (Wellman, 2002). Este princípio baseia-se nos estudos clássicos de Elizabeth Bott (2002) que sugeriam maior estabilidade nos

casamentos cujos cônjuges residiam em domicílios muito distantes espacialmente dos núcleos familiares de origem. Nestes casos, a relação diádica entre esposa e marido tende a se fortalecer através do incremento das relações de apoio social, trocas afetivas e confiança mútua, centralizando o suporte no novo núcleo familiar em detrimento dos laços fortes com parentes imediatos distantes espacialmente.

- 4) Contudo, os laços entre familiares íntimos tende a conservar a preferência para trocas afetivas e confiança mútua mesmo quando os indivíduos estão distantes espacialmente. Assim, embora, no caso dos migrantes a distância entre parentes crie certo isolamento das famílias entre origem e destino, as relações de confiança e apoio social não são substituídas definitivamente pelos laços fracos constituídos no destino, especialmente com novos amigos, vizinhos ou colegas de trabalho (Wellman, 2002, P 92).

3.1 - Tipos de Apoio Social

Como anteriormente vimos a rede social – refere-se às relações sociais e às suas características morfológicas e transacionais. A forma como as relações sociais estruturam os comportamentos quotidianos e são mobilizadas em cada circunstância específica, caracteriza a integração social da pessoa. Já a rede de apoio social – difere da rede social porque esta visa uma ajuda concreta às pessoas. O apoio ou suporte social é considerado como uma das funções primordiais das redes sociais, já que envolve transações interpessoais e abrange apoios específicos prestados por pessoas, grupos ou instituições. Nestas relações podem ser identificados diferentes vínculos sendo alguns deles fortes, outros mais distantes, intermitentes ou contínuos. Assim, enquanto a noção de rede nos desvia a atenção para os contextos envolventes e sistemas sociais, a noção de apoio centra-nos nas trocas interativas e interpessoais entre os diferentes membros que a compõem.

Deste modo, podemos dividir as redes de apoio social de apoio à pessoa idosa em dois grupos principais: as redes de apoio formal e as redes de apoio informal. Esta última, inclui a rede familiar, a rede de vizinhança e amigos, enquanto a primeira corresponde ao sistema de assistência prestado pelas instituições sociais de saúde (centros de saúde e hospitais), mais viradas para o apoio médico sanitário e de Segurança Social, nomeadamente os Lares, Centros de Dia e Apoio Domiciliário, dirigidos mais para a ajuda quotidiana.

A família é um suporte por excelência da realização afetiva do indivíduo. Então qual a responsabilidade da família na provisão das necessidades sociais e de bem-estar para a qualidade

de vida dos seus membros? Identificam-se geralmente três tipos de ajuda que são prestados entre os membros da família: domésticos (apoio efetivo e material), apoio afetivo da rede familiar (apoio relacional) e financeiros (apoio económicos) (Déchaux, 1996). A primeira refere-se aos apoios que são prestados aos membros da família que estão em dificuldade temporária, e que é urgente apoiar. A segunda está associada a uma contra dívida, resultante do pagamento de uma dívida, ou seja uma dívida recebida anteriormente. A terceira diz respeito a um regime de prestação de apoio complementar aos apoios recebidos pelo sistema do Estado-providência (Fernandes, 2001). Estas relações apelam a trocas e a solidariedade entre as gerações, entre pais, filhos (trocas intergeracionais). Estas não têm um «sentido único», mas sim «múltiplos» sentidos, existindo uma «transmissão que assegura um espécie de redistribuição social» tal como existe no Estado-providência entre as gerações mais novas e as gerações mais velhas, associado ao contrato social entre as gerações dentro da própria família. Este contrato não é imposto, ele está implícito nas escolhas de cada membro dessa família, isto é, não existe uma entidade exterior que imponha essas regras contratuais mas é a própria família que as define (Carrilho, 1993).

As trocas decorrentes dos tipos de ajuda referidas anteriormente têm características multiformes e desiguais ao longo do ciclo de vida e seguem motivações múltiplas, designadamente a lógica das necessidades; o laço de reciprocidade e a complementaridade

A família tem sido considerada, em diversos estudos, como a principal fonte de suporte social para os idosos. A família não só acompanha diretamente como também fornece informação e defende direitos dos membros mais idosos, por forma a assegurar que estes recebam os serviços comunitários a que têm direito. No entanto a indisponibilidade das famílias é determinante para que os idosos vivam em casas de saúde ou, pelo, contrário, continuarem a viver em casa.

Com o aumento da esperança média de vida, muitos idosos acabam por prestar cuidados ao seu respetivo conjugue. Nos casos em que o conjugue idoso é prestador de cuidados, para além de enfrentar as responsabilidades 24 horas por dia, tem de lidar com o seu próprio envelhecimento. O relacionamento marital tem como função de suporte social crucial na maior parte da vida dos idosos. De entre todos os membros familiares, os conjugues são os melhores confidentes e que mais fornecem suporte (Hooyman, 1988). Tal como os conjugues, os filhos assumem igualmente um papel de substancial importância para a tomada de decisões ou para a prestação de apoio financeiro. Um aspeto curioso de referir é o facto de no caso de ser a filha a prestar cuidados aos seus pais, embora o marido aceite esse papel, não participa. Em contrapartida, se for o filho o

prestador de cuidados, a sua esposa (nora), também o auxilia (Horowitz, citado in Hooyman, 1988, P.318).

Como já foi referido, os principais prestadores de cuidados, tradicionalmente, são as mulheres (esposas, filhas e noras). A maior parte das mulheres assume, geralmente a responsabilidade dos cuidados primários apesar dos custos emocionais, financeiros e físicos que isso acarreta (Cantor, 1983). A prestação do suporte social é considerada como uma obrigação da família, sobretudo quando os idosos mais necessitam. O dever que os familiares, fundamentalmente os filhos, sentem em cuidar dos seus parentes, poderá resultar de dois aspetos: o respeito perante os próprios idosos, por acréscimo aos laços de afeto, e o dever perante a sociedade.

Apesar do apoio social proporcionado pela família ter um papel preponderante, verifica-se que este tem sido seriamente afetado, muitas vezes, a ponto de se tornar deficiente em consequência das características da sociedade contemporânea.

Nas famílias urbanas nucleares onde ambos os membros trabalham fora de casa torna-se uma problemática a permanência do idoso dependente, com as inúmeras carências e necessidades específicas representado, de certo modo, um “peso” para a família.

Assim perante as transformações sociais familiares, evidentes na sociedade portuguesa torna-se pertinente analisar a estrutura das relações sociais familiares, bem como a estrutura da rede de suporte social informal em que os idosos em estudo se inserem. As representações sociais variam ao longo da história ocidental e a velhice como categoria social, é uma construção resultante de diferentes conjunturas históricas.

Nas sociedades Tradicionais, o Velho surge como uma fonte de sabedoria, e por isso, elemento de respeito e de autoridade. A velhice era vista como um património da família e o dever de cuidar dos mais velhos apresentavam-se como regra social de convivência coletiva. Para P. Ariés, “A família Tradicional diluída numa extensa rede de vizinhos, amigos, parentes que sentem em permanência o peso da vida pública” (in Almeida, 1988, P.8). Este modelo de família corresponde a formas diversas de trocas no seio do espaço doméstico bem como no exterior e é condicionada por uma ordem social: parentela e a comunidade. O papel da Velhice nas Sociedades Modernas bem como os sistemas sociais de cuidado aos mais velhos têm sofrido mutações através das alterações das estruturas familiares, sociais, económicas e culturais. A Família Moderna afasta-se da comunidade (espaço público) para constituir com base na afeição num espaço privado, de

relação, onde os objetivos afetivos, ou expressivos, prevalecem às finalidades económicas. Está passagem denominou-se por privatização das relações familiares.

Com a instalação do capitalismo Industrial, a Família vai perdendo parte das suas funções de produção. O recrutamento massivo de mão-de-obra assalariada para as fábricas, desencadeou uma corrente migratória para a cidade, a entrada da mulher no mercado de trabalho entre outros fatores, originaram profundas transformações não só na estrutura familiar como também na distribuição de funções no seio da família. Neste sentido, para além do desenvolvimento das famílias nucleares, tem-se vindo a multiplicar outras formas, como famílias monoparentais ou famílias cujos conjugues se encontram separados ou divorciados. O grupo de parentesco torna-se menos uma força coletiva para se definir cada vez mais pelas suas funções de consumo. A reflexão sobre as transformações da família Moderna foi alvo de inúmeros trabalhos no campo da Sociologia, entre os quais se destaca Durkheim, Weber e Parsons, entre outros.

Num mundo complexo como o atual, a relação profissional é aquela que hoje determina uma grande parte do nosso núcleo de amizades, através das quais são criados os denominados amigos de trabalho. No entanto, as relações que se estabelecem entre pessoas divergem de acordo com o meio a que se reporta. No meio rural e por ser um meio de menor dimensão transparece uma maior disponibilidade de tempo, que no meio urbano. Este tempo, de certa forma desocupado, facilita as oportunidades de convívio com amigos e vizinhos. A proximidade e os contactos que o idoso estabelece com os amigos e vizinhos leva a que estes sejam procurados e chamados a intervir mais do que a própria família. Geralmente, estes contatos são baseados na reciprocidade, mas também um cariz voluntário.

No caso dos amigos a necessidade da assistência é previsível e pode estar relacionada com a conveniência desse apoio. No entanto, o suporte prestado pelos amigos não é entendido como obrigatoriedade, sendo o apoio por eles prestado encarado como um ato excepcional de importância, por ocorrer de forma espontânea. As relações de amizade podem ser bastante compensatórias para os idosos por não implicarem diretamente uma obrigatoriedade, mas antes uma cumplicidade entre eles. Podem ter, deste modo, um papel com maior relevo do que as relações familiares, no envolvimento do idoso com a comunidade (Hooyman e Kiyak;1993)

As relações de amizade e vizinhança tomam um significado preponderante quando o idoso não tem filhos ou estes se encontram bastante afastados fisicamente. Neste sentido o suporte social prestado pelos amigos e vizinhos tende a assumir efeitos mais positivos comparativamente ao

suporte familiar. Em casos mais extremos, quando os idosos não têm condições e capacidades de continuar na própria casa e/ou não possuem uma estrutura familiar onde se possam manter, o último recurso é o internamento no lar. Este compõe-se essencialmente de apoio residencial coletivo, onde são prestados todos os serviços quotidianos, como refeições, tratamento de roupas e cuidados de higiénico e médico.

Como seria de supor, as redes informais (familiar, vizinhança, e amigos) são consideradas as redes “naturais” de solidariedade, aqueles que continuam a ser as mais espontâneas na assistência aos idosos. Os extensos laços familiares, complementados pelos laços de amizade representam para as pessoas de idade a continuidade do seu papel social, seja como pai, avó, sogro, tio ou amigo. Daqui depreendem os seus esforços para procurar nas redes informais a estabilidade afetiva e apoio em caso de necessidade. Este facto reforça os comportamentos e atitudes dos idosos para manterem o mais tempo possível os laços familiares que influenciam, para melhor, o bem-estar dos seus membros mais velhos.

A grande maioria dos idosos, vê a sua ida para a instituição como uma quebra de laços com a sua família, amigos e vizinhos. Contudo Pais (2006) salienta que “a frustração do internamento no lar é contrabalançada pela desculpabilização dos filhos em relação a possíveis ressentimentos ou recalamentos por falta de apoio.” (Pais, 2006; P.146). Segundo Marjorie Cantor (1989:102) “A família ou outras redes informais são vistas pelos idosos como extensões de si próprios (...)” Para a autora parece não haver dúvida sobre o fato das pessoas de idade esgotarem em primeiro lugar o recurso à ajuda familiar, de vizinhança e amigos e só depois pedirem apoio às redes formais. Embora se conheçam algumas alterações no seio da família, não se verifica, no entanto, o desaparecimento da solidariedade entre gerações.

Este processo não implica que não haja transferência de determinados cuidados da rede informal para a formal, por exemplo, quando existe agravamento de situações de dependência, de incapacidade somática ou intelectual e de segregação dos idosos (Cantor, 1989 e Hugonot, 1989)

Para o presente estudo pretende-se compreender na rede de apoio social a intensidade e frequência dos contactos recíprocos entre as pessoas de idade e os membros da rede (dimensão interativa) e, por outro lado, a coabitação, a densidade e proximidade dos membros (estrutura). A densidade da rede consiste na diversidade dos membros que compõem. Este componente da rede interliga-se com os anteriores, na medida em que quanto mais membros houver maior será a mobilização de intervenientes em caso de necessidade de ajuda e a propensão para receber visitas. Neste contexto, entendemos por densidade dos contatos a diversidade de pessoas vista

regularmente uma ou duas vezes por semana (Le Disert et al., 1989; P. 62) e por proximidade dos membros a maior ou menor distância a que estes se encontram dos idosos

Dadas às características de cada componente, todos influenciam, direta ou indiretamente, a satisfação familiar, contribuindo para a provisão das necessidades sociais e de bem-estar para a qualidade de vida dos idosos

3.2 - Funções e efeitos

As redes de apoio social podem desempenhar duas funções: a de suporte social e a de sociabilidade. “O suporte social é o que a pessoa idosa recebe ou pode receber e corresponde à dimensão passiva das relações na rede. A sociabilidade é o contacto social estabelecido, é o investimento do individuo na sua rede social. Ela corresponde à dimensão critica das relações da pessoa idosa”.(Grand et al., 1988; P.52) De acordo com Patrick O’Reilly (1988; P.869) “Tais redes têm uma variedade de funções, das quais a provisão de suporte social é uma delas. O suporte social é prestado através dos comportamentos ou ações dos membros de uma rede e comunicado através da estrutura da rede”.

Como já referimos, o suporte social é entendido como os contactos que se estabelecem entre a rede social e os idosos, assim como, a ajuda prestada às pessoas de idade em caso de necessidade, principalmente, nos cuidados de saúde, nos assuntos administrativos, ajuda financeira, e apoio material e efetivo. A escolha por estes tipos de ajuda prende-se essencialmente com a sua natureza, isto é, os primeiros tipos são mais virados para a ajuda quotidiana, que exigem a presença assídua de um ajudante. Contrariamente, nos dois últimos tipos, a ajuda assídua de um ajudante já é prescindível. A. Grand (1988) acrescenta uma outra função, a de sociabilidade. Esta é entendida como o contacto social no sentido Idoso — Rede, mostrando os papéis que as pessoas de idade podem desempenhar nos seus grupos de pertença. Enquanto esta função corresponde à dimensão ativa das relações estabelecidas entre os idosos e a sua rede, o suporte social, pelo contrário, corresponde à dimensão passiva dessas relações, ou seja, os idosos como recetores.

Ambas as funções podem dividir-se em informal e formal, embora haja a tendência para se confundir o suporte social com a ajuda unicamente formal. No entanto, o termo suporte social engloba a assistência formal prestada por médicos, enfermeiros assistentes sociais e outros profissionais e a ajuda informal provenientes do conjugue, filhos, amigos e vizinhos.

Segundo os autores Briançon e al., “ (...) o número de amigos, a possibilidade de fazer confidências a alguém (...) estão diretamente relacionados com o suporte social” (Briançon et al, 1985; P.55). Para a análise das funções dos suportes sociais torna-se necessário, desde logo, distinguir diferentes tipos de apoios existentes. Neste sentido, e de acordo com Cantor (1975), considera-se quatro tipos fundamentais:

- ✓ Apoio emocional – Refere-se aos cuidados, empatia amor e confiança que os outros atribuem aos indivíduos
- ✓ Apoio instrumental – Consiste em prestar um tipo de ajuda explícita como realizar qualquer tarefa de âmbito doméstico
- ✓ Apoio de informacional- Corresponde a uma tarefa de informação que pode contribuir para a resolução de um problema ou para a diminuição de um factor stressante.
- ✓ Suporte Avaliativo- Significa o envio de informação que o individuo usa na sua autoavaliação e confirmação

Uma outra classificação possível surge ainda com Barreta, Sandler e Ramsey ², no qual os comportamentos de suporte social se encontram subdivididos em: Suporte Emocional; Ajuda Direta ou Material; Suporte informacional.

Wills (citado por Cruz, 2001) propunha quatro tipos de apoio social, que consistiam em:

- ✓ Apoio à estima – é aquele em que um grupo de pessoas contribui para aumentar a auto estima do próprio indivíduo;
- ✓ Apoio informativo – em que existem pessoas que estão disponíveis para oferecer conselhos; acompanhamento social - engloba o apoio conseguido através de atividades sociais;
- ✓ Apoio instrumental - diz respeito a toda a ajuda do tipo físico.

Oxford (1992), propõe cinco funções de apoio social, que compreendem: suporte emocional, suporte de estima, suporte informativo, suporte instrumental e ainda a socialização. Barrón (1996) sugere um modelo mais simples e integrador que passa pelo, apoio emocional, apoio material e instrumental e apoio de informação.

² Citado in Markides, Cooper, (1989 : 247-248)

- ✓ O apoio emocional – diz respeito à disponibilidade de alguém com quem se pode falar, e inclui as condutas que fomentam sentimentos de bem-estar afetivo. Estes fazem com que o sujeito se sinta querido, amado e respeitado e integram expressões ou demonstrações de amor, afeto, carinho, simpatia, empatia, estima.
- ✓ Apoio material e instrumental – caracteriza-se por ações ou materiais proporcionados por outras pessoas e que servem para resolver problemas práticos e/ou facilitar a realização de tarefas quotidianas. Este tipo de apoio, tem como finalidade diminuir a sobrecarga das tarefas e deixar tempo livre para atividades de lazer. O apoio material só é efetivo, quando o recetor percebe esta ajuda como apropriada. Se isto não acontece a ajuda é avaliada como inadequada, o que pode acontecer sempre que o sujeito sente ameaçada a sua liberdade ou se sente em dívida.
- ✓ Apoio de informação – refere-se ao processo através do qual as pessoas recebem informações ou orientações relevantes que as ajuda a compreender o seu mundo e/ou ajustar-se às alterações que existem nele.

Vaz Serra (1999) diferencia seis tipos de funções nomeadamente:

- Apoio afetivo – faz com que as pessoas se sintam estimadas e aceites pelos outros, apesar dos seus defeitos, erros ou limitações, o que contribui para melhorar a autoestima;
- Apoio emocional – corresponde aos sentimentos de apoio e segurança que a pessoa pode receber e que a ajuda a ultrapassar os problemas;
- Apoio percetivo – ajuda o indivíduo a reavaliar o seu problema, a dar-lhe outro significado e a estabelecer objetivos mais realistas;
- Apoio informativo – constitui o conjunto de informações e conselhos que ajudam as pessoas a compreender melhor as situações complexas, facilitando a tomada de decisões;
- Apoio instrumental – ajuda o indivíduo a resolver problemas através da prestação concreta de bens e serviços;
- Apoio de convívio social – conseguido através do convívio com outras pessoas e atividades de lazer ou culturais, que ajuda a aliviar as tensões e faz a pessoa sentir-se não isolada e participante de determinada rede social.

Segundo Vaz Serra (1999), o papel protetor das forças sociais sobre o homem e a sua influência no bem-estar e qualidade de vida são hoje indiscutíveis. Confirmam-no diversas investigações das quais destacamos as do autor:

- Estabelecerem elos afetivos mais firmes aumentando assim a segurança;
- Contribuírem para a integração social dos indivíduos favorecendo o reconhecimento, valor e competências do indivíduo;
- Possibilitarem as trocas (dar e receber) conselhos e informações orientadoras;
- Proporcionarem aos seres humanos, a prestação de cuidados a outras pessoas reforçando deste modo sentimentos de utilidade.

Para Barrón (1996) o apoio social produz sobre os indivíduos dois tipos de efeitos:

- O efeito direto: sobre o bem-estar quanto maior for o apoio social menor será o mal-estar psicológico experimentado e quanto menor for o apoio social maior será a incidência dos transtornos.
- O efeito protetor ou amortizador na medida que este atua como moderador de outras forças que também influenciam o bem-estar. Neste caso, as situações indutoras de stress só teriam efeitos negativos nos indivíduos que possuíssem um apoio social baixo.

Tende a haver consenso geral que o domínio de suporte social é multidimensional e que aspetos diferentes do suporte social têm impacto diferente nos indivíduos ou grupos. Dunst e Trivette (1990) sugerem a existência de cinco componentes de suporte social interligados. Os componentes identificados são: componente constitucional (inclui as necessidades e a congruência entre estas e o suporte existente), componente relacional (estatuto familiar, estatuto profissional, tamanho da rede social, participação em organizações sociais) componente funcional (suporte disponível, tipo de suporte tais como emocional, informacional, instrumental, material, qualidade de suporte tal como o desejo de apoiar, e a quantidade de suporte), componente estrutural (proximidade física, frequência de contactos, proximidade psicológica, nível da relação, reciprocidade e consistência), e componente satisfação (utilidade e ajuda fornecida).

Weiss (1974) propunha seis dimensões do suporte social: intimidade, integração social, suporte afetivo, mérito, aliança e orientação. Dunst e Trivette (1990) apresentam as seguintes dimensões de suporte social que, consideram, se têm mostrado importantes para o bem-estar e qualidade de vida dos idosos:

- 1) Tamanho da rede social, abrangendo o número de pessoas da rede de suporte social;

- 2) Existência de relações sociais, abrangendo das relações particulares tais como o casamento, às gerais como as que decorrem da pertença a grupos sociais tais como clubes;
- 3) Frequência de contactos, para designar quantas vezes o indivíduo contacta com os membros da rede social tanto em grupo como face a face;
- 4) Necessidade de suporte, para designar a necessidade de suporte expressa pelo indivíduo;
- 5) Tipo e quantidade de suporte, para designar o tipo e quantidade de suporte disponibilizado pelas pessoas que compõem as redes sociais existentes;
- 6) Congruência, para referir a extensão em que o suporte social disponível emparelha com a que o indivíduo necessita;
7. Utilização, para referir a extensão em que o indivíduo recorre às redes sociais quando necessita;
8. Dependência, para exprimir a extensão em que o indivíduo pode confiar nas redes de suporte social quando necessita;
9. Reciprocidade, para exprimir o equilíbrio entre o suporte social recebido e fornecido;
10. Proximidade, que exprime a extensão da proximidade sentida para com os membros que disponibilizam suporte social;
11. Satisfação, que exprime a utilidade e nível de ajuda sentidos pelo indivíduo perante o suporte social.

Sarason et al. (1985) concluem que a satisfação com o suporte social disponível é uma dimensão cognitiva com um importante papel na redução do mal-estar. Hohaus e Berah (1996) verificaram que a satisfação com o suporte social é uma das variáveis que estão associadas à satisfação com a vida.

3.3 - Modelos:

As relações entre os dois tipos de redes de suporte, podem ser de complementaridade, ou de substituição. Vários autores têm refletido sobre este relacionamento entre o sistema formal e informal. Consideramos pertinentes para o estudo que pretendemos efetuar abordar quatro modelos de Epistemologia Social, de forma a permitir-nos um melhor entendimento da Rede Social, isto é, saber quais os membros e que tipo de apoio social, formal ou informal, é chamado a prestar suporte social.

Com o intuito de conhecer a quem essas pessoas recorrem, reportamos a quatro modelos citados por Le Desert e al (1989). Para acabar com o mito de que os idosos se encontram isolados das suas famílias, Ethel Shanas (1970 e 1980) realizou vários estudos nos Estados Unidos que vieram a comprovar a importância que têm os laços familiares para estas pessoas. De acordo com o seu modelo, o Modelo de Substituição, a ajuda levada a cabo pelos membros da família é concebida a partir de uma ordem em série, ou seja, a família é apresentada como a principal fonte de ajuda, mas dispendo por ordem os seus membros. Assim o conjugue é a escolha prioritária e aparece-nos como ajudante principal, seguindo-se os filhos em caso de incapacidade ou ausência daquele. Em caso de indisponibilidade dos filhos este modelo abrange ainda vizinhos e os amigos.

Para o autor, a família imediata (conjugue e/ou filhos) é o maior e preferido recurso de assistência para pessoas de idade, enquanto os serviços sociais são raramente usados. Reconhece que a família extensa pode oferecer vantagens para os seus membros idosos, mas poucas prevenções têm sido feitas para incentivar os mais jovens a continuar o papel de ajudante aos mais velhos.

A Teoria de Cantor ou Modelo Hierárquico Compensatório, defende uma hierarquia na escolha dos elementos de suporte. O suporte social aos idosos é conduzido por uma lógica preferencial assente num processo ordenado e numa seleção hierárquica compensatória que a autora designou por Teoria Hierárquica Compensatória de Suporte Social (Cantor, 1991). De acordo com a autora a família, em especial os filhos, são para os idosos a fonte principal para prestar o suporte social. Os amigos e vizinhos aparecem apenas quando os filhos estão impossibilitados. De qualquer forma prevalece o recurso à rede informal. Quando os elementos da rede informal são inexistentes, indisponíveis pela escassez de tempo, por problemas económicos ou por incapacidade em responder, os idosos e as famílias solicitam o apoio dos serviços formais. Este último constitui o último recurso. Segundo Marjorie Cantor (1991), as pessoas idosas vêm a ajuda informal como a primeira escolha e por isso procurarão a ajuda informal como a primeira e a ajuda estatuída somente se eles sentirem necessidade de recursos que não são vantagens, sem excessivos custos, dentro da sua rede informal. A hierarquia que dá o nome a este modelo revela-se mais entre os tipos de rede, com a primazia da informal e o da família. Todavia, para a autora “quando o conjugue existe e está apto, torna-se numa ajuda sempre presente e constante, sem afetar a assistência dos filhos. Por outro lado, a rede de vizinhança e amigos, assim como as redes formais funcionam como um mecanismo compensatório na falta e/ou indisponibilidade dos familiares” (Cantor, 1991; P.38), ilustrando a dinâmica do modelo. Segundo a autora, os serviços providenciados pelo sistema formal ou informal dependem dos níveis de incapacidade funcional e do grupo etário.

A Teoria das Tarefas Específicas ou a Teoria das Funções Partilhadas concebido por Eugene Litwak (Adams et al., 1989) privilegia a natureza da tarefa, isto é, cada tipo de rede social desempenha tarefas específicas. Esta teoria parte do pressuposto de que as tarefas desempenhadas pelos dois tipos de redes são dependentes da estrutura de cada grupo, ou seja, se nas redes informais os cuidados não requerem conhecimento técnico, nas redes formais desempenham-se funções que necessitam de um conhecimento técnico especializado e profissional. Apesar da sua estrutura oposta, o autor reconhece que ambas são complementares e interdependentes e podem coordenar esforços no sentido de manter o idoso no domicílio. Por outro lado, considera que os recursos comunitários não possuem uma estrutura que permita assegurar as tarefas de suporte a idosos dependentes em domicílio. Os serviços formais não podem compensar totalmente a ausência da rede familiar. O autor refere ainda que a assistência permanente que envolve um compromisso a longo prazo e de maior intimidade está mais indicada para a família. No entanto quando existem fatores que limitam a presença familiar, os vizinhos ajudam nas situações de emergência e de maior rapidez, dada a sua proximidade física. Para Litwak a ajuda dada pelos vizinhos é uma ajuda espontânea mais afetiva e emocional, uma vez que este não sente a obrigação de o fazer

Na década de 60, os trabalhos de Laslett e Wall e do grupo de Cambridge, citados por Portugal (2006, p 80), criticam vivamente a perspetiva de Litwak. Estas críticas vão no sentido de considerar a perspetiva que o autor apresenta como ideal, mas na prática, as tarefas nunca se dividem de forma tão precisa entre a rede formal e informal, sendo o contributo da pessoa idosa totalmente ignorado. Contudo estes autores salientam que pode existir uma complementaridade entre as duas redes, o que não é sinónimo de uma divisão de tarefas tão demarcada como Litwak tentou definir.

Por ultimo, o Modelo da Especificidade Funcional das relações sociais no qual se baseia na ideia de que os indivíduos têm algumas necessidades que só podem ser satisfeitas através de determinadas relações sociais. Estas tornam -se tão especializadas quanto essas necessidades, sendo importantes para o bem-estar do indivíduo. Este modelo contempla associações que procuram dar resposta as necessidades dos seus membros através de funções específicas estabelecendo para isso um envolvimento social também ele específico e próprio.

Podemos verificar que no Modelo da Substituição de Shanas assim como no Modelo Hierárquico Compensatório de Cantor, ambos defendem uma ordem de preferência na escolha dos agentes

de suporte onde a família aparece em primeiro lugar, sendo substituída por não familiares em caso de ausência ou indisponibilidade. A primazia das relações entre o modelo da rede que ajuda o idoso, tal como defendem a posição prioritária entre a família no suporte social. O primeiro seguindo o princípio da substituição, o outro, a preferência hierárquica e compensatória, fundamentalmente, entre as redes sociais. Por sua vez, estes modelos dão maior importância à relação entre o ajudante e ajudado, ao contrário do modelo de Litwak, para o qual a natureza da tarefa e as características dos elementos de suporte são o mais importante.

Cada um dos modelos apresenta aspetos próprios, inerentes as suas características de diferenciação. Estas tipologias têm sido alvo de algumas críticas, nomeadamente por ignorarem a pessoa idosa como ator do seu próprio suporte e por preconizarem a tese da substituição das redes informais pelas redes formais. (Vezine, et al. 1989, cit. Ana Paula Martins Gil, 1999)

CAPITULO III

4 - ENVELHECIMENTO, ALGUNS DILEMAS

As representações sociais variam ao longo da história ocidental e a velhice como categoria social, é uma construção resultante de diferentes conjunturas históricas. Nas sociedades tradicionais, o velho surge como uma fonte de sabedoria, e por isso, elemento de respeito e de autoridade. A velhice era vista como um património da família e o dever de cuidar dos mais velhos apresentavam-se como regra social de convivência coletiva. Para P. Ariés, “A família tradicional diluída numa extensa rede de vizinhos, amigos, parentes que sentem em permanência o peso da vida pública” (Almeida, 1988,P.8). Este modelo de família corresponde a formas diversas de trocas no seio do espaço doméstico bem como no exterior. A família tradicional é uma família que está voltada para o exterior e era condicionada para uma ordem social: parentela e a comunidade. Na família tradicional cabia ao homem a responsabilidade de prover, através de uma atividade remunerada, o sustento da família, enquanto a mulher se dedicava à vida doméstica, ao cuidado dos filhos e dos familiares mais idosos.

O papel da velhice nas sociedades modernas bem como os sistemas sociais de cuidado aos mais velhos têm sofrido mutações através das alterações das estruturas familiares, sociais, económicas e culturais. A família moderna afasta-se da comunidade (espaço público) para constituir com base

na afeição num espaço privado, de relação, onde os objetivos afetivos, ou expressivos, prevalecem às finalidades económicas. Está passagem denominou-se por privatização das relações familiares. Com a instalação do capitalismo industrial, a família vai perdendo parte das suas funções de produção. Os recrutamentos massivos de mão-de-obra assalariada para as fábricas, que desencadeou uma forte corrente migratória para a cidade, a entrada da mulher no mercado de trabalho, entre outros fatores, originaram profundas transformações não só na estrutura familiar, como também na distribuição de funções no seio da família. Neste sentido, para além do desenvolvimento das famílias nucleares, tem-se vindo a multiplicar outras formas, como famílias monoparentais ou famílias cujos conjugues se encontram separados ou divorciados. O grupo de parentesco torna-se menos uma força coletiva para se definir cada vez mais pelas suas funções de consumo.

A reflexão sobre as transformações da família moderna foi alvo de inúmeros trabalhos no campo de Sociologia, entre os quais se destaca Durkheim, Weber e Parsons, entre outros. De acordo com Treas e Passuth (1988), a Sociologia estuda o fenómeno do envelhecimento das Sociedades em três grandes vertentes: a da idade, a do envelhecimento e a da velhice. A sociologia da Idade caracteriza-se pela atenção dada aos processos sociais e as estruturas sociais que transcendem o indivíduo. A idade é vista como o princípio organizativo da sociedade, ou seja, como um meio de institucional de adquirir papéis. Existem conflitos, diferenciações e também adaptações decorrentes das diversas circunstâncias que envolvem cada grupo de idade. Nesta perspectiva, o interesse no estudo incide não na vida individual, mas antes na sequência de papéis ou de posições estruturais.

A sociologia do envelhecimento, embora tenha a mesma orientação teórica da sociologia da idade, centra-se nas explicações das intimidades e mudanças do ciclo de vida individual e nas adaptações necessárias à transição etária e social. Por fim a sociologia do envelhecimento ou da terceira idade, nascida das preocupações dos reformados sociais, orienta-se essencialmente para o modo de vida idosa encarada como problema social. Destacam-se aqui estudos sobre a relação entre a velhice e a manutenção de papéis sociais sobre o problema dos suportes sociais, sobre a reforma e solidão dos idosos e sobre o olhar que a sociedade deita a este grupo específico

O envelhecimento humano é entendido como um processo de carácter individual que com o avançar da idade acarreta transformações físicas e psicológicas. Vai implicar diferentes capacidades, papéis e privilégios. Para além desta diferenciação, os idosos preocupam-se ainda em desmentir os estereótipos negativos sobre os seus problemas e capacidades. Atendendo a que

o envelhecimento da população submeterá os laços de solidariedade familiar e institucional a fortes tensões, é importante fazer a distinção entre velhice e envelhecimento.

Por envelhecimento entende-se um processo essencialmente biológico, ou seja, corresponde a uma noção biológica de desenvolvimento dos indivíduos. Como processo biológico o envelhecimento traduz-se “numa diminuição das capacidades de adaptação ao meio e as agressões da vida: as reações são mais lentas e os reequilíbrios do organismo precisam de mais tempo para a sua recuperação” (Hespanha, 1993; P.318).

Podemos definir velhice como a fase integrante do ciclo de vida do homem resultante de um processo dinâmico, diferencial e heterogéneo – o único na ordem das espécies biológicas que pode ser interpretado e orientado (Quaresma, 1988). A velhice é socialmente construída, refletindo a forma como cada sociedade conceptualiza esta fase. De acordo com os seus valores e organização social, uma vez que os critérios de entrada na velhice são diferentes de uma época para outra e de sociedade para sociedade. Sociologicamente podemos definir velhice como quando se tem a sua sociabilidade inteiramente dominada pelo fogo das relações sociais que unem entre si os membros da sua família.

A velhice representa a etapa da vida no qual o volume e conteúdo das trocas são em função dos laços construídos com a família. De modo geral, esta fase é marcada pela saída dos indivíduos do ciclo produtivo, podendo acarretar problemas de vária ordem e condicionar o estatuto social, económico e cultural das pessoas de idade. Dai, que os problemas destas pessoas sejam objeto de uma política social específica, isto é, medidas de proteção social, jurídica, económica e cultural, não esgotando, contudo, a preocupação a se ter com este grupo etário.

A evolução demográfica mostra-nos atualmente a coexistência de duas gerações de idosos. Embora este facto não constitua por si só um problema, pode, no entanto, gerar um problema social. Tendo em conta a acentuação da invalidez resultante de doenças agravadas pelo avanço da idade, tornando os idosos cada vez mais dependentes e, por outro lado, a existência de duplas gerações faz com que estes “velhos” sejam ajudados pelos filhos – idosos, também estes no limiar da velhice. No que se refere ao envelhecimento, Maria de Lurdes Quaresma define-o como sendo “(...) um processo biológico complexo qual concorrem fatores de ordem biológica, social e económica e cultural, agindo no sistema de relações indivíduo, sociedade meio ambiente”(Quaresma, 1988; P. 227).

Assim, o envelhecimento compreende não só o processo de declínio biológico, mas também todo o processo de desenvolvimento do ciclo de vida, cuja dinâmica social é responsável pelo maior ou menor prestígio dos indivíduos. A tendência de se pensar o processo de envelhecimento como algo negativo em termos sociais onde adaptação, a integração, a atividade e a satisfação da vida são postas em causa, são questões que se colocam nas sociedades ocidentais contemporâneas. De facto, o significado de envelhecer reflete os valores dominantes de cada sociedade.

4.1 - O Envelhecimento em Portugal

Um ponto de partida essencial para a formulação problemática da velhice na atualidade é o envelhecimento das populações, que se processa a um ritmo acelerado, com tendência a acentuar-se, não só no topo, com o aumento dos mais velhos, mas também na base, com a redução dos mais novos. O envelhecimento da população representa um dos fenómenos demográficos mais preocupantes das sociedades modernas do século XXI. Este fenómeno tem marcadamente reflexos de âmbito sócio – económico com impacto no desenho das políticas sociais e de sustentabilidade, bem como alterações de índole individual através da adoção de novos estilos de vida.

O envelhecimento é também uma característica dominante da população portuguesa. A evolução demográfica em Portugal tem-se revelado pouco dinâmica, predominando uma estrutura etária progressivamente envelhecida. Há 30 anos, em 1981, cerca de ¼ da população pertencia ao grupo etário mais jovem (0-14 anos), e apenas 11,4% estava incluída no grupo etário dos mais idosos (com 65 ou mais anos). As características demográficas da população revelam que se agravou o envelhecimento da população na última década. Em 2011, Portugal apresenta cerca de 15% da população no grupo etário mais jovem (0-14 anos) e cerca de 19% da população tem 65 ou mais anos (INE,2011) Esta propensão que se tem manifestado de forma crescente, fomentará um desequilíbrio considerável entre as gerações, ou seja, o aumento dos mais velhos é relativamente emolado pela redução dos mais novos, contribuindo, desse modo, para o agravamento do desequilíbrio intergeracional.

Os Censos 2011 revelam ainda que, na última década, o índice de dependência total³ aumentou de 48 em 2001 para 52 em 2011. O agravamento do índice de dependência total é resultado do aumento do índice de dependência de idosos⁴ que aumentou cerca de 21% na última década. O índice de dependência de jovens teve, no mesmo período, um comportamento contrário, assinalando uma diminuição de cerca de 6%.

Este fenómeno de envelhecimento é sustentado, essencialmente, pelos efeitos conjugados do aumento da esperança média de vida e pela diminuição da taxa de natalidade. Uma avaliação numérica deste processo pode ser retirada das seguintes comparações: em 1900, apenas 5,7% da população total tinha mais de 65 anos. Em 1950 esta proporção aumentou ligeiramente para 7% e presentemente a proporção praticamente duplicou para 14%. Esta diferença, proporcional do início para o final do século, representa, em termos absolutos, que o número de homens cuja idade ultrapassa os 65 anos foi multiplicado por 4,5 e o das mulheres por 5,0. Por cada 100 homens desta idade, em 1900, encontramos 455, em 1999. Do mesmo modo, a cada 100 mulheres, nessa data, correspondem agora 500 (Fernandes, 1997).

O fenómeno do envelhecimento populacional continua a revelar-se mais acentuado nas mulheres, refletindo a sua maior longevidade. Segundo os censos de 2010, 98 e 144 idosos por cada 100 jovens, respetivamente para homens e mulheres, em 2010 (INE, 2010) Hoje, continua a verificar-se a tendência do predomínio do número de mulheres face ao de homens.

Portugal mantém as tendência de envelhecimento demográfico, entre 2005 e 2010, a proporção de jovens (população dos 0 aos 14 anos de idade) decresceu de 15,6% para 15,1% da população residente total. No mesmo período, a proporção de indivíduos em idade ativa (população dos 15 aos 64 anos de idade) também se reduziu de 67,3% para 66,7%, verificando-se simultaneamente o aumento da percentagem de idosos (população com 65 ou mais anos de idade) de 17,1% para 18,2% (INE, 2010).

O fenómeno do duplo envelhecimento da população, caracterizado pelo aumento da população idosa e pela redução da população jovem, continua bem vincado nos resultados dos Censos 2011. Portugal apresenta cerca de 15% da população no grupo etário mais jovem (0-14 anos) e cerca de 19% da população tem 65 ou mais anos de idade (INE, 2011)

3 Relação entre a população jovem e idosa e a população em idade ativa. Definido habitualmente como a relação entre a população com 0-14 anos conjuntamente com a população com 65 ou mais anos e a população com 15-64 anos. (INE, 2011)

4 Relação entre o número de idosos e a população em idade ativa. Definido habitualmente como a relação entre a população com 65 ou mais anos e a população com 15 – 64 anos. (INE 2011)

Os últimos censos, revelam que na última década, o índice de dependência total aumentou de 48 em 2001 para 52 em 2011 (INE,2011). Este agravamento é resultado do aumento do índice de dependência de idosos que aumentou cerca de 21% na última década.

Os resultados atrás descritos refletem o perfil demográfico do país caracterizado por um aumento da população mais idosa e pela diminuição da população mais jovem, motivado sobretudo pela diminuição da natalidade. Estamos perante transformações estruturais que, quando associadas às mudanças de comportamento face à nupcialidade e à família, conduzem a configurações familiares distintas das que encontramos no passado. As trajetórias de vida mais longas e as perturbações das idades da vida afetam não só as consciências individuais como o modo como os indivíduos se relacionam na teia das relações estritas do seio familiar. As idades e os ciclos de vida sofrem perturbações que põem em causa o nosso conhecimento construído e a forma como ele interfere nas estratégias individuais e coletivas face à velhice e ao envelhecimento. Se as representações tradicionais de velhice construídas ainda num passado recente, onde indivíduos de 60 ou 65 anos teriam provavelmente alcançado a idade da velhice. Hoje questiona-se até que ponto este limiar instituído se adequa as características das sociedades modernas. Caminhamos para uma sociedade diferente da que até então conhecemos. Uma sociedade onde as probabilidades de morte na infância e na adolescência baixaram a ponto de se tornarem impercetíveis pela estatística. A mortalidade concentra-se hoje, nas idades avançadas. Uma tal evolução contribui duplamente para empolar o envelhecimento: há mais gente a sobreviver e aumentou o termo final de vida média.

4.1.1 O Envelhecimento no Alentejo

O Alentejo estende-se por uma área de grande dimensão, correspondente de 1/3 do território nacional, encontra-se repartida por quatro sub-regiões que correspondem ao Alto Alentejo, Alentejo Central, Baixo Alentejo e Alentejo Litoral.

O Alto Alentejo, caracteriza por possuir a estrutura etária mais envelhecida da região. O Alentejo Litoral corresponde à sub-região que apresenta o menor grau de envelhecimento, tanto na base como no topo da estrutura da população residente, sendo que aquela, que ao mesmo tempo, possui a maior proporção de população em idade ativa. No Baixo Alentejo, os concelhos desta

sub-região apresentam um número maior de idosos residentes que jovens.

Relativamente aos concelhos do Alentejo Central, é possível verificar também uma maior proporção de idosos relativamente aos jovens. Na década de 70, verifica-se uma evolução positiva no Alentejo Central e Litoral devido ao retorno da população das ex-colónias e a fenómenos de ordem sócio cultural. No Baixo Alentejo, anos 80, acentuou-se o decréscimo populacional e no Alto Alentejo nenhum dos seus concelhos registrou aumentos populacionais. No Alentejo Central, os valores são bastante significativos, verificando-se um decréscimo populacional. No entanto a redução menor ocorre na faixa etária dos 25-65 anos. Dos vários estudos efetuados à região do Alentejo sobressai o aumento populacional até 1950, e após esta data um decréscimo que se tem verificado até aos nossos dias. A região perdeu 1/3 da sua população, da década de 50 até agora. Até aos meados do século, o Alentejo absorveu excedentes populacionais que vinham de outras regiões do país. A partir de 1950, assiste-se a alterações no sector económico que levam muitas pessoas a saírem da região Alentejana para zonas Industriais. Neste período apenas os concelhos de Portalegre, Vila Viçosa e Évora tiveram decréscimos inferiores a 10%.

O Alentejo, que se caracteriza por ser a região mais envelhecida do País, e uma das mais envelhecidas da Europa, apresentava em 1991, uma pirâmide de idades com uma base muito reduzida, devido ao pequeno número de jovens, e um topo com um efetivo muito elevado de idosos. Caracterizando-se por isso por possuir uma estrutura demográfica duplamente envelhecida o Alentejo apresenta a menor percentagem de jovens (13,3%), e simultaneamente a maior percentagem de pessoas idosas (23,1%) (INE,1999) Verificou-se, em 2010, que o Alentejo continua a apresentar as mais baixas proporções de população jovem (14,1%) e um peso elevado de população idosa (21,7%), encontrando-se este valor bastante acima ao observado para Portugal (15,3%). (INE, 2010)

As alterações verificadas nos últimos anos na estrutura das atividades económicas dominantes traduziram-se numa redução drástica da atividade agrícola dando origem a alterações demográficas, que se manifestaram quer ao nível do efetivo populacional, quer na forma como essa população se distribui pela região. A região do Alentejo tem vindo sofrer algumas alterações, designadamente o declínio acentuado da atividade agrícola e o aumento dos serviços que se concentram nos lugares de maior dimensão, o que conduziu à redução do efetivo populacional, que se tem vindo a tornar cada vez mais envelhecido, particularmente nas zonas rurais. Este decréscimo e envelhecimento da população está também interligado com a migração interna. Encontrando-se debilitado o tecido económico da região, devido à fraca industrialização, os

jovens e desempregados do sector agrícola, não sendo absorvidos pelo mercado de trabalho regional, procuram, sobretudo os primeiros, melhores condições de vida e trabalho em regiões mais desenvolvidas e mais atrativas. Em relação aos que toda a vida as suas atividades foram na agricultura, e pelo facto de as suas qualificações escolares e profissionais serem reduzidas, não têm motivações e força de vontade suficientes para apostarem na mudança, quer em termos de procura de emprego numa outra atividade, quer para uma possível migração para outra região ou País.

As alterações ocorridas na estrutura da população revelam diferentes comportamentos a nível regional, apesar do fenómeno do envelhecimento demográfico se generalizar em todo o território. Em 2050, o Índice de Envelhecimento ascenderá a 243 idosos por cada 100 jovens, e a proporção de pessoas idosas no total da população será de 32%. Contudo, quando se compara a um nível geográfico mais fino ficam bem evidentes as assimetrias regionais, constatando-se também que o processo do envelhecimento demográfico será uma realidade em todas as regiões e sub-regiões

Em suma, a região do Alentejo apresenta em termos demográficos e em relação ao País um acentuado aumento de idosos e uma diminuição de jovens. Como iremos verificar adiante, o concelho de Estremoz assume características semelhantes à região em que está inserido, por isso se justifica este enquadramento a nível regional.

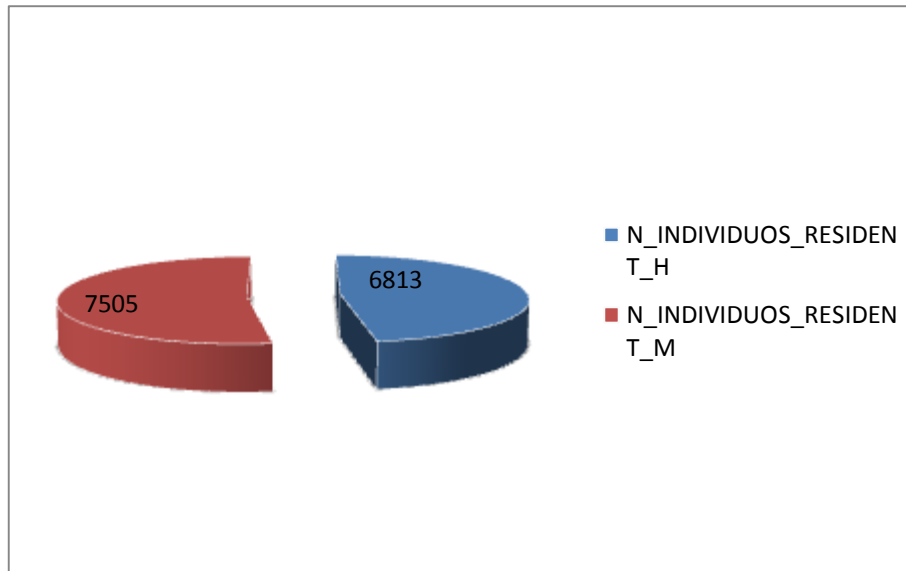
4.1.2-O Envelhecimento no Concelho de Estremoz

O Concelho de Estremoz, cuja sede é a cidade com o mesmo nome, está integrado no Alentejo Central, sendo um dos 14 municípios que o constituem o Concelho que ocupa uma área de 513,7 Km², é constituído por treze freguesias, uma urbana, uma semiurbana e as restantes rurais. As freguesias mais próximas da sede do Concelho são a dos Arcos, S. Lourenço de Mamporcão, Santo Estêvão, São Bento do Ameixial e São Bento do Cortiço. As freguesias mais distantes da sede do Concelho são Évoramonte, Veiros, São Bento de Ana Loura e Santa Vitória do Ameixial.

Em 2001, segundo os dados dos Censos (INE, 2002), residiam no Concelho de Estremoz 15.672 indivíduos, 48,1% do sexo masculino e 51,9% do sexo feminino, maioria nas freguesias situadas na Cidade de Estremoz (57,5%), e os restantes (42,5%) nas 11 freguesias rurais do Concelho.

Os últimos censos de 2011, gráfico 1, apontam um decréscimo da população, para um total de 14.318, o número de indivíduos que residem no Concelho de Estremoz, Sendo 47,6% do sexo masculino e 52,4% do sexo feminino.

Gráfico 1 – População residentes no Concelho de Estremoz segundo Género

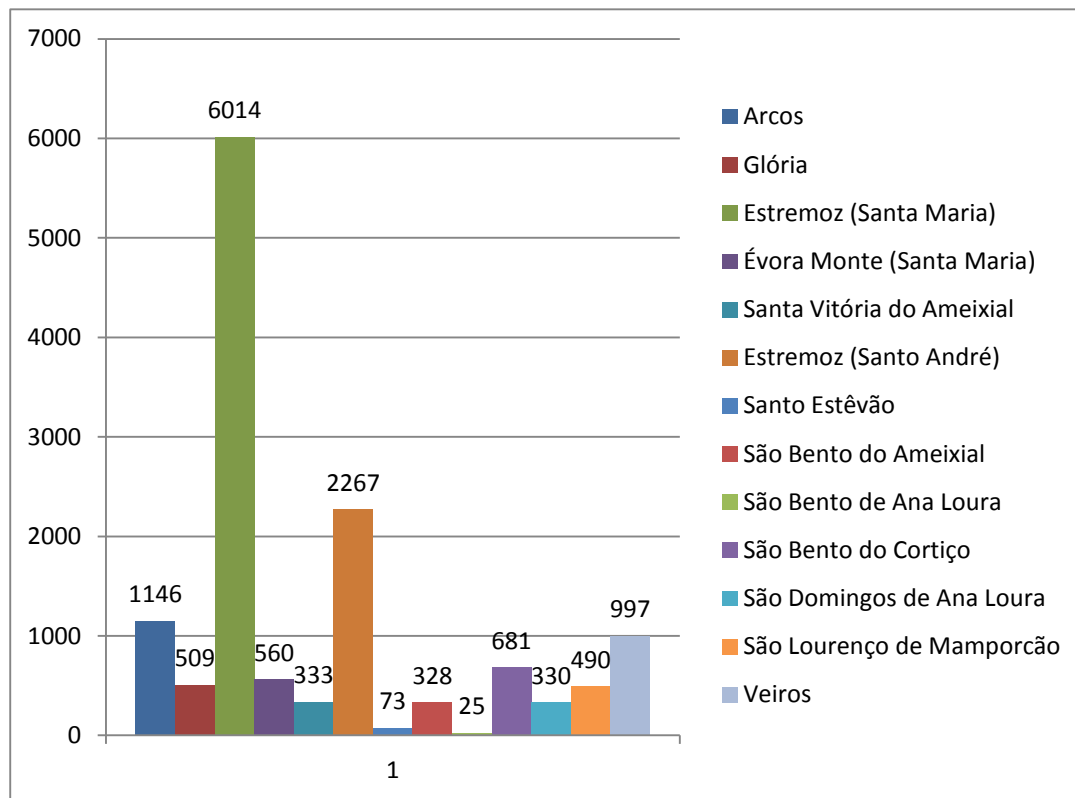


Fonte: INE 2011

Em 2001 (INE, 2002), as freguesias com maior número de habitantes eram as freguesias, semi urbana e urbana, da cidade de Estremoz, Santa Maria (6033 hab.) e Santo André (2978 hab.), e as freguesias rurais de Arcos (1339 hab.) e Veiros (1233 hab.), situadas respetivamente a Este e a NW da sede do Concelho.

Através da observação ao gráfico 2, podemos constatar que o maior foco populacional continua a concentra-se nas freguesias situadas na cidade de Estremoz. De acordo com os últimos censos de 2011, as freguesias mais densamente povoadas no Concelho são em 2001 as freguesias, da cidade de Estremoz, Santa Maria que se destaca de todas as outras com 6014 hab./Km², e a freguesia de Santo Andre, com 2267 hab./Km². Sendo que as freguesias rurais de Arcos e Veiros com 1146 hab./Km² e 997 hab./Km², respetivamente, continuam a ser as segundas mais povoadas do Concelho.

Gráfico 2: População Residente por Freguesias no Concelho de Estremoz

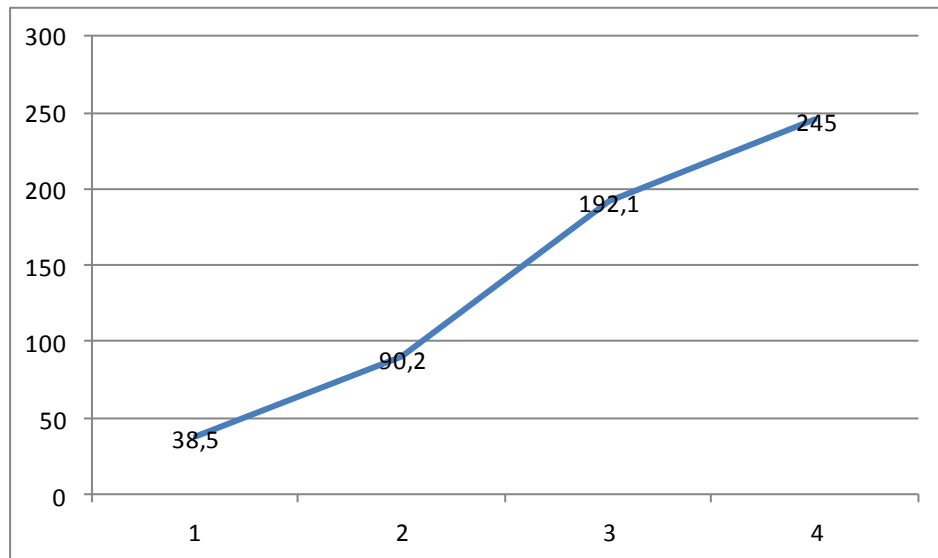


Fonte: INE (2011)

Como podemos constatar a partir dos dados atrás descritos, a população das freguesias semiurbana e urbana (Santo André e Santa Maria) da cidade de Estremoz tem seguido a tendência de perda de população residente, em particular a freguesia de Santo André. O Concelho tem vindo a diminuir em todas as freguesias, com exceção da freguesia de Arcos que, viu a sua população aumentar consideravelmente a partir de 1991. Facto que pode ser explicado pela proximidade geográfica da freguesia à cidade e por motivos económicos, visto que o custo pela aquisição de casa é bastante mais inferior que na cidade de Estremoz.

O índice de envelhecimento, como era de esperar, tem aumentado ao longo dos anos, no Concelho de Estremoz. O gráfico 3 é bem demonstrativo dessa tendência. O índice de envelhecimento da população no Concelho de Estremoz é, em 2011, de 245%. Este valor contrasta com os 38,5% verificados, em 1960, e com os 192,1% em 2001. Como podemos observar no gráfico 2, em 2011 o índice de envelhecimento acentuou o predomínio da população idosa sobre a população jovem. Os resultados dos Censos 2011 indicam que o índice de envelhecimento do país é de 129 (INE, 2011)

Gráfico 3: Evolução do Índice de Envelhecimento entre 1980 e 2011



Fonte INE

A população do Concelho de Estremoz tem vindo a diminuir progressivamente desde 1960 em todas as freguesias, com exceção da freguesia de Arcos que, tem assistido a sua população aumentar em todos os escalões etários, surgindo como uma área de atração no concelho já que é aquela que, em termos habitacionais, oferece maiores possibilidades de expansão. As restantes freguesias, incluindo a freguesia urbana de Estremoz Santo André, têm assistido a um processo de evolução populacional negativo com implicações na estrutura demográfica que se apresenta como extremamente envelhecida, tal como a região onde se insere, tem perdido capacidade de se auto regenerar do ponto de vista demográfico, fenómeno que só é possível travar através de mecanismos de fixação da população ao concelho, incluindo às freguesias rurais, uma vez que se tem assistido a uma deslocação progressiva da população destas para fora do concelho ou para a sede onde se concentram as estruturas e serviços de apoio à população.

4.2 - Dilemas do Envelhecimento

A sociologia parte do pressuposto básico de que a Velhice não é homogénea, existindo atualmente muitos estudos que procuram compreender o quotidiano dos idosos no sentido de revelar realidades múltiplas e complexas. Como já referimos, a Velhice é uma construção social motivada pela necessidade de segmentar o curso da existência humana em vários tempos. Quando uma dessas fases é entendida como geradora de problemas sociais, criam-se juízos e

critérios de manipulação. Existe, por exemplo, a noção de que terceira idade é a fase da vida em que se dá maior importância ao lazer, sendo as restantes fases dedicadas a atividades mais ativas e/ou produtivas. Negando estas visões, a sociologia encara os ciclos da vida como descontínuos e integrando complexos processos culturais.

A situação de relativa marginalidade social e a debilidade ou a ausência de relações familiares conduziram ao desenvolvimento de políticas sociais e um campo vasto de agentes que concorrem no sentido de obter as melhores posições, conseguidas a partir de um capital específico com validade reconhecida. A ação dos agentes contribui para promover e reforçar uma certa imagem da velhice, legitimando as ações e as posições alcançadas pelos agentes. As concepções que os trabalhadores sociais têm das pessoas idosas incidem sobre os seguintes aspetos: isolamento físico, social e familiar; carências ao nível material de saúde e efetivas.

Hoje, na perspetiva institucional qualquer indivíduo ao transpor o limiar da velhice corresponde à idade limite da passagem à reforma passando a integrar uma categoria social, e quase sem se aperceber, é levado a identificar-se com as qualidades que são socialmente atribuídas aos velhos. Como já foi dito, a reforma constitui uma rutura no ciclo individual, gerando uma nova condição social – a do idoso. A construção social da identidade da pessoa idosa enquanto categoria social de indivíduos em situação de reforma, excluídos e carenciados, recebe contributos importantes de programas de apoio ao Idoso e de ações comunitárias.

Assim, questões como a mediação familiar na gestão das necessidades sociais dos idosos e os problemas de isolamento do idoso devido ao “despovoamento” familiar, tornam-se questões importantes.

A Sociologia faz realçar uma visão que privilegia as variadíssimas formas da idade e personalidade, estruturando o sentido da vida social, mais concretamente, as várias formas de adaptação dos indivíduos à terceira idade. Torna-se importante questionar quais os fatores que levaram à definição da categoria- idoso e quais os que contribuíram para a definição de idoso na sociedade. O primeiro critério estabelecido é de ordem administrativa, corresponde á ordem cronológica estabelecida a partir dos 65 anos. Por outro lado existe todo um conjunto de características físicas que diferenciamos idosos de outros grupos etários. O idoso é normalmente concebido através de perspetivas negativas, isto é, através da deterioração física, do estado de saúde, a capacidade. Outro critério importante diz respeito às condições sociais e comportamentais que se consideram próprias da idade mais avançada. Heinz (cit in Fernandes, 1992, P.23) estabeleceu comparações entre um conjunto de situações consideradas próprias da idade: baixo nível

económico, saúde débil, habitação precária, reduzidas habilitações académicas menores oportunidades profissionais, dificuldades de locomoção e dificuldades nas atividades de vida diária. No estudo, Heinz concluiu que o que associava frequentemente ao fator idade (em especial com mais de 65 anos) como, por exemplo a saúde reduzida não correspondia muitas vezes à realidade vivida pelos próprios idosos.

Em suma podemos concluir inferir que os fatores de atribuição oficial se relacionam fundamentalmente com características psicossociais relacionadas em particular com aspetos físicos e comportamentais

4.2.1 - Cuidados Familiares

Os cuidados familiares prestados aos idosos continuam a ser de extrema importância para o seu bem-estar, mesmo nas sociedades modernas, a família continua a assumir a maior parte das tarefas

A abordagem da família passa, em primeiro lugar pela busca de uma definição. Assim a definição mais corrente de família assenta num grupo caracterizado pela residência comum e pela cooperação de adultos de ambos os sexos e dos filhos que eles geraram ou adotaram (Mundock, 1949).

Do ponto de vista estrutural ou formal, o conceito de família pode ser distinguindo segundo a sua composição. Assim segundo a sua composição o conceito de família pode distinguir-se em família nuclear e família extensa. O primeiro conceito consiste num tipo de organização familiar mais pequeno e elementar, composto pelos conjugues e os seus descendentes diretos. No segundo caso, a família pode ser definida como o conjunto dos ascendentes, descendentes, colaterais e parentes da mesma linhagem (Birou, 1988). Dada a importância do parentesco extenso para as pessoas idosas, é nesta perspetiva que entendemos família, esta engloba não só os pais e os filhos, mas também todos os indivíduos que mantém com aqueles laços de consanguinidade ou de afinidade (genros; noras; cunhados).

Têm-se assistido nas últimas décadas a uma transformação nas estruturas familiares. Estas mudanças vão ter consequências importantes na vitalidade das solidariedades e no papel da família enquanto fonte de suporte social das solidariedades das pessoas idosas.

Com o crescimento do número de “Velhos” com maiores necessidades em termos de cuidados, a redução do tamanho da família e a transformação do modo de vida das mulheres, entre outras mudanças sociais, surge uma tendência para um enfraquecimento das manifestações de solidariedade familiar. A solidariedade social, constitutiva e integrante da própria natureza familiar tem sido responsável pelo suporte social, reforçando a sociabilidade dos idosos e a função da família na assistência dos seus elementos mais velhos. Seria de esperar que com a intensificação da mudança nas estruturas familiar, essa função fosse diluída, no entanto, tal não se verifica. Diversos estudos realizados (Grand et al., 1989; Machado, 1989; Tornstam, 1989; Ilhéu, 1992) têm mostrado, o contrário, a persistência dos laços familiares e da solidariedade entre gerações. Para muitos idosos, a família continua a ser o único meio de receber apoio e de fazer face às necessidades do dia-a-dia. Por outro lado, a prestação de ajuda a estes indivíduos depende muitas das condições de vida que a sociedade oferece às famílias, condições que têm dificuldade na provisão de suporte por parte da família aos seus membros mais dependentes: os filhos e os idosos (Machado, 1990).

Hoje a solidariedade familiar pode persistir ainda mais, devido à existência de quatro gerações, permitindo não só uma experiência relacional maior, como também uma transmissão cultural intergeracional mais rica. No entanto, a ação solidária da família às pessoas de idade, embora se reconheça que não se pode sobrecarregar mais a família, sem se apelar para uma legislação que a apoie. Esta legislação passa pela criação de uma política familiar de velhice com medidas de acolhimento e apoio, de informação e formação de famílias com idosos.

O processo de desfamiliarização das relações familiares é acompanhado de todo um trabalho coletivo de gestão material e simbólica da família. Os seguros sociais, as reformas tendem por um lado, a fazer sair da esfera familiar privada o encargo económico dos pais idosos que se tornaram então pessoas sustentadas por sistemas de reforma obrigatória. Esta transferência de responsabilidade da esfera privada favorece e recompensa os custos relativos à educação das crianças. As transformações recentes por que tem passado a família, processo que segundo o autor Remi Lenoir (1988) designou como desfamiliarização, ou seja, desaparecimento das bases sociais em que assenta a família nuclear e de rutura das solidariedades familiares.

O fortalecimento dos laços familiares depende da intensidade e do tipo das trocas possíveis de estabelecer no seio da comunidade de interesses que representa a família. As trocas entre gerações enquadram-se nas lógicas da dádiva de Marcel Mauss. Deve ser entendida como uma

noção de economia de troca-dádiva, o intervalo temporal entre a dádiva (don) e a retribuição (contre-don) é determinante, a retribuição deve ser diferente da referida.

A importância e a diversidade das trocas em dons (bens, patrimônio, dinheiro, heranças) trocas instrumentais (serviços) e expressivas (afetos, visitas, contactos) mostram que os parentes desempenham um papel chave no que diz respeito à redistribuição de recursos entre gerações. Segundo Déchaux (1990) as trocas constituem uma cadeia de processos de reprodução social e esta se deve á mobilização permanente das mulheres. Daqui pode se entender que a família é mais do que uma unidade de socialização e afeição.

Hoje, a família, assume de igual modo, uma importante função económica, em bens e em serviços que surgem como gratuitos e não contabilizados. Estas trocas expressam-se em ajudas financeiras, bens e serviços.

Para além da família, consideramos importante referir a importância dos laços de amizade para os idosos principalmente para aqueles que por alguma razão não tem o apoio de familiares ou estes se encontram geograficamente longe. Assim, em certos casos os idosos tendem a pedir mais rapidamente assistência aos vizinhos e amigos, o que envolve igualmente um número de trocas voluntárias e recíprocas entre iguais.

4.2.3 - Os Idosos e as Instituições

Tradicionalmente definia-se a política social a partir de uma listagem de áreas sociais, como por exemplo a política social da saúde, da terceira idade, da segurança social e do emprego. Nesta perspectiva o seu objetivo era compensar os efeitos perversos do mercado e corrigir as disfunções sociais do funcionamento da sociedade baseada nas desigualdades dos grupos que a compõem (cf. Hill, 1990). Hoje a tendência da política social deve envolver uma perspectiva global acerca do bem-estar da sociedade e o bem-estar deve ser da responsabilidade, primordial do Estado (Costa, 1999). A política social assim entendida não se circunscreve a grupos mais desfavorecidos, mas preocupa-se com o bem-estar geral da sociedade proporcionando-lhe bens e serviços sociais promovendo e aumentando a qualidade de vida. O bem-estar refere-se não só a um tipo de instrumento ou arranjo mas a variados arranjos sociais para responder a necessidades individuais, grupais e societais. O bem-estar deve vir não só da intervenção do Estado, mas de outras fontes, como do mercado de trabalho, do indivíduo e da sua rede familiar e da ação voluntária. O social

implica direitos económicos e direitos sociais (político), o primeiro faz a regulação do mercado e o segundo implica negociação permanente. Cada ator político que participa na promoção do bem-estar “joga” a sua influência nessa construção

O processo de construção da cidadania e dos direitos civis, políticos e sociais, inicia-se no século passado e só atinge uma configuração plena após a Segunda Guerra Mundial. A cidadania social é operada a partir do reconhecimento dos direitos sociais, mediante a implantação do Estado Providência, ou seja, o direito de gozar de uma certa segurança e bem-estar que o Estado deverá garantir através da implementação de políticas sociais. Em Portugal o processo de institucionalização do Estado Providência é recente, ocorrendo após as transformações político-sociais de 1974. Até então Portugal tinha um sistema de assistência social rudimentar, um modelo de Providência Corporativo.

A velhice torna-se objeto de políticas sociais a partir da década de 70 com a promulgação da nova constituição, em 1976, onde o artigo 63º consagra o princípio de que todos têm direito à segurança social e explicita pela primeira vez a obrigatoriedade de uma definição de uma política social referente a uma população idosa. O Estado promoverá uma política da Terceira idade que garanta a segurança económica das pessoas. “A política de Terceira idade deverá proporcionar condições de habitação e convívio familiar e comunitário que evitem e superem o isolamento ou marginalização social das pessoas idosas e lhes ofereçam as oportunidades de criarem e desenvolverem formas de realização pessoal através de uma participação ativa da comunidade”. (Quaresma, 1988; P.228). Contudo esta política social de velhice restringiu-se unicamente a medidas sectoriais, no âmbito, de segurança social, destacando-se a implementação de novas prestações como seja a pensão social⁵; o alargamento das pensões de sobrevivência; o complemento por cônjuge a cargo no regime geral e o suplemento por invalidez. A pensão para todas as pessoas com mais de 65 anos de idade ou inválidas que tinham beneficiando de meros subsídios de assistência e não se encontram abrangidos por qualquer esquema de providência.

O modelo de Estado de Providência corresponde a um sistema de Política Social universal que abrange toda a população independentemente do seu estatuto ou rendimento unificando serviços e prestações sociais para todos os beneficiários, descentralizado e com participação dos sindicatos e outras organizações da classe trabalhadora, a cobertura dos cidadãos na doença, velhice, invalidez, viuvez e desemprego e em todas as outras situações de falta, ou de diminuição

5 A pensão social foi instituída em Portugal em Maio de 1974, de base não contributiva constituiu-se como mínimo social beneficiando indivíduos não inseridos no sistema de previdência social ou de seguro social obrigatório (cf. Branco, 2003).

dos meios de substituição ou de capacidade para o trabalho; a previsão das IPSS², desde de que regulamentadas por lei e sujeitas à fiscalização do estado.

A velhice como problema económico torna-se numa velhice Identificada, esta encontra-se associada aos sistemas de reformas, começando por se registrar alterações significativas, no que diz respeito à proteção social das pessoas idosas. O direito à reforma para Anne Marie Guilhermand constitui o primeiro eixo político gerador da construção de problema da velhice. Esta vista pelos próprios serviços públicos como uma categoria social de desfavorecidos: Inválidos, diminutos, mendigos e idosos. Começam a surgir os primeiros acordos de cooperação com as chamadas Instituições Particulares de Assistência que tinham como objetivo principal socorrer os pobres indigentes, na infância, na invalidez, doença ou velhice bem como educa-los ou instrui-los. Os seus agentes tinham como funções melhorar as condições de vida, que representavam na altura as únicas respostas sociais públicas. A situação durante a década de 60 nestes asilos era caótica.

Surgem novos organismos responsáveis pelo planeamento e definição de políticas sociais a favor da velhice. Nos finais dos anos 80 é criado pelo Concelho de Ministro 15/8, 23/4 a Comissão Nacional para a Política da Terceira Idade (CNAPTI), cujos objetivos foram progressivamente canalizadas para uma melhoria da qualidade dos equipamentos e para a diversificação e flexibilidade das alternativas com vista a manutenção do idoso no seu meio familiar e social. Assiste-se em Portugal a um crescimento acelerado, em especial nos meios urbanos, das estruturas de Apoio Domiciliário bem como Centros de Dia. Estamos perante uma política social que segue o mesmo sentido Europeu, que é a manutenção da pessoa idosa no domicílio. Os serviços de apoio domiciliário vão deste a higiene da habitação; confeição de alimentos (conforme as situações); tratamento de roupas; acompanhamentos de utentes; prestação de cuidados de saúde. Estes serviços são comparticipados pelos idosos ou familiares de acordo com as condições económicas daqueles. Os centros de dia e serviços de apoio domiciliário surgem como respostas sociais que contribuem para atrasar os internamentos da pessoa de idade em lares. Os serviços atrás referidos são assegurados pelas Instituições Privadas de Solidariedade Social, sob a tutela dos Centros Regionais de Segurança Social.

Em 1984 a Comissão Nacional para a Política da Terceira Idade sugere um conjunto de medidas como: criação de incentivos fiscais para famílias com idosos a cargo; facilitar a ausência ao serviço quanto o idoso se encontra doente entre outras regalias. Medidas que, no entanto nunca foram legisladas. Por proposta deste órgão é criado em 1994 o Programa de Apoio Integrado a Idosos

(PAII)⁶ O programa é desenvolvido por projetos e ações aprovado pelo Ministro da Saúde e do Emprego e da Segurança Social. Em 1996 com o despacho nº 204 é extinta a CNAPTI, cujas funções passam a ser exercidas pela Direção Geral da Ação Social, órgão responsável pelo Programa de Apoio Integrado a Idosos. Ao abrigo deste programa surgem projetos tais como: Países de Terceira Idade, Serviço de Apoio Domiciliário, Centro de Apoio a Dependentes, Formação de Recursos Humanos, Saúde e Termalismo entre outros.

Para além das novas políticas sociais do Estado, este aparece também como interventor em situações de urgência social, através de concessão de um conjunto de apoios financeiros Estatais⁷. Face a estas medidas existe, de facto, um evidente reconhecimento, por parte do Estado, que o problema da Velhice deve ser combatido por medidas diversas. Em 1997 é criado o Programa Idosos em Lar⁸ (PILAR), Este tem como objetivo aumentar a taxa de cobertura dos lugares em lar e humanizar os serviços já disponíveis através da articulação e envolvimento das comunidades e reforçar as ações existentes e desenvolver atuações em resposta a novas necessidades como o alojamento temporário. Este programa estende-se a todo o território nacional e visa o financiamento de obras de adaptação, remodelação e ampliação de Instituições Particulares de Solidariedade Social e outras pessoas coletivas sem fins lucrativos.

Estamos perante uma conjuntura sociopolítica onde o Estado tenta transferir as responsabilidades de cuidar da velhice para a sociedade, embora se assuma como principal financiador. Como vimos, a Velhice ao ser identificada como um problema social implicou um conjunto de orientações políticas e intervenções específicas, estruturantes das relações entre velhice e sociedade.

Em Portugal estamos perante um exemplo paradigmático deste terceiro eixo visto que por um lado eleva-se a idade das reformas, e por outro se incentiva a reformas antecipadas. Ao compreendemos a Velhice como produto resultante de vários eixos intervenientes na sua construção social, é igualmente importante perceber os modelos das políticas sociais que estão inerentes as conceções políticas do próprio Estado. O modelo político e institucional do Estado Providência em Portugal tem sido desenvolvido com políticas sociais gerais, assistindo-se ao descomprometimento do papel do Estado, embora se verifique um aumento nos gastos públicos sociais.

6 Programa de Apoio Integrado a Idosos. Integra projetos de cuidados no domicílio, formação de recursos humanos, centros de apoio a dependentes, serviço tele-alarme, passes para a terceira idade e saúde e termalismo. Despacho Conjunto nº 259/97 de 8 Agosto, publicado no DR nº 192, de 21.08.1997 – II série.

Atualmente discurso de crise tem como ponto de referência a paragem do crescimento económico, pelo que o aumento das despesas previstas com as áreas sociais imputa as responsabilidades para a ação económica e social provocando um sentimento de inquietude. Mas a crise do Estado tem que ser analisada a partir das necessidades humanas. A extensão das necessidades evolui sem cessar em função das transformações socioeconómicas, dos valores, dos problemas e da capacidade dos diferentes atores lhes fazerem face.

Hoje o bem-estar não cessa de aumentar mas os problemas de sobrevivência são cada vez mais complexos. Neste sentido pode dizer-se que a “crise do Estado-providência” sempre existiu, mas este tenta adequar-se às mudanças organizativas decorrentes das alterações das condições sociais dos indivíduos. O Estado reorganizou-se para dar resposta a novas necessidades. Mas esta reorganização passa pela desresponsabilização do Estado e pela responsabilização da sociedade civil, famílias, amigos, voluntários, organizações não-governamentais e o mercado para fazerem face à provisão de bens e serviços produtores de bem-estar (cf. Silva, 2002). O Estado-providência hoje é o resultado das diferentes respostas e pressões com vista à “desmercantilização” (cf. Esping-Andersen, 1999). A política social deve ser construída como um processo dinâmico e implica estar atenta às necessidades sociais decorrentes das mudanças sociais, criando respostas sociais compatíveis com as necessidades dos indivíduos e grupos. Fenómeno que advém do facto das despesas terem aumentado e as receitas terem diminuído. Assim, os limites do Estado Providência resultam de fatores económicos relacionados com o envelhecimento demográfico, e com o aumento de encargos a que o atual modelo de Segurança Social tem dificuldade em responder, pelo aumento de desemprego, pelo aumento de despesas de saúde e pela crise financeira dos mercados e dos sistemas de reformas.

Redefinir o papel do Estado Providência é urgente, no entanto é importante perceber alguns dos fatores que têm levado à Crise do Estado Providência. Para além destes fatores, estas limitações do Estado resultam de fatores políticos. O contrato social em que assenta o Estado de Providência, ou seja, a garantia de satisfação das necessidades dos cidadãos, apresenta-se como um contrato insustentável. Para alguns autores, a crise do Estado não está em si mesma, mas na relação com a própria sociedade. A superação desta crise passa pela redefinição da relação Estado e Sociedade. Esta nova relação implica um novo contrato entre Estado e Sociedade. Para Pedro Hespanha (1995), o processo de modernização das estruturas económicas em Portugal surgiu muito tardiamente. A fragilidade do sector mercantil de produção de serviços sociais e o

desenvolvimento limitado neste domínio tornaram indispensável o recurso às solidariedades primárias e aos sistemas de apoio informal.

Apesar da força social da sociedade portuguesa, esta tem sofrido alguma desestruturação, o que faz pensar na perda do seu estatuto de substituído funcional parcelar do Estado Providência. A necessária complementaridade das responsabilidades sociais remete-nos para a necessidade da chamada territorialização das políticas sociais. Esta nova conceção de políticas sociais surge como rutura às designadas políticas setoriais. As políticas sociais assentam no conceito de território local e não num domínio ou categoria social. Elas tornam-se menos universais para serem mais seletivas e diferenciadas. O discurso de automatização da sociedade, o descomprometimento do Estado face aos valores de igualitarismo, produção social e a privatização das Políticas Sociais tem conduzido em Portugal à criação de novas ou à relativização de Instituições já existentes, só formalmente distintas do Estado e mantidas à custa de importantes transferências financeiras. É o caso das IPSS, como iniciativas de interajuda ou auto serviços. No entanto constata-se que a solidariedade mecânica é ineficaz economicamente e sociologicamente. A hiper-socialização por cima não permite responder as exigências induzidas pela desocialização na base. Torna-se, pois necessário aumentar a importância da família, dos vizinhos, ou seja, das redes informais.

A solidariedade não deve ser formal e abstraída, mas sim coerentes, globais e integradas. O surgimento de novas necessidades sociais e de novas aspirações torna necessário procurar novas relações entre a ação dos poderes públicos e ação privada. Assim como elaborar novos instrumentos de proteção social e de bem-estar, como também responsabilizar cada um relativo a ele próprio e aos outros.

4.2.3 - A institucionalização da pessoa idosa

Com o envelhecimento da população o Estado começou a ter um papel mais ativo e mediano, incrementando e apoiando a construção de equipamentos e serviços para os mais velhos. Pimentel refere que o Estado tornou-se o grande impulsionador de bem-estar social, dando origem a agentes intervenientes que vieram a melhorar as condições de vida das pessoas mais velhas que necessitavam de apoio (Pimentel, 2006, P.78). Sendo assim, começaram a aparecer serviços estatais de Segurança Social e de organismos de poder local criados para servir os idosos, como lares para idosos e residências, serviços de apoio domiciliário, centros de dia e centros de convívio

Até à década de 70 a proteção na área dos cuidados às pessoas idosas era essencialmente residual e assistencialista, beneficiando sobretudo as pessoas idosas doentes, incidindo naquelas que manifestavam dificuldade em permanecer no domicílio. As respostas às suas necessidades eram essencialmente a institucionalização em lares e asilos (cf. Saraceno e Naldini, 2003).

Como vimos anteriormente, os cuidados institucionais foram, progressivamente, substituídos pelos cuidados no domicílio e inscritos nas políticas como “direitos sociais”, sobretudo na criação de serviços, programas e projetos específicos.

Em Portugal a maior parte dos cuidados aos idosos no domicílio é prestada por instituições particulares de solidariedade social (IPSS), associações de solidariedade e irmandades da misericórdia. Estas instituições promovem uma ação organizada em “valências” com vista à satisfação das necessidades dos utilizadores desses serviços. Estas são tuteladas pelo Estado e ou financiadas, mas têm autonomia administrativa. Por um lado são autónomas a nível da administração com estatutos próprios, mas estão sujeitas à tutela do Estado, assim como dependem das transferências do Estado pelos atos sociais que prestam aos indivíduos. A maioria das instituições de solidariedade e irmandade intervém nas áreas sociais com particular relevo para as pessoas idosas através de equipamentos sociais: lares e centros de dia, residências temporárias de recuperação, ou com cuidados no domicílio das pessoas idosas. A sua ação é territorial, permitindo-lhe ter um conhecimento das necessidades e do contexto social onde se inserem e dirigirem a ação social de acordo com a “realidade” da pessoa.

A solidariedade das IPSS constitui-se como uma solidariedade organizada, manifestando alguma especificidade na sua forma. As IPSS «interpenetram no espaço doméstico da produção e da cidadania», porque, como refere Variz (1988, P.30), os cuidados aos idosos no seu domicílio podem revestir-se de várias formas, podem substituir a família, quando o idoso não tem nenhum membro da rede familiar e encontra-se a viver só e dependente desses cuidados para a sua sobrevivência, recorrendo ao serviço de apoio domiciliário para se proteger e integrar socialmente e relacionalmente na sociedade. O serviço pode também complementar as funções sociais da família, quando articula e complementa os cuidados com o cuidador familiar, pode também funcionar como “delegação” quando a família existe mas delega nos cuidadores domiciliários as atividades familiares, demitindo-se das suas funções. A efetivação dos cuidados no domicílio varia consoante o grau de dependência física e psíquica do idoso e do seu contexto familiar.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística, entre 2010 e 2015, a 3ª idade (com mais de 65 anos) ultrapassará o número de jovens (dos 0 aos 14 anos). Deverão existir muitos mais idosos e menos jovens. Nos nossos dias o idoso não ocupa um lugar ativo na nossa sociedade, ele passou a ser passivo ficando confinado a um papel mais secundário ou até mesmo desvalorizado.

A institucionalização do idoso é uma realidade para todos aqueles que por variados motivos são condicionados a recorrer a este tipo de serviços. Muitas vezes a família não tem tempo para disponibilizar ao idoso, pelo que a institucionalização é a alternativa mais viável. Segundo Cardão (2009) a institucionalização é sempre um momento difícil, mais para uns do que para outros, pois o sentimento de perda é variável em função do sujeito da sua história de vida e da sua capacidade de fazer face ao luto (Cardão, 2009: P.16). Muitos idosos quando têm de deixar a sua casa acabam por se sentir abandonados, pois acham que os seus familiares estão a rejeitá-los ao requererem a institucionalização

Como se referiu anteriormente, a institucionalização do idoso é uma realidade para todos aqueles que por variados motivos se veem obrigados a recorrer a este tipo de serviços. Muitas vezes a família não tem tempo para disponibilizar ao idoso, pelo que a institucionalização é a alternativa mais viável. Para que o idoso se sinta preservado devem ser valorizadas as capacidades individuais de cada um de forma a evitar possíveis interações insatisfatórias e experiências frustrantes.

O ambiente institucional deve centrar-se na pessoa desenvolvendo cuidados gerontológicos adequados a cada caso. Costa (2002) refere que do ponto de vista psicológico muitos dos idosos que requerem a institucionalização fazem-no devido à necessidade de procura de vínculos alternativos numa outra relação de apoio e de proteção, com a finalidade de viverem o resto dos seus dias em segurança. Para que tal aconteça a qualidade oferecida pela instituição torna-se muito importante, passando a instituição a ser rede de suporte formal e a substituir a rede de cuidados informais e familiares

4.2.4 - A Institucionalização da pessoa Idosa. Alguns Problemas

Como já abordamos o do envelhecimento populacional, e particularmente do aumento do número de idosos, tem origem nas alterações que ocorreram a nível social e ao nível da própria estrutura das relações familiares. As transformações ocorridas a nível social - famílias menos

numerosas, integração da mulher no mercado de trabalho, o próprio facto de vivermos numa sociedade que muitas vezes privilegia a competição e o consumismo – levaram a que algumas famílias transferissem a responsabilidade das pessoas idosas para o estado ou instituições privadas. Quando referimos a institucionalização do idoso entende-se que, por qualquer motivo, este permanece durante o dia ou parte dele, numa determinada instituição. Quando a permanência destes se prolonga pelas 24 horas, passam a designar-se por idosos institucionalizados residentes.

As causas para a institucionalização podem ser inúmeras, sendo muitas vezes a conjugação destas diversas causas, e não apenas de uma ou de duas, que origina a escolha deste tipo de apoio social. Um estudo refere que os idosos apontam a perda de autonomia; o agravamento do seu estado de saúde; a conflitualidade nas relações familiares; a discordância de interesses a ineficiência da sua rede de interações; o isolamento; a precariedade de condições económicas e habitacionais; a ausência de redes de solidariedade e a solidão proporcionem situações de carência e simultaneamente de dependência física o que justifica a institucionalização (Pimentel, 2005; P. 87).

Kane, cit. Por Born e Boechat (2006), após análise de doze estudos efetuados nos EUA, chegou à conclusão de que as razões para a institucionalização seriam: idade, diagnóstico, limitação nas atividades de vida diária, morar só, estado civil, situação mental, etnia, ausência de suportes sociais e pobreza. Segundo Born e Boechat (2006), por mais qualidade que a instituição possua, vai haver sempre um corte com o que se passava anteriormente, passando a existir um certo afastamento do convívio social e familiar. A grande maioria dos idosos, veem a sua ida para a instituição como uma quebra de laços com a sua família, amigos e vizinhos. Contudo Pais (2006) salienta também que a frustração do internamento no lar é contrabalançada pela desculpabilização dos filhos em relação a possíveis ressentimentos ou recalamentos por falta de apoio (Pais, 2006, P.146). Os compromissos a nível da linguagem, as perturbações circulatórias e os níveis de adaptação funcionais, sofrem também um aumento. Cardão salienta este facto, que a institucionalização em alguns casos pode originar no idoso sentimentos de dependência de como é organizado o seu tempo e o seu espaço de vida acaba por deixar-lhe pouca ou nenhuma motivação para planear por si próprio como as suas horas diárias podem ser vividas (Cardão, 2009, P.17).

A institucionalização provoca, assim, um impacto fortemente negativo no grau de satisfação com a vida. No entanto, noutros casos de idosos dependentes, cujos familiares optam por esta

solução, a institucionalização revela-se a mais equilibrada. Como refere Vendeuvre (1999), cit. por Bernardino (2005, P.39), “ (...) muitas vezes os laços familiares se fortalecem e a qualidade relacional melhora com a institucionalização do idoso, talvez porque a carga, por vezes excessiva de olhar por um idoso dependente, que a família sentia, ficou resolvida, deixando lugar à expressão do afeto”. Costa (2002) refere que do ponto de vista psicológico muitos dos idosos que requerem a institucionalização fazem-no devido à necessidade de procura de vínculos alternativos numa outra relação de apoio e de proteção, com a finalidade de viverem o resto dos seus dias em segurança. Para que tal aconteça a qualidade oferecida pela instituição torna-se muito importante, passando a instituição a ser rede de suporte formal e a substituir a rede de cuidados informais e familiares. Segundo Marjorite Cantor (1989; P.102) “(...) as pessoas idosas entendem a rede apoio informal como fonte mais apropriada de suporte social, virtualmente em todas as situações de necessidades”.

O Suporte social formal e a solidariedade efetuada nas diferentes instituições e organizações desempenham uma função mediadora, procurando viabilizar as condições que permitam reconhecer o cidadão como corpo inteiro. Os lares e os centros de dia constituem os principais equipamentos disponibilizados para os idosos. No entanto apesar das carências destes tipos de equipamento disponibilizados a situação complica-se quando se refere a indivíduos com maior dependência. Estudos revelam que as admissões em lares são, na maioria dos casos, por razões de saúde. Sendo os recursos disponíveis destes insuficientes para responder eficazmente à procura. Os centros de dia constituem hoje um dos eixos fundamentais da política de equipamentos e serviços no âmbito da população idosa. A criação destes centros decorreu da necessidade de diversificar a degradação das condições de vida dos idosos.

O sistema de cuidados tem por objetivo fornecer cuidados para todos aqueles que, por qualquer razão, não têm redes de suporte informal, ou quando este sistema se apresenta deficiente. A qualidade de vida das pessoas que habitam nas instituições de apoio aos idosos depende muito da articulação de um conjunto complexo de fatores organizacionais e relacionais que têm como objetivo o respeito e a promoção da dignidade de cada idoso, considerando a sua individualidade e possibilitando ao idoso a realização como pessoa.

Desta forma, quando o idoso entra na instituição é primordial que exista um processo de planeamento porque como salienta Cardão (2009) qualquer que seja o ambiente institucional, a entrada é sempre angustiante para o idoso. A adaptação bem-sucedida à institucionalização

dependerá não só da sua personalidade e da forma como foi envelhecendo, como também dos fatores ambientais privilegiados pela cultura e rede institucional.

CAPITULO IV

5 - METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

A metodologia a adotar num processo de investigação não é uma receita universalmente geradora de autenticidade, o que acontece realmente são formações científicas historicamente situadas, relativamente autónomas com desiguais ritmos de crescimento e diversa inserção em estruturas sociais determinadas (Almeida e Pinto 1982).

Se entendermos a metodologia como um corpo de conhecimentos onde se interligam, para além das técnicas de uma disciplina científica, elementos teóricos e epistemológicos subjacentes quer àquelas, quer à prática no seu conjunto de investigação, de modo a traçar a lógica de aproximação à realidade (Esteves, 1986).

5.1 - Opção Metodológicas

Mediante a problemática apresentada e as alterações das características da sociedade atual, procurou-se estudar as configurações das redes pessoais dos idosos dentro de uma IPSS de que forma o tipo de apoio social prestado contribui para o bem-estar e qualidade de vida dos idosos e por outro lado conhecer que tipo de interação existe entre esta IPSS, que constitui um novo grupo nas relações pessoais do idoso (rede formal) e o conjunto de elemento pertencentes à rede informal ou rede familiar do idoso – família, relações de amizade e de vizinhança, quando articulado com o conjunto das redes de interação social. Assim, procura-se conhecer as relações sociais que esta população alvo mantém com a rede formal e informal, analisando assim, a importância do papel da família, dos vizinhos, dos amigos e dos profissionais na sociabilidade e suporte social às pessoas idosas.

Esta investigação tem como elemento central o conceito de rede social na população. Segundo Portugal (2006) a abordagem a partir da *social network analysis* possibilita a passagem do nível macro ao nível micro das estruturas sociais à ação individual. Compreender dentro da rede de apoio social de um idoso qual a estrutura e a função desta, permite analisar as relações que os seus membros estabelecem, bem como identificar as propriedades do grupo e caracterizar a influência que cada ator ocupa no grupo. A estrutura e a função podem caracterizar-se tanto como fatores de proteção quanto como risco para o desenvolvimento e qualidade de vida dos indivíduos.

Deste modo o conceito de rede social é usado como conceito operacional que permite analisar, simultaneamente, a estrutura e função das relações sociais envolvidas na produção de bem-estar. Uma rede social pode ser definida como “um conjunto de unidades sociais e de relações diretas ou indiretas, entre essas unidades sociais, através de cadeias de dimensão variável (Mercklé, 2004). Para Portugal (2006) as unidades sociais podem ser indivíduos ou grupos de indivíduos, informais ou formais e as unidades sociais podem ser transações monetárias, troca de bens e serviços.

Para Quivy (1992) a melhor forma de começar um trabalho de investigação é enunciar uma pergunta de partida. Com esta pergunta, “tentar exprimir aquilo que procura saber, elucidar e compreender melhor” (Quivy, 1992, P.30). Deste modo a pergunta de partida servirá de primeiro fio condutor. Relativamente a este estudo temos como pergunta de partida – ***Qual a estrutura e a dinâmica da rede social dos idosos de uma instituição de solidariedade social***”

A abordagem a partir da teoria das redes permite uma grande flexibilidade analítica relativamente ao problema que se pretende estudar. Segundo Knoke e Kuklinski (1982) a principal consequência analítica desta abordagem advém na premissa de que a estrutura de relações entre os atores e a sua localização individual na rede têm importantes consequências quer para o indivíduo quer para o sistema.

Decorrente da pergunta de partida, os objetivos definidos assenta numa ótica compreensiva e explicativa do fenómeno. A definição de objetivos, em qualquer trabalho académico e/ou científico é uma etapa fundamental na medida que permite ao investigador perceber qual o caminho pelo qual deve seguir, clarificando, definindo e orientando de forma decisiva para a progressão da investigação. A definição dos objetivos permite uma clarificação sustentada do trabalho a desenvolver, estabelece também uma orientação do mesmo. Segundo Fialho (2008),

“em qualquer processo de investigação social, a etapa da escolha da opção metodológica, assume contornos fundamentais para a prossecução dos objetivos” (Fialho, 2008, P.164).

Segue-se um quadro síntese onde estão explicitadas a questão de investigação, o objetivo geral e os objetivos específicos.

Quadro 1- Quadro síntese da questão e objetivos de Investigação

QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO
<i>Qual a estrutura e a dinâmica da rede social dos idosos de uma instituição de solidariedade social”</i>
Objetivos Gerais
<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a estrutura da rede social de apoio aos idosos • Conhecer a função da rede social de apoio aos idosos
Objetivos Específicos
<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a rede de apoio formal e informal • Identificar a localização dos atores na rede • Identificar os atores que deveriam estar presentes na rede • Definir o padrão de relacionamentos

Fonte: autor

Uma vez identificados os objetivos gerais da investigação há que desmultiplica-los, operacionalizando-os em variáveis e indicadores. Segue-se um quadro síntese onde estão explicitados os procedimentos para atingir os objetivos específicos de acordo com os objetivos gerais proposto neste estudo.

Quadro 2-Quadro Síntese de procedimentos para atingir os objetivos gerais

Objetivo geral	Objetivos Específicos	Procedimento específico para o atingir
Compreender a Estrutura da Rede Social de Apoio aos Idosos	Identificar a localização dos atores na rede	Centralidade
	Definir o padrão de relacionamentos	Comparar os padrões de relacionamento
Conhecer a Função da Rede Social de Apoio aos Idosos	Identificar a rede social de apoio formal e informal	Obtenção de respostas – tipo de relação
	Identificar os atores que deveriam estar presentes na rede	Densidade- medidas descritivas

Fonte: autor

Um dos critérios a ser trabalhado para a análise estrutural da rede será o da densidade. Este encontra-se relacionado com a consistência interna de uma rede, com a capacidade de oferecer suporte social e bem-estar e com o nível de confiança entre os seus integrantes. De acordo com as dimensões de análise preconizadas por Porras, citado por Fialho (2008), esta investigação está estruturada pela dimensão estrutural e posicional. Estrutural na medida em que, se pretende identificar o número de interações existentes entre os atores da rede em relação ao número potencial, e posicional pois pretende-se estudar o posicionamento dos atores na rede.

Brito e Koller (1999) definem a rede social como uma interface entre o indivíduo e o sistema social que ele integra. Mencionam que a rede de apoio social fornece subsídios para definir a forma como a pessoa percebe o seu mundo e se orienta nele, bem como as estratégias e competências para estabelecer relações e enfrentar adversidades. A família, os amigos, o sistema moral e os valores constituem esferas da vida potencialmente capazes de fornecer apoio ao indivíduo nas diversas relações sociais e nos variados eventos que ela experienciar. Quanto mais satisfatória for a percepção do indivíduo em relação à sua rede de apoio social, mais fortes serão

seus sentimentos de satisfação com a vida. Sarason et al. (1985) concluem que a satisfação com o suporte social disponível é uma dimensão cognitiva com um importante papel na redução do mal-estar. Hohaus e Berah (1996) verificaram que a satisfação com o suporte social é uma das variáveis que estão associadas à satisfação com a vida.

O apoio social desempenha uma forte influência na saúde e no bem-estar dos indivíduos. Marcia Kurz (2008) no artigo científico “intersetorialidade na garantia da qualidade de vida dos cuidadores de idosos” refere que o cuidador é o indivíduo que assume os cuidados do idoso no contexto familiar, representando o elo entre paciente/família e uma equipa de profissionais. Segundo esta perspetiva, Kurz distingue cuidados formais e os cuidados informais. Os sistemas formais de cuidados, na lógica defendida por Kurz, integram os profissionais e instituições que “realizam esse atendimento sob forma de prestação de serviços” (Kurz., 2008, P.1). Os sistemas informais são os “constituídos por pessoas com algum grau de parentesco como o idoso dementado, amigos próximos e vizinhos frequentemente mulheres (Kurtz, 2008, P. 1) Ora, este último sistema funciona sob o princípio da solidariedade e de reciprocidade entre gerações

Como descrito anteriormente, este estudo aborda dois tipos de redes de suporte social, as denominadas redes informais, nas quais se inclui a família, os vizinhos, ou amigos e as redes formais de proteção social onde se inserem todo o tipo de programas e medidas e as instituições de solidariedade social. Relativamente a definição de apoio social existe uma visão de pluralidade conceptual. Assim para Barrón (1996), o apoio social é um conceito interativo que se refere às transações que se estabelecem entre indivíduos. Foi assumido que as relações são bidirecionais para todo o tipo de interação, pois o utente quando interage fá-lo com alguém da sua proximidade e recebe sempre resposta. Minkler (1985) defende que apoio social deve ser compreendido como um processo recíproco, isto é, que gera efeitos positivos tanto para quem recebe como para quem oferece o apoio, permitindo que ambos tenham maior sensação de controlo sobre suas vidas.

As funções do suporte social podem ser influenciadas pelas características da rede social (coabitação, densidade, proximidade e intensidade) e pelo modo de vida e estado de saúde de cada indivíduo. Segundo Matos e Ferreira (2000), o afeto, a presença, a identidade, a segurança e a aprovação podem satisfazer-se através da ajuda sócio - emocional e instrumental. Se a ajuda emocional engloba o afeto, simpatia, compreensão, aceitação e estima de pessoas significativas a ajuda instrumental compreende conselho, informação, ajuda com a família, com o trabalho e ainda a ajuda económica.

Para a análise das funções dos suportes sociais vamos de acordo às de Barron (1996), que considera quatro tipos fundamentais: o apoio emocional que diz respeito à disponibilidade de alguém com quem se pode falar, e inclui os que fomentam sentimentos de bem-estar afetivo, o apoio material e instrumental que se caracteriza por ações ou materiais proporcionados por outras pessoas e que servem para resolver problemas práticos e/ou facilitar a realização de tarefas quotidianas e o apoio de informação que se refere ao processo através do qual as pessoas recebem informações ou orientações relevantes que as ajuda a compreender o seu mundo e/ou ajustar-se às alterações que existem nele

Relativamente a metodologia, explica Quivy (1992) que esta é o prolongamento da problemática e do modelo de análise, articulando de forma operacional os marcos, as pistas, que serão finalmente retidos para orientar o trabalho de observação e de análise. A metodologia confere também a investigação uma linha condutora inteligível e coesa, a qual se desenvolve, permitindo relacionar as questões de investigação com dados observados e compará-los com as referências bibliográficas existentes (Quivy, 1992).

Após definida a temática de investigação e dos objetivos orientadores do estudo, é definida a metodologia a aplicar de forma a ter em conta a especificidade do projeto de investigação bem como a obtenção dos resultados que se pretende atingir. Um problema de investigação pode ser definido como uma situação necessitada de solução, melhoria ou modificação (Fortin, 1999). Tomar consciência de um problema, formula-lo com clareza e trabalhar para resolvê-lo, constituem as fases essenciais de um procedimento metodológico (Deshaies, 1992) Deve ser delineada em função dos objetivos da investigação, do tipo de resultados esperados e do tipo de análise que se pretende efetuar (Albarelo et al, 2005)

Na definição e construção do objeto de estudo e tendo em consideração os objetivos propostos, a estratégia metodológica assentam fundamentalmente numa abordagem qualitativa. Esta estratégia impôs-se por várias razões: a complexidade humana representa um dos maiores obstáculos que qualquer investigador enfrenta sempre que o objeto é o homem. Cada ser humano é singular quanto à personalidade, valores, ambiente social e condutas sociais.

Do ponto de vista metodológico, a análise de redes sociais, também chamada análise estrutural, é uma técnica transdisciplinar que usa uma metodologia quantitativa, distinta dos tradicionais métodos estatísticos de análise de dados, que permite a leitura da dinâmica das interações sociais a partir de uma perspetiva relacional. Possibilita no momento da leitura compreendermos o papel

social do indivíduo ou grupo de um determinado contexto. As estratégias metodológicas de reconstituição de redes são de três tipos fundamentais: uma abordagem estrutural onde se reconstitui a rede através do contacto com todos os seus elementos, usa como principal instrumento de recolha de informação o questionário sociométrico; um segundo tipo que consiste na seleção de um informador reconstituindo as relações entre os diferentes membros da rede e por ultimo, uma abordagem egocentrada que reconstitui a rede de relações dum determinado indivíduo (*ego*).

Segundo Portugal (2006), a opção por uma destas estratégias metodológicas levanta duas questões: até que ponto estes tipos de rede convergem entre si e se sobrepõem e até que ponto quanto se definem critérios de seleção se esta a deixar de fora elementos importantes da rede. Para dirimir essa limitação, entendemos vantajoso optar por uma estratégia assente no modelo qualitativo, que fornece a perspetiva do indivíduo em análise, dando ênfase à compreensão da experiência vivida, através da recolha de narrações feitos pelo próprio. Este modelo de investigação, também chamado de fenomenológico, surgiu “como modelo alternativo de investigação, cujas raízes intelectuais repousam na tradição filosófica” (Polit e Hungler, 1995,P. 17). As autoras consideram que este método tem as suas bases assentes em diferentes pressupostos acerca da natureza do ser humano e da forma como deve ser compreendida, salientando a complexidade inerente às pessoas e à sua capacidade de modelar e criar as suas próprias experiências. Se a metodologia quantitativa permite listar as relações de ego, com recurso à entrevista pretendemos não apreender apenas as relações de ego, mas também as relações dentro das relações.

No âmbito do presente trabalho operacionalizou-se a problemática através da realização de um estudo de caso, com recursos ao paradigma qualitativo pois os dados recolhidos permitem apenas estudar a estrutura e dinâmica da rede social no apoio social aos idosos, naquele período de tempo, tendo como intenção estudar este caso concreto, não podendo ser generalizável para outros casos. Sem se ter a pretensão académica e científica de criar uma teoria explicativa e acabada sobre o tema. A intenção é apenas estudar o caso concreto. Por outro lado, é também uma oportunidade para estudar, de forma mais ou menos aprofundada, um determinado aspeto de um problema em pouco tempo (Bell, 1997).

A preferência pelo paradigma qualitativo pretende reforçar a preocupação em evidenciar mais o significado dos dados do que propriamente encontrar definições técnicas e restritas. Segundo

Lessard (1990) o interesse central da investigação interpretativa ou qualitativa é pelo significado conferido pelos atores às ações nas quais se empenharam.

A investigação qualitativa está especialmente indicada para estudos em que se pretende descrever um fenómeno ou uma realidade, sobre a qual existe pouca informação, a descrição é feita pelos próprios sujeitos implicados e são os próprios que definem e caracterizam a situação. Na pesquisa qualitativa parte-se do pressuposto que a construção do conhecimento se processa “de modo indutivo e sistemático, a partir do próprio terreno, à medida que os dados empíricos emergem” (Le Fébvre, 1990 citado por Pacheco, 1995, P.16), ao contrário da abordagem quantitativa que procura comprovar teorias, recolher dados para confirmar ou infirmar hipóteses e generalizar fenómenos e comportamentos.

As investigações qualitativas privilegiam, essencialmente, a compreensão dos problemas a partir da perspetiva dos sujeitos da investigação, não generalizando mas sim procurando entender os sujeitos e os fenómenos estudados tendo presente a complexidade e a particularidade dos mesmos e, como tal, assume-se como a mais indicada para o tema em estudo nesta investigação. A inexistência de hipóteses no estudo, a escolha da entrevista para técnica de recolha de dados e o modo de tratamento dos dados recolhidos reforça a escolha desta opção metodológica, pois não se pretende quantificar os dados mas sim analisá-los, tendo por base a interpretação de atitudes, valores e opiniões dos sujeitos.

Com efeito esta dissertação enquadra-se no paradigma qualitativo uma vez que utiliza como método entrevista semiestruturada, com vista retratar uma realidade social, neste caso, a rede de suporte social à população idosa, com o objetivo essencialmente descritivo a fim de compreender a estrutura da rede social de apoio nesta realidade.

5.2 - Natureza do Estudo

Como já foi referido anteriormente, esta investigação assenta fundamentalmente na metodologia de estudo de caso. Segundo Yin (2005), é uma forma de pesquisa empírica que verifica fenómenos contemporâneos no seu contexto real, quando os limites entre o fenómeno e o contexto não se encontram claramente definidos, e o qual são utilizadas diversas fontes de evidência.

O estudo de caso é um método de investigação que permite a concentração num determinado aspeto de um problema, favorecendo o seu estudo aprofundado e centrando-se sobretudo na interação de fatores e acontecimentos, sendo especialmente indicado para investigadores isolados (Bell, 2008). Segundo o mesmo autor os estudos de caso podem combinar uma grande variedade de métodos sendo que se torna necessário decidir quais os métodos mais adequados aos objetivos e conceber os instrumentos de recolha de informação mais apropriados (Bell 2008).

Para Álvaro Pires (citado em Guerra, 2006) não é falso dizer que as pesquisas qualitativas constituem o seu corpo empírico de forma não probabilística. O mesmo autor descreve diferentes tipos de dados: os quantitativos (os números) obtidos por amostragem não probabilística e amostragem probabilística e os qualitativos (as letras) obtidos por amostragem caso múltiplo e amostragem por caso único. Para Stake (2005), a opção pelo estudo de caso deve-se ao interesse específico num caso individual, seja apenas o estudo de um indivíduo ou de um grupo que faz parte de uma unidade, e de se focalizar nesse caso concreto. Segundo Guerra (2006) a amostragem por caso único consiste na escolha de uma pessoa, situação ou local para fazer a análise intensiva, do tipo “estudo de caso”. Este tipo de amostragem para obtenção de dados é o que vai de encontro com a metodologia da nossa investigação, que assenta fundamentalmente no método de análise intensiva.

Pode-se assim concluir que o estudo de caso assume-se como a metodologia mais correta tendo em conta o propósito da investigação, pois o seu objetivo é “explicar/compreender o que lhe é específico e, de algum modo, determinado pelo contexto” (Amado, 2009, P.124).

5.3 - Delimitação da investigação

No que respeita ao universo do presente estudo escolhemos apenas os utentes da valência de Lar das quatro valências existentes no centro paroquial de Santo André, em vez de as incluir todas e, ao limitar a colheita de dados estamos intencionalmente, a restringir o número de casos, para os poder analisar com maior profundidade.

Privilegiou-se, deste modo, o método de análise intensiva ou estudo de caso. Segundo Greenwood este método consiste “no exame intensivo, tanto em amplitude como em

profundidade, utilizando todas as técnicas disponíveis, de uma amostra particular, selecionada de acordo com determinado objetivo, de um fenómeno social, ordenando os dados resultantes de forma a preservar o carácter unitário da amostra, com a finalidade última de obter uma ampla compreensão dos fenómenos na sua totalidade” (Lima, 1995, P. 18).

As grandes vantagens deste método de análise intensiva assentam em três aspetos principais, característicos do próprio método e que se adequam, favoravelmente, ao estudo de caso pretendido. São elas a intensidade, isto é, a multiplicidade de facetas a explorar e com a profundidade e compreensão do fenómeno social; a flexibilidade do próprio método, que se traduz numa seleção e utilização relativamente livres das técnicas a utilizar; e a quantidade de material informativo recolhido sobre as unidades de análise a partir das diferentes técnicas e que enriquecem a pesquisa (Lima, 1995).

Excetuou-se esta técnica por se tratar de uma técnica que permite obter maior grau de profundidade na informação obtida ao contrário do que acontece com o questionário em que o sujeito é confrontado com um conjunto de preposições no qual tem que encaixar as suas respostas. Esta é realizada em contato direto, frequente e prolongado do investigador com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa. Requer a necessidade de eliminar deformações subjetivas para que possa haver a compreensão de factos e de interações entre sujeitos em observação, no seu contexto. Sendo por isso desejável que o investigador possa ter adquirido treino nas suas habilidades e capacidades para a utilizar. Permite e facilita a apreensão do real, desde que estejam reunidos aspetos essenciais em campo.

5.4 - População Estudada

Relativamente à questão de “quantos entrevistar” as características da análise qualitativa não facilitam uma definição a priori do universo de análise. Patton (1990), refere que, o número de participantes selecionados para um estudo depende do que se procura, de como serão utilizados os dados e dos recursos que temos à nossa disposição para a sua elaboração. O investigador pode determinar um número reduzido de sujeitos, dado que, na investigação qualitativa deve evitar-se selecionar uma amostra de grandes dimensões, que conduza a um acumular de dados que se tornam difíceis de analisar (Fortin, 1999).

Segundo Isabel Guerra (2006) a pesquisa qualitativa é muito maleável, o objeto evolui, a amostra pode alterar-se ao longo do percurso. Segundo a mesma autora é quase impossível definir uma

amostra para as análises qualitativas, dada a diversidade de objetos e métodos (Guerra; 2006) No entanto, a chave para o problema de “quantos” entrevistar reside no conceito de “saturação”. Refere Johnson (citado em Portugal, 2006) que ao longo do trabalho de campo, a curva da aprendizagem atinge um pico, a partir do qual entra numa linha descendente. A saturação é um fenómeno produzido no decorrer da pesquisa através do qual quem investiga tem a impressão de não apreender de nada de novo, pelo menos no que diz respeito às dimensões fundamentais do seu modelo analítico (Portugal, 2006).

Neste sentido, a saturação pode ser considerada uma categoria de análise, permite ao investigador dar conta da repetição de informação face as questões centrais do questionamento. Segundo Pires (citado em Guerra, 2006) cumpre duas funções essenciais, do ponto de vista operacional indica em que momento o investigador deve parar a recolha de dados evitando o desperdício de prova, de tempo e de dinheiro, do ponto de vista metodológico, permite generalizar os resultados ao universo do trabalho (população) a que o grupo analisado pertence (generalização empírica – analítica). Assim, a saturação permite ao investigador ter a noção de nada recolher de novo quanto ao objeto da pesquisa Este processo foi facilitado porque todas as entrevista foram realizadas por mim.

Uma das opções neste estudo foi reunir, simultaneamente na mesma amostra, homens e mulheres que permitiu formar um corpo analítico diverso, que enriqueceu a pesquisa possibilitando encontrar semelhanças e diferenças nas trajetórias masculinas e femininas. A obtenção de dados a partir de utentes, dentro de uma instituição exige consentimento, antes de mais dos diretores da instituição, e das pessoas implicadas; para tal dei início ao cumprimento do protocolo habitual de pedido de autorização. Formulei por escrito, o pedido de autorização para entrevistar e outros documentos necessários à realização do trabalho; junto entreguei os objetivos do mesmo e o guião da entrevista. A autorização imediata foi verbal, no dia 8 de Março. Em conversa informal com a diretora da Instituição, foi explicada a intenção do trabalho e pedido consentimento para a sua realização. Não surgindo qualquer obstáculo ou impedimento, foi disponibilizado um espaço físico para a realização das entrevistas. Na seleção dos entrevistados, foi inicialmente indicada pela diretora uma primeira pessoa disponível para a entrevista e os contactos seguintes foi usado o método de bola de neve, pedindo aos entrevistados a indicação de outros potenciais entrevistados.

5.5 - Técnicas de Recolha de Dados: a Entrevista Semiestruturada

Como referem Pinto (1999) e Almeida (1995), entre outros, a seleção dos métodos e técnicas a serem utilizadas na pesquisa científica está diretamente relacionada com o problema a ser estudado, as questões levantadas e com o tipo de informantes que se vai entrar em contato.

A escolha das técnicas de recolha de informação dependeu do objeto de estudo, dos objetivos propostos, tal como do tipo de estudo a efetuar.

Baseada nestes princípios metodológicos e valorizando a perspetiva qualitativa do trabalho, entendi utilizar como principal meio de recolha de dados a entrevista complementando com a pesquisa documental e a observação direta, não participante. Quivy e Campenhoudt (1992) clarificam que “os métodos de entrevista distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e interação humana. Corretamente valorizados, estes processos permitem ao investigador retirar das suas entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados. Isto porque, o inquirido fica sempre com alguma liberdade em responder pelas suas próprias palavras e de expressar de modo individual as suas ideias e opiniões”(Quivy e Campenhoudt,1992; P.193).

Para esta investigação a entrevista é a técnica de recolha de dados escolhida devido à sua possibilidade de recolher informações provenientes de testemunhos pessoais, sendo os mesmos interpretados por via das respostas verbais às questões efetuadas mas tão ou mais importante pela possibilidade de recolher as emoções, os gestos, os silêncios e outros aspetos de comunicação não-verbal que outro tipo de técnica não possibilitaria.

A entrevista é “um dos mais poderosos meios para se chegar ao entendimento dos seres humanos e para a obtenção de informações nos mais diversos campos” (Amado, 2009; P.181). A empatia estabelecida no decorrer da entrevista é um aspeto importante a ter em conta, contudo é necessário ter presente as consequências éticas associadas relativas à aproximação do entrevistador ao entrevistado, sendo que o investigador necessita de ser prestável e afável de modo a facilitar a confiança necessária do sujeito em estudo, mas preservando o seu devido distanciamento. Seidman (2006) realça ainda a importância da escuta como a capacidade mais importante no decorrer da entrevista, sendo que esta deverá ser uma escuta ativa, onde as perguntas, apesar do guião existente, deverão ser colocadas de acordo com o seguimento das respostas do entrevistado, podendo haver necessidade de acrescentar ou ocultar questões. É

necessário também não colocar questões que influenciem ou limitem as respostas. Neste estudo particular todas estas questões foram tidas em conta.

5.6 - O Tratamento da Informação Recolhida: a opção pela análise de conteúdo

De acordo com Quivy e Campenhoudt em investigação social, o método das entrevistas está sempre associado a um método de análise de conteúdo. Durante as entrevistas trata-se, de facto, de fazer aparecer o máximo possível de elementos de informação e de reflexão, que servirão de materiais para uma análise sistemática de conteúdo que corresponda, por seu lado, às exigências de explicitação, de estabilidade e de intersubjetividade dos processos. (Quivy e Campenhoudt, 1998, P. 194)

Em 1952 Berelson (citado em Bardin, 1979) apresenta a análise de conteúdo como uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo. Mais tarde, Henry e Moscovici (citado em Bardin, 1979) generalizam o termo escrevendo que tudo o que é dito ou escrito é suscetível de ser submetido a uma análise de conteúdo. Já perto do final do século, Krippendorff (1980) retira a dimensão descritiva e quantitativa e define a análise de conteúdo como uma técnica de investigação que permite fazer inferências, válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto. Na mesma linha de investigação Bardin diz que ela não serve apenas para se proceder à descrição do conteúdo na medida que engloba um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 2008). O autor designa a análise de conteúdo como um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a *discursos* tendo definido seis tipos de análise de conteúdo:

- ✓ Análise categorial: relaciona-se com a divisão do texto em unidades, em categorias cujo objetivo é calcular e comparar as frequências de certas características do discurso após organizado;
- ✓ Análise de avaliação: remete o objetivo de medir *atitudes* manifestadas através de opiniões que demonstram juízos de valor, estudando a base dessa atitudes e o seu respetivo nível de convicção (ou intensidades) que se identifica pelas manifestações verbais;

- ✓ Análise de enunciação: os elementos chave desta análise está no desenvolvimento do discurso, as sequências, as repetições, as quebras de ritmo, entre outros aspetos como elementos chave são os pressupostos de uma análise da enunciação;
- ✓ Análise da expressão: centra a atenção ao vocabulário utilizado, ao tamanho das frases, à ordem das palavras, às hesitações (entre outros elementos) analisando-os de forma a compreender o estado de espírito do sujeito assim como as suas tendências ideológicas.

No que diz respeito a esta pesquisa, a análise de conteúdo efetuada é de natureza qualitativa e o seu tipo é a análise categorial temática. Esta técnica permitiu-nos condensar os dados, categorizando e uniformizando-os de forma a tornar mais acessível a análise das respostas e suas interpretações.

Segundo Bardin (1977) a análise supracitada funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos, refere ainda que é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples. O mesmo a autor refere que a análise de conteúdo terá que passar por três etapas fundamentais (Bardin, 2009): a leitura flutuante que corresponde a leitura exaustiva das informações recolhidas, e por vezes a partir das informações recolhidas surgem as hipóteses ou questões norteadoras, em função de teorias conhecidas. A hipótese é uma explicação antecipada do fenómeno observado, uma afirmação provisória, que nos propomos verificar. O objetivo geral da pesquisa é a sua finalidade maior, de acordo com o quadro teórico em termos cognitivo. Quando isso acontece este é o momento da escolha de índices.

A última etapa corresponde a Constituição do Corpus que segundo o autor corresponde ao “conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos.” (Bardin, 2008; P.122) A organização da informação deve responder a critérios de:

- ✓ -Exaustividade – esgotar a totalidade da comunicação, não omitir nada;
- ✓ Representatividade – a amostra deve representar o universo;
- ✓ Homogeneidade – os dados devem referir-se ao mesmo tema, serem obtidos por técnicas iguais e colhidos por indivíduos semelhantes;
- ✓ Pertinência – os documentos precisam adaptar-se ao conteúdo e objetivo da pesquisa;
- ✓ Exclusividade – um elemento não deve ser classificado em mais de uma categoria.

Estes critérios permitem verificar a existência de padrões e regularidades nos discursos de modo a preparar uma lista prévia de categorias⁷ de codificação - “A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento (...) sendo que os critérios de categorização podem ser variados (semântico, sintático, léxico e expressivo) (Bardin, 2008, P. 145- 146);

Para Holsti (citado por Bardin, 2008, P.129) a codificação é o processo pelo qual os dados em bruto são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo, o que implica a já referida *categorização*⁸ que visa alcançar o núcleo central do texto envolvendo procedimentos de recorte, contagem, classificação, desconto ou enumeração em função das regras definidas. Assim, deverá partir da análise de *unidades de registo* “é o segmento mínimo de conteúdo que se considera necessário para poder proceder à análise, colocando-o numa dada categoria.” (Carmo & Ferreira, 1998:257) e de *unidade de contexto* – “constitui o segmento mais longo de conteúdo que o investigador considera quando caracteriza uma unidade de registo, sendo a unidade de registo o mais curto” (Carmo & Ferreira, 1998, P.257).

A técnica de tratamento de dados utilizada nesta investigação é a análise de conteúdo, que propicia um meio de apreender as relações sociais em determinados espaços, de uma maneira adequada ao tipo de problema de pesquisa proposto. Além disso, como refere Vilelas, tem a possibilidade de fornecer técnicas precisas e objetivas que sejam satisfatórias para garantir a descoberta do verdadeiro significado (Vilelas, 2009).

5.6.1. Construção Validação e Aplicação

Conforme mencionado anteriormente, a técnica de recolha dados para este estudo recai sobre a entrevista semiestruturada. Com base no trabalho de Bardin (1991), as verbalizações audíveis captadas nas entrevistas foram tratadas a partir de uma análise de conteúdo, cujo interesse foi conhecer outras realidades através das mensagens dos entrevistados.

7 “Uma categoria é habitualmente composta por um termo chave que indica a significação central do conceito que se quer aprender, e de outros indicadores que descrevem o campo semântico do conceito” (Vala, 1999:110-111).

8 Apesar de não ser uma etapa obrigatória de toda a análise de conteúdo, a maioria dos procedimentos de análise de conteúdo organizam-se em redor deste processo.

A entrevista semiestruturada consiste na combinação de um roteiro sistematizado com perguntas abertas e fechadas que permitem ao pesquisador orientar – se sobre as questões que pretende abordar. Para Minayo (1993) neste tipo de entrevista, não há necessidade de uma sequência rígida quanto aos assuntos a serem abordados, porque esta é determinada pelas ênfases e preocupações que emergem da fala dos entrevistados. Segundo De Ketele (1995) a informação que se deseja recolher, seguindo este formato, reflete melhor as representações na medida em que a pessoa entrevistada tem mais liberdade na forma de se expressar e porque permite uma recolha de informação num tempo mais curto que numa entrevista livre, na qual não se possui a garantia de se obter uma informação pertinente. Ao mesmo tempo o discurso é sequenciado por partes cuja ordem é, de alguma forma, sugerida.

Neste tipo de entrevistas existem pontos de referência orientados para o objetivo que se pretende alcançar. Assim, para este estudo a análise incidirá sobre o conteúdo das entrevistas, registadas por escrito, em impresso próprio, sobre o diário pessoal elaborado paralelamente ao decurso das entrevistas, com base na observação e nos dados retirados dos processos clínicos. Arquitetei, um roteiro de entrevista contendo questões orientadoras que permitam alcançar os objetivos desta pesquisa. As questões devem ser entendidas como um guia que orienta as entrevistas no sentido de aplicar as mesmas questões, numa sequência e ordem invariáveis à globalidade dos inquiridos, podendo, assim, obter resultados comparáveis caso a caso ou no seu todo.

Após a obtenção dos resultados surgem as categorias e a necessidade de quantificar o número de respostas incluídas em cada uma, só assim se revelam significativos os diversos aspetos considerados. A esse respeito, refere Moreira “pelo facto da recolha de dados ser definida como qualitativa, isso não significa que se devam na análise, evitar todos os elementos quantitativos” (Moreira, 1994; P.102). A conciliação entre a abordagem qualitativa e a quantitativa é possível e aceitável.

Os investigadores combinam, cada vez mais, as duas perspetivas. A tese de um continuum metodológico entre uma e outra é cada vez mais defendida, verificando-se que as abordagens puramente quantitativas, vieram a posteriori propor investigações que tomam em linha de conta os contextos do objeto e a dimensão interpretativa (Boudon, 1990).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas aos utentes do Lar do Centro Paroquial de Santo André, pois este tipo de entrevista procura garantir que os diversos participantes respondam às

mesmas questões, não exigindo uma ordem rígida nas questões. Pode fazer despontar informações de forma mais aberta, e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. Além disso, mantém-se um elevado grau de flexibilidade na exploração das questões. Estas entrevistas foram feitas na perspetiva de ajudar a recolocar questões em função da realidade social e da atualização dos respetivos argumentos teóricos que se encontram subjacentes à pergunta de partida.

Este estudo partiu da realização de uma entrevista exploratória a um sujeito do sexo masculino. Depois da entrevista, verificou-se que as questões eram claras pelo que optou-se utilizar este guião de entrevista definitivo na investigação. As entrevistas realizadas foram gravadas, transcritas integralmente e sujeitas a análise de conteúdo.

O fato de se pretender conhecer a estrutura e função das redes de apoio social aos idosos, levou a considerar a entrevista como a melhor forma de conhecer as opiniões, atitudes e perceções sobre o apoio social recebido. Seja qual for o tipo de entrevista realizado existem sempre duas características que são comuns a todas elas: por um lado, “a entrevista é uma conversa com um objetivo” (Bingham & Moore, 1924, citados por Ghiglione & Matalon, 1993, P.70), por outro, uma entrevista é um encontro interpessoal que ocorre num contexto e situação social específica e que implica a presença de duas pessoas, assumindo uma delas por acumulação o estatuto de “profissional”.

Podemos observar a relação entre as questões da entrevista e as dimensões da investigação no quadro 3 a seguir apresentado.

Quadro 3 – Relação entre as perguntas da entrevista e as dimensões da investigação

Dimensão da Investigação	Perguntas da Entrevista
Estrutura da Rede	8-Tem irmãos? Se sim quantos? Onde moram?
	9-Tem uma família grande? Tem filhos? Tem netos? Tem sobrinhos? Outros? E o seu marido/mulher? Que tipo de contactos mantém com estes familiares? Com que frequência contacta com eles? e de que tipo? (telefonemas, visitas, encontros)?
	11-Quando pensa na sua vida, quem indicaria como pessoas mais para si? (por mais importantes, as pessoas que têm um papel mais importante na sua vida, que lhes estão mais próxima, com quem pode contar.
Função da Rede	12-Numa situação de emergência a quem recorre? E qual a importância dessas ajudas?
	14-Quanto necessita de roupa, calçado, alimentação a quem se dirige?
	15- No caso de necessitar de tratar de assuntos administrativos/consulta médica a quem se dirige?
	16- Quanto necessita de conversar/conviver qual a pessoa mais próxima de si?
Nível de Satisfação	10-Essa frequência/proximidade agrada-lhe ou preferia que fosse de outro modo?
	17- Sente-se apoiado no seu dia-a-dia? Gostaria de ter mais apoio? De que tipo? E de quem?

Fonte: Autor

O trabalho de campo de realização das entrevistas foi realizado entre 24 de Março a 3 de Abril. Relativamente aos contextos de realização das entrevistas, todas decorreram numa sala privada cedida gentilmente pela diretora. O entrevistado era informado de que os dados recolhidos se destinavam a um trabalho de investigação no âmbito de uma tese de mestrado sobre suportes

sociais e população idosa. Procurava-se que o entrevistado compreendesse que estávamos de fato interessados em estudar a função e estrutura da sua rede de apoio social, que este era o objetivo do nosso trabalho e que não existiam respostas certas ou erradas. Garantia-se ainda a confidencialidade das informações recolhidas e o seu anonimato.

Para recolha da informação foi utilizado o gravador, com autorização⁹ prévia dos interlocutores e com o compromisso de que as gravações realizadas serão apagadas assim que tiverem sido analisadas. Foram realizadas 10 entrevistas com a duração média de 40 minutos, variando entre 30 minutos (a mais curta) e 1h 15 (a mais longa), de acordo com a dinâmica de cada entrevistado. Quanto à relação entrevistador / entrevistado é também de realçar a necessidade da existência de um equilíbrio em termos de distância / proximidade entrevistador /entrevistado, de forma que, por um lado, se atinja o grau de reflexão pretendido ultrapassando a emergência de defesas, e, por outro, não se exerça demasiada pressão, a qual poderia destruir a relação estabelecida.

Num modo geral a receptividade dos entrevistados à pesquisa foi muito positiva. No entanto, apesar dos esforços no sentido de dar liberdade de expressão aos sujeitos, tal como referido por Ghiglione e Matalon (1993), reconhecemos que, no âmbito de uma entrevista, a pessoa não é completamente livre de dizer o que quer, já que de alguma forma está condicionada pela própria situação.

5.6.2 - Descrição e Análise dos Dados

Pretende-se retratar uma realidade social, neste caso, a rede social de apoio aos idosos com o intuito essencialmente descritivo a fim de entender a estrutura da rede social de apoio nesta realidade. Segundo Gil (1984) as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenómeno (Gil, 1984, P.44). Fortin (1999) classifica ainda os métodos de investigação em dois, mencionando que “os dois métodos de investigação que concorrem para o desenvolvimento do conhecimento são o método quantitativo e o método qualitativo. (Fortan, 1999, P.22). Com efeito esta dissertação enquadra-se no paradigma qualitativo uma vez que utiliza como método entrevista semiestruturada, com vista retratar uma realidade social, neste caso, a rede de suporte social à população idosa, com o

⁹ Anexo VI Apresentação e consentimento informado dos participantes

objetivo essencialmente descritivo a fim de compreender a estrutura da rede social de apoio nesta realidade.

Para este estudo foi utilizada como técnica de tratamento de dados a análise de conteúdo, que propicia um meio de apreender as relações sociais em determinados espaços, de uma maneira adequada ao tipo de problema de pesquisa proposto. Além disso, tem a possibilidade de fornecer técnicas precisas e objetivas que sejam satisfatórias para garantir a descoberta do verdadeiro significado (Vilelas, 2009). Bogdan e Biklen citados por Fialho (2008) referem-se á análise de dados como o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou”.

Na transcrição e apresentação das entrevistas deste estudo recorre-se ao uso de alguma pontuação suplementar cujo significado se clarifica: aos segmentos do discurso, que não tendo importância para a análise foram rejeitados, foi atribuído o código "(...)"; aos silêncios e pausas no discurso foi atribuído o código "..."; e às palavras ou frases por nós colocadas para clarificar o significado do testemunho foram colocadas entre “[]”. As entrevistas são identificadas com a atribuição de uma letra com um número sequencial que as codifica – Ex: “E 1”. Desta forma procurou-se manter a confidencialidade e anonimatos dos entrevistados.

Como referido na opção metodológica, este estudo aborda dois tipos de redes de apoio social, as denominadas redes informais, nas quais se inclui a família, os vizinhos ou amigos, e as redes formais de proteção social onde se inserem todo o tipo de programas e medidas e as instituições de solidariedade social. Como refere Barrón (1996), o apoio social é um conceito interativo que se refere às transações que se estabelecem entre indivíduos. Foi assumido que as relações são bidirecionais para todo o tipo de interação, pois o utente quando interage fá-lo com alguém da sua proximidade e recebe sempre resposta. Para a análise das funções dos suportes sociais são apontadas por Barrón (1996), quatro tipos fundamentais: o apoio emocional que diz respeito à disponibilidade de alguém com quem se pode falar, e inclui os que fomentam sentimentos de bem-estar afetivo, o apoio instrumental e material que se caracteriza por ações ou materiais proporcionados por outras pessoas e que servem para resolver problemas práticos e/ou facilitar a realização de tarefas quotidianas e o apoio de informação ou informacional que se refere ao processo através do qual as pessoas recebem informações ou orientações relevantes que as ajuda a compreender o seu mundo e/ou ajustar-se às alterações que existem nele.

5.6.3 - Construção das Categorias de Análise

Este subcapítulo apresenta o modo de construção e organização das categorias, essencial a uma interpretação dos testemunhos dos participantes.

Após a transcrição das entrevistas, procedeu-se à categorização dos dados que seguidamente serão tratados tendo por base a análise de conteúdo. A construção das categorias de análise baseou-se na estrutura do guião de entrevista, isto é seguindo as categorias das questões (caraterísticas sociodemográficas, rede familiar, rede de apoio social e satisfação) sendo criadas posteriormente as subcategorias. Para cada uma das categorias e subcategorias foram descritos os indicadores, sendo que estes foram baseados no conteúdo das questões, e identificadas as unidades de registo¹⁰ (trechos das entrevistas que realçam a existência do indicador em questão). As categorias, subcategorias e os indicadores podem ser consultados nas seguintes tabelas:

No quadro 4 está representada a categoria Estrutura da Rede Familiar, sendo esta composta por duas subcategorias que apresentam os seus devidos indicadores.

Quadro 4 – Organização da categoria Estrutura da Rede Familiar

<i>Categoria</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>Indicadores/unidades de registo</i>
Estrutura da rede familiar	Densidade	Tamanho (nº de relações)
	Localização dos atores na rede	Localização geográfica
		Frequência dos contactos
		Proximidade

Fonte: autor

O quadro 5 apresenta a categoria Rede de Apoios Sociais, sendo que dentro da mesma foi identificada uma subcategoria, composta por quatro indicadores: apoio emocional, apoio instrumental, apoio informacional.

¹⁰ Ver Anexo II- Análise de conteúdo das entrevistas

Quadro 5– Organização da categoria Rede de Apoio Social

<i>Categoria</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>Indicadores/Unidades de registo</i>
Rede Apoio social	Tipos de Apoios Sociais prestados pelas redes	Apoio Emocional (afetivo)
		Apoio Instrumental (material e financeiro)
		Apoio Informacional (cuidados de saúde e assuntos administrativos)

Fonte: Autor

Por fim, o quadro 6 apresenta-nos a organização da categoria Satisfação, as subcategorias que compõem a mesma, assim como os indicadores identificados.

Quadro 6 – Organização da categoria Satisfação

Categoria	Subcategorias	Indicadores/Unidades de Registo
Satisfação	Identificação de aspetos que realçam a satisfação sentida pelos idosos	Visitas recebidas
		Apoio social prestado

A definição das categorias e subcategorias, tal como já referido, foi pensada na elaboração do guião de entrevista sendo uma mais-valia para a criação das questões sobre a rede de suporte social da população estudada que facilitou a organização dos dados recolhidos. Estas categorias e subcategorias foram criadas tendo por base o enquadramento teórico e os objetivos da investigação. Para incluir as unidades de registo foi necessário uma análise meticolosa das entrevistas. Nas unidades de registo¹¹ foram incluídos os testemunhos mais relevantes, não sendo levados em atenção as respostas sim/não, mas sim discursos mais alusivos do indicador. Deste modo alguns indicadores incluem nas suas unidades de registo testemunhos dos 10 entrevistados/as, enquanto em outros o mesmo não acontece.

Feita a apresentação do modo de organização das categorias e subcategorias, iremos proceder à apresentação, análise e discussão dos resultados provenientes das entrevistas provenientes da nossa amostra.

¹¹ Ver Anexo II- Análise de conteúdo das entrevistas

Capítulo V

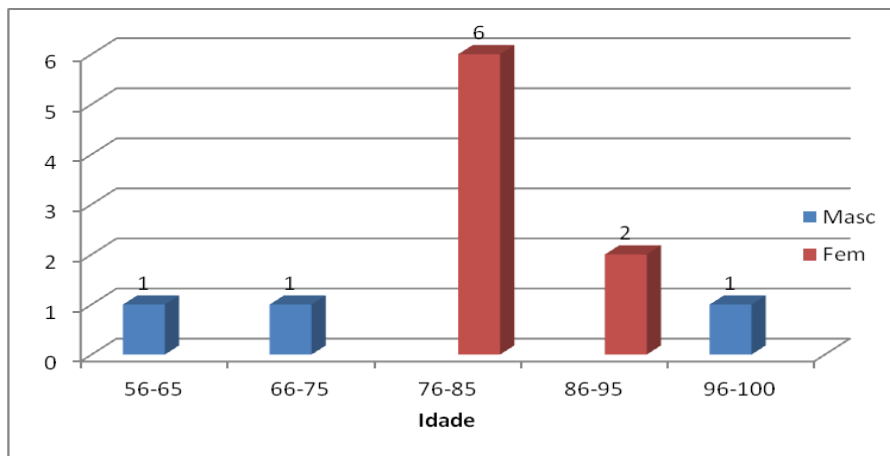
6-Análise dos Resultados

Com a criação das categorias e subcategorias e organização dos discursos dos entrevistados tendo por base as mesmas, iremos proceder de seguida à análise dos resultados, sendo organizados por cinco pontos principais – Uma apresentação sociodemográfica dos entrevistados/as. Pretende-se caracterizar sucintamente as pessoas entrevistadas através de algumas variáveis elementares de caracterização (sexo, idade, estado civil, nível de escolaridade) seguida pelas categorias estrutura da rede familiar, rede de apoio social e satisfação. Procedemos de seguida a uma interpretação dos resultados obtidos, que embora se fundamente em autores, apresenta também um visão interpretativa pessoal que resulta da lógica investigativa descrita anteriormente.

6.1 - Caracterização Sócio Demográfica

Foram entrevistados 10 utentes, 7 mulheres e 3 de homens. A média de idade é de 81,8 anos. Sendo que a maioria dos entrevistados se situa no escalão dos 76- 85 Como se pode observar no gráfico 4.

Gráfico 4- Caracterização dos utentes por género e idade



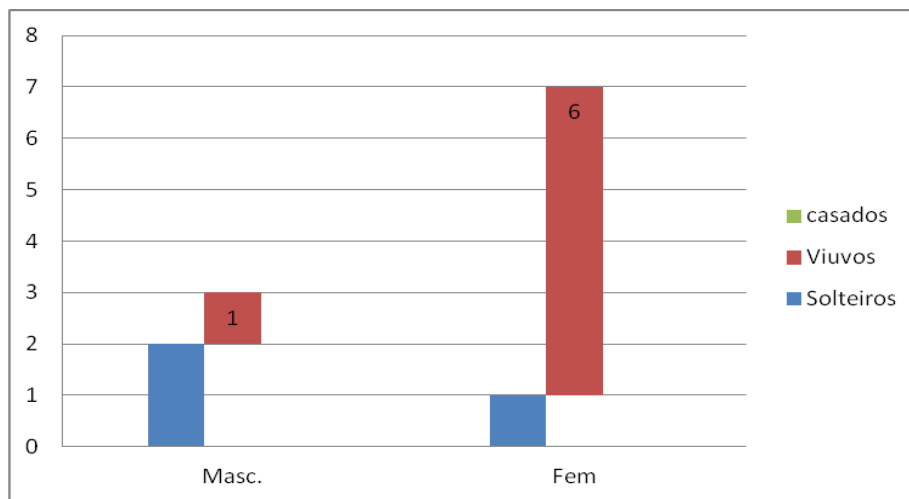
Fonte: Entrevista

Observando o gráfico nº 5 podemos constatar que a maioria dos utentes entrevistados, são viúvos, sendo apenas 2 solteiros. Segundo Hooyman (1988) são os viúvos, em particular os mais idosos que sobrevivem aos seus membros de família, que tendem a ser mais institucionalizados. O relacionamento marital tem uma função de suporte social crucial na maior parte da vida dos

idosos. Segundo o mesmo autor, de todos os membros familiares, os conjugues são os melhores confidentes e que a mais oferecem suporte (Hooyman:1988).

Dos 10 entrevistados¹² apenas 3 têm filhos, os restantes 7 são viúvos sem filhos e 3 solteiros. Os resultados obtidos apontam para um forte isolamento dos utentes deste grupo em estudo

Gráfico 5: Distribuição dos utentes por estado civil e género

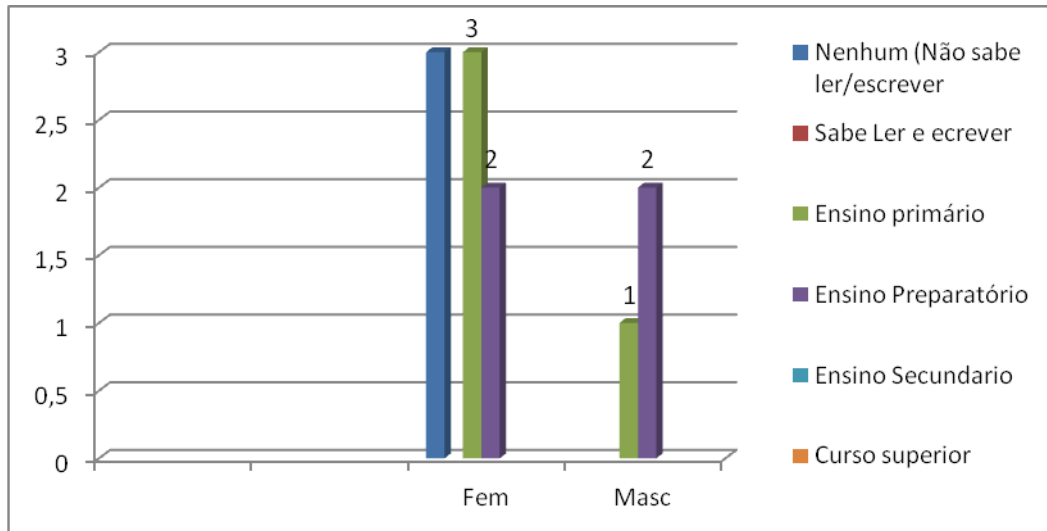


Fonte: Entrevista

Relativamente ao nível de escolaridade dos utentes entrevistados, pode-se observar no gráfico 6, que o ensino primário e o ensino preparatório é o mais frequente. Apesar deste facto, ao cruzar-se as variáveis género com nível de escolaridade é possível verificar-se que o analfabetismo ocorre de forma mais acentuada nas mulheres.

¹² Ver anexo I- Tabela de caracterização dos entrevistados

Gráfico 6- Caracterização dos utentes por género e nível de escolaridade



Fonte: Entrevista

Trata-se de um grupo com baixas habilitações escolares, verificando-se que os utentes embora possuam o ensino primário apresentaram dificuldades na compreensão de alguma perguntas e no assinar do consentimento informado, o que os torna mais frageis na procura de informação e ajuda.

Quando questionados com quem viviam antes de estarem na instituição, as entrevistas revelam que os entrevistados residiam sozinhos antes de recorrerem a instituição, a exceção de dois que residiam com um dos filhos mas que por motivos de saúde acabaram por recorrer à instituição. A maioria das entrevistas expressa sentimentos de conformismo e desculpabilização dos filhos relativamente a sua institucionalização. Dois tipos de argumentos sustentam está posição:

“Depois do meu marido falecer, vivi com a minha filha em casa porque ela divorciou-se e voltou para casa com os dois filhos para a minha casa. Ela está a trabalhar e eu prendia um bocado... eu tive um AVC, ela as vezes também gostava de sair e eu estava a prende-la, e eu aceitei isto. Felizmente, ainda bem que há....muitas pessoas dizem “tanto que eu trabalhei e agora estou aqui” se a gente não trabalha não pode estar aqui, se eu não trabalha-se como é que podia estar aqui.” (E5)

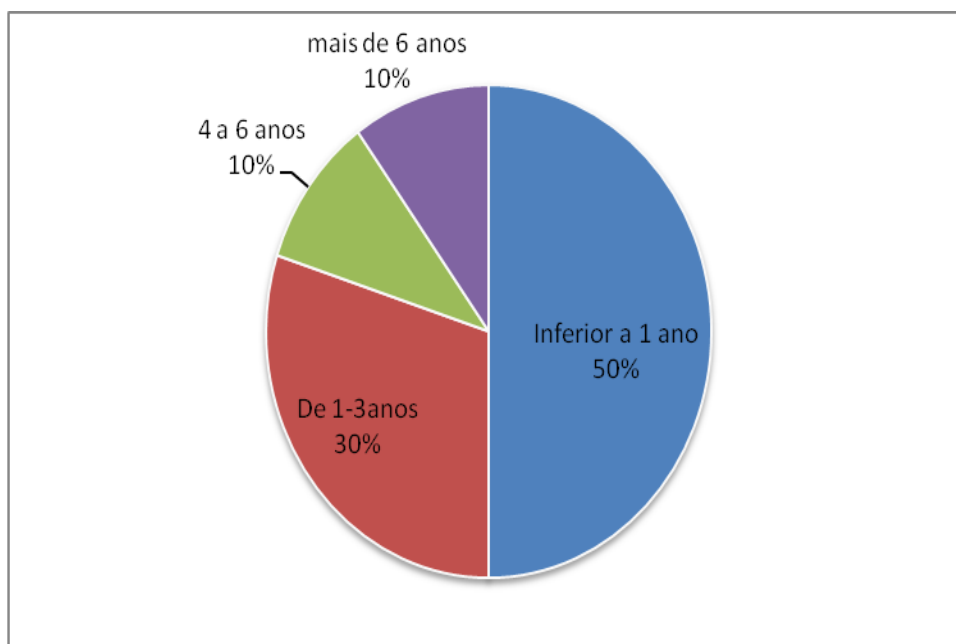
“(...) fiquei sozinha quando o meu marido morreu os filhos já estavam casados... cada um tem a sua casa. Agora estou aqui, ainda podia estar na

minha casinha, mas os meus filhos estão mais descansados e aqui também me tratam bem.” (E7)

O motivo principal de ingresso no lar parece estar diretamente relacionado com a incapacidade do idoso num determinado momento da sua vida em gerir as suas atividades da vida diária, coexistindo esta incapacidade com a impossibilidade da família em garantir o apoio necessário nesse sentido.

Relativamente ao tempo de permanência no Lar, observando a gráfico 7, constata-se que cerca de 50% dos entrevistados residem nesta reposta social há menos de um ano, 30% permanecem institucionalizados entre 1 a 3 anos sendo de 10 % a percentagem de utentes entre 4 a 6 anos, e de 10% cujo período de permanência é mais longo (mais de 6 anos)

Gráfico 7 Distribuição percentual dos utentes em Lar segundo o tempo de permanência



Fonte:Entrevista

6.2 - Estrutura da Rede Social

Este subcapítulo pretende identificar os elementos da rede (dos nós e dos laços) para o desenho do mapa da rede e descrição da sua morfologia. Procura-se perceber a relação entre as variáveis de interação e as variáveis estruturais e composição da rede. Os laços de parentesco constituem elementos estruturadores do desenho das redes sociais.

De acordo com as dimensões de análise preconizadas por Porras (2001), citado por Fialho (2008), esta investigação está estruturada pela dimensão estrutural e posicional. Estrutural na medida em que se pretende identificar o número de interações existentes entre os atores da rede em relação ao número potencial, posicional pois pretende-se estudar o posicionamento dos atores na rede. A estrutura familiar é o conjunto ordenado de relações entre as partes da família e entre a família e outros sistemas sociais. Para se identificar a estrutura identificam-se os indivíduos que a constituem, as relações entre eles, e as relações entre a família e os outros sistemas sociais onde está inserida (Hanson, 2005).

Figueiredo (2007) defende que o número de elementos da família diversifica o apoio para com o elemento dependente e pode contribuir para uma maior partilha de atividades no seio familiar. A análise de conteúdo das entrevistas¹³ verificou o domínio de famílias formadas por um conjunto de 2 ou 3 elementos, o que se reconhece como pobres em termos estruturais para o fornecimento de suporte social. Dos entrevistados apenas 3 têm filhos sendo que os restantes a família é constituída por irmãos, primos e sobrinhos/as e um não tem qualquer laço com a família. Os laços estabelecidos dos/as entrevistados/as com a família alargada (sobrinhos, primos, primas) tecem uma teia que não está sempre ativa nos apoios, que nem sempre está presente, mas está lá, que constitui uma referência efetiva. Os contatos com a família alargada são em geral pouco frequentes. Este afastamento normalmente está associado com a dispersão geográfica.

Outro tipo de contacto que o idoso pode manter com os filhos e os irmãos, de forma a colmatar a distância entre eles, são os que se fazem por telefone. Sabe-se pelas respostas dadas pelos entrevistados que todos os contatos feitos com filhos, sobrinhos, irmãos, primas constituem os nós das redes de apoio destes utentes. Os contatos são feitos, na maioria dos casos, por telefone

13 - Ver anexo II-

quinzenalmente e mensalmente. As visitas recebidas pela família alargada surge sempre nas entrevistas associada a momentos de sociabilidade familiar : Natal, Ano Novo, páscoa, festas religiosas.

“Tenho primos, tenho afilhado. Telefono uma a duas vezes por semana. Pelas festas da terra vem cá. Não me deixam passar o natal cá sozinho. Vou sempre para as casas deles. Se eu precisar conto sempre com eles. Mas eu faço a minha vida e eles a deles” (E4)

“Primo que tem dois filhos que contacto mais... e outros primos que vejo pouco mais falo com eles. Moram lá para lisboa. Vêm cá as festas da terra” (E9)

Quanto questionados sobre a frequência das visitas¹⁴, a maioria expressa sentimentos de conformismo.

“Gostava mais de visitas... compreendo que não pode ser ... uma vida muito ocupada. Mas no entanto, quando estão cansados vão viajar, vão para o estrangeiro, vão descansar ...pronto”(E2)

“Gostava de os ver mais, gostava de passar era uns dias com eles para ver o ambiente da casa deles, para ver a minha bisneta, os dois trabalham, ... trabalham por turnos. Sabe porque é se sujeitam a isto, é porque as creches estão muito caras ...” (E3)

A entrevista E4 é a que atribui maior importância à família alargada. O entrevistado nunca casou e a família alargada reside toda fora do Concelho, no entanto continua a conviver intensamente com alguns familiares.

“Tenho primos, tenho afilhado. Telefono uma a duas vezes por semana. Pelas festas da terra vem cá. Não me deixam passar o natal cá sozinho. Vou sempre para as casas deles. Se eu precisar conto sempre com eles. Mas eu faço a minha vida, e eles, a deles.”(E4)

14 Anexo C- Guião de entrevista- “Essa frequência/proximidade agrada-lhe ou preferia que fosse de outro modo?”

Os excerto da entrevista acima transcrito é uma exceção à maioria das entrevistas que relatam que a maioria dos contactos com a família são pouco frequentes e não significativos sobre o suporte social recebido. Razões de ordem geográfica e monetária são as mais apontadas como justificação das poucas visitas recebidas. Verificou-se que aqueles que têm filhos, estes residem em áreas geograficas mais afastadas e têm contatos telefonicos mais frequentes sendo as visitas feitas apenas em épocas festivas ou por motivo de doença. Outros cujos filhos mora no mesmo concelho revelam que recebem a visita dos filhos ao fim de semana, e dois utentes que recebem as visita quase diária dos filhos na instituição, uma exepção relativamente aos restantes entrevistados. A entrevistada E3 tem filhos que residem fora e na mesma area geografica, sendo o tipo e a frequencia dos contatos recebidos um exemplo revelador do que atrás foi descrito.

“Os meus filhos geralmente ligam todos os dias, A minha filha mora torres novas e ele em carcavelos aproveitam a hora da visita que sabem que eu estou disponível e ligam todos os dias para o telemóvel...(…) A minha filha que mora na minha casa passa quase todos os dias cá porque ela trabalha na escola primária aqui ao lado. Os meus filhos que estão fora vêm quando podem, sabe a vida está muito difícil, (...) Eles visitam-me pelo natal pelo carnaval, pelas épocas festivas.”
(E3)

Num estudo sobre pessoas idosas, afirma que, Ilhéu “ (...) a distância geográfica entre os pais e os filhos condiciona a frequência das visitas e o momento em que ocorrem (...)” Ilhéu (1992,P. 42). Observamos, com efeito, que a frequência das visitas dos filhos diminui a medida que aumenta a distância da sua residência, influenciando também no momento das visitas. Da análise das entrevistas que constituem a nossa amostra, podemos deduzir que estamos perante, no seu conjunto, uma população com uma reduzida densidade de relações sociais, mas essas relações são consideradas regulares, embora exista uma nítida hierarquização da periodicidade dos contactos com o tipo de relação social. Isto porque, se olharmos para a frequência do contato, constatamos que este é menos frequente ao passarmos da família direta para a família alargada, ocorrendo mensalmente ou apenas em épocas festivas.

A densidade destas redes é muito baixa, como podemos verificar com análise de conteúdo das entrevistas recolhidas a relação entre os laços ativos e as relações potenciais é mínima, dado que não existem laços fortes para além da família restrita.

6.3 - Rede de Suporte Social

Neste subcapítulo pretende-se compreender os tipos de apoios sociais prestados pelas redes aos idosos através da análise das Redes Sociais. Optou-se por uma organização da estrutura em círculos concêntricos, situando a ego no centro. Representando do centro para a periferia: o utente; familiares; amigos, vizinhos, colegas de trabalho e localizando mais na periferia os conhecidos.

Um dos objetivos proposto desta investigação era compreender a função da rede social de apoio aos idosos, procurando identificar a rede social de apoio formal e informal, identificando a localização dos atores na rede e os que deveriam estar presentes na mesma. Compreender a morfologia da rede, é conhecer, por um lado, a *orientação* da rede: se as relações são estabelecidas sobretudo por parentes, amigos, vizinhos ou colegas. No que diz respeito à rede de parentesco, ela orienta-se preferencialmente num sentido horizontal ou vertical: privilegiam-se os parentes em linha reta ou os colaterais. Ainda, quanto à rede familiar, trata-se, por outro lado, de estudar a *lateralização* da rede: perceber se à simetria de parentesco corresponde uma simetria de atitudes ou se existe a predominância de um dos lados na prestação de apoio. Finalmente, pretende-se conhecer a *polarização* de rede: existem atores que desempenham um papel de «catalisador de relações», por quem passam obrigatoriamente os laços estabelecidos entre os diferentes membros da rede.

Segundo Ferrand (1992) as relações familiares formam um subsistema autónomo no conjunto de relações. Os parentes são os nós predominantes na maioria das redes, quer se trate de trocas ou de apoio emocional. A maioria dos laços fortes é constituída no interior das relações familiares. Segundo Erbolato (2002) a família caracteriza-se por laços biológicos fortes. Para o autor os vínculos entre familiares são permanentes, sendo desempenhados por pessoas específicas, onde pode haver a troca ou substituição. Deste modo os papéis familiares são constantes e obedecem a uma hierarquia interna. As trocas de suporte instrumental e emocional são possíveis nestas relações por existir um senso de obrigação e uma efeição esperada entre os membros. Os papéis familiares, deste modo, são considerados aqueles que têm maior possibilidade de continuidade ao longo da vida, sendo considerados uma fonte de suporte social, onde há a troca de efeição e o consequente bem estar subjectivo (Erbolato, 2002).

Na amostra de entrevistados(as) constatou-se algumas características transversais que emergem na análise da identificação dos nós: a primeira prende-se com a clara distinção entre relações de parentesco e as restantes relações sociais. Os laços familiares representam segurança, confiança e é aqui que a maioria das pessoas encontra resposta para as suas necessidades de apoio financeiro e emocional e os “outros” laços estabelecidos fora do parentesco são por vezes alvo de desconfiança e insegurança. Esta representação dos laços familiares resulta de um entrecruzar de vinculos biológicos, emocionais, sociais e jurídicos socialmente construídos no interior e exterior da família

Segundo Barrón (1996) o apoio emocional refere-se ao facto da pessoa ter a sua disposição alguém para falar e desabafar, incluindo atitudes que fomentem o bem-estar afetivo, relacionando-se ao sentimento de estima, de sentir-se querido e respeitado, de poder confiar em alguém. Os filhos são os provedores preferidos para fornecer suporte emocional e financeiro aos idosos viúvos¹⁵. Dos entrevistados com filhos todos indicaram estes quando foi pedido que indicassem a pessoa mais próxima que procuravam para conversar

A rede familiar representa para a maioria dos entrevistados uma rede de protecção e de segurança. O discurso dos entrevistados/as **E6, E5, E7** quando questionados sobre quem consideram a pessoa mais próxima para conversar/confidenciar e conviver¹⁶ é revelador dos laços familiares como esfera relacional privilegiada por oposição aos “outros” :

“ (...) falo muito com a minha prima. Converso coisas com ela que não falo com mais ninguém. Tenho alguns amigos que também falo”(E5).

“ (...) com os meus filhos. Aqui falo com algumas pessoas mas nada de especial” (E6);

“Aqui no lar não falo com ninguém certas coisas, as minhas sobrinhas quando estou com elas ao fim de semana falo todo o que não falei aqui” (E7);

15 Segundo Antonucci (2001: 438) “os Conjugues são provedores preferidos, pois acompanham o idoso por grande parte de sua vida. E seguindo a mesma lógica, na falta deste, os filhos são escolhidos para fornecer suporte emocional e instrumental.”

16 Anexo C- Guião da Entrevista (questão 16)

A relação entre irmãos ocupa igualmente um papel importante na rede de suporte social. Para Antonicci (2001) é uma relação entre iguais diferentemente da relação entre pais e filhos, que é marcada pela diferença geracional. Os irmãos fornecem um importante suporte emocional na velhice, principalmente entre aqueles que nunca casaram. A entrevista de E1 reporta para este facto:

“Não tenho ninguém e fora do lar não contacto com muita gente. Mas é a minha irmã que falo mais” (E1)

No entanto quando alguém encontra resposta para as suas necessidades de apoio material e efetivo fora das relações familiares este torna-se um nó importante da rede, essa pessoa é como fosse da família. Os entrevistados E4 e E9 reportam para este facto:

“A assistente social, com a D. Manuela (diretora) ... são boa gente, e também a filha do meu amigo, são como família.” (E4)

“pessoas amigas que são minhas vizinhas, quando me vêm visitar ou quando posso ir passar uma tarde a casa e falamos.” (E9)

Dos entrevistados (as) metade faz referência aos vizinhos e amigos como rede de apoio no que se refere ao apoio emocional. Talvez isto se deva ao facto de existir um clima de confiança consolidadas durante anos, pela proximidade e disponibilidade, pelo compartilhar, quer de problemas quer de alegrias das suas vidas. É importante referir que embora institucionalizados, metade dos entrevistados que constituem a nossa amostra refere que se deslocam com alguma regularidade às suas casas, uns requerendo os serviços de transporte disponibilizado pela instituição outros com ajuda dos filhos. A entrevista de E5 reporta a relação de distanciamento afetivo da família:

“Tive 7 irmãos mas já morreram todos (...) Sobrinhos tenho muitos mas não sei nada deles... estão lá para lisboa...esses rapazes não me pertenciam, chamavam-me tudo...não quero saber deles (E5)

Quando surgem situações de conflitos e de rutura permanente nas relações familiares, como o caso atrás, criam-se outros conjuntos de relações (amigos, colegas, vizinhos) que, por vezes,

substituem estes laços familiares. Este facto é bem presente na resposta de E5 quando questionado sobre quem ocupa um papel mais importante na sua vida:

“ (...) Eu fui trabalhar Évora para a fábrica dos Leões, tomei conhecimento com um senhor que trabalhava na fábrica. Foi muito meu amigo, fez por mim o que nunca ninguém da minha família fez.” (E5)

Motta (1993) defende que no ambiente de trabalho satisfazem-se muitas necessidades humanas. É neste ambiente que se descobrem afinidades e se formam laços de amizade. Estes laços podem ser mais significativos do que a própria questão financeira. Estes laços estabelecidos por via de aliança parecem permitir relações fortes sobretudo do ponto de vista efetivo e material. Este facto é visível na relação estabelecida pelo utente E5:

“Foi companheiro e eu dele, um grande amigo. Acabei por ficar amigo íntimo da família. Hoje, acontece o contrário, estou a ajudar a filha dele.” (E5)

Salgado (1993) traz que em função do papel do trabalhador o homem estabelece relações afetivas e são estas que proporcionam que as associações e grupos profissionais se mantenham estreitando as relações de carácter afetivo, fora do local de trabalho. O excerto da entrevista de E5, acima transcrita, é um exemplo como uma relação de amizade é colocada em posição de grande proximidade no mapa da sua rede social sendo a família e parentes praticamente inexistente no seu mapa de relações. As amizades, estas não são fáceis de manter durante todo o curso da vida, um fator que interfere com o afastamento e isolamento do idosos das suas redes de amigos e vizinhos é o avanço da idade e conseqüentemente a morte de muito deles. O excerto da entrevista do E5 cuja idade avançada de 99 anos, reflete bem esta realidade.

“Não tenho contatos (pausa) tinha tanta gente quando vim morar para Estremoz. Chegava a sentar 30 pessoas a minha mesa nas festas de Setembro” (E5)

Num estudo realizado em Portugal por Paula Martins Gil (1998), sobre o circuito das trocas entre pais idosos, em relação de dependência com instituições, é evidenciado o predomínio dos afetos e dos bens materiais que circulam entre pais e filhos, e, em sentido contrário, o predomínio de cuidados instrumentais e de acompanhamento, maioritariamente protagonizados pela componente feminina do grupo familiar. Segundo a autora, esta "presença feminina caracteriza-

se por ser muito mais contínua e regular, traduzida por serviços, bens e suportes materiais" (Gil, 1999; P. 106).

O papel das redes no fornecimento aos bens materiais é mais complexa, dado a diversidade de bens que é possível considerar. Nesta pesquisa foram considerados dois tipos de materiais, os duradouros e os consumíveis, verificou-se com a análise de conteúdo das entrevistas que o envolvimento da rede varia em função do apoio material necessário. No caso dos fluxos de suporte social em bens materiais, a rede é bastante mais vasta do que no caso das ajudas financeiras que se centram na família restrita. Embora exista sempre uma orientação marcada para o parentesco restrito, os colaterais surgem também como elementos da rede. O fornecimento de bens matérias duradouros é possível afirmar-se que predomina uma orientação da rede de parentesco sobretudo no sentido vertical descendente. Os laços ativados neste domínio são os da parentela restrita, mas, fundamentalmente, os laços femininos: quem se mobiliza não é exatamente a família, mas sim as mulheres da família: as filhas, as irmãs, as noras. As redes neste domínio são nitidamente lateralizadas, os apoios fluem na sua maioria do lado da mulher. Apesar das alterações estruturais dos últimos anos terem colocaram as mulheres na direção da vida pública, socialmente e profissionalmente, elas continuam a garantir o apoio família.

As entrevistas demonstram que as mulheres são os nós polarizadores das redes de apoio: para além de serem as principais prestadores de apoio em termos de serviços e cuidados é também por elas que passa a organização das sociabilidades e das dádivas familiares. São elas que movem a rede no prover o que é necessário. A análise das entrevistas, a homens e mulheres, revelam por um lado que as relações entre mães e filhas são alimentadas por fluxos de apoio que não se verifica entre mães e filhos. Da análise das entrevistas aos idosos que constituem a amostra deste estudo apurou-se a importância da família, em particular do papel da mulher. Quando questionados a quem recorrem quando necessitam de algum tipo de apoio material "duradoiro"¹⁷, evidenciou-se uma regularidade na rede nesta dimensão, uma nítida lateralização pelo lado da mulher no fluxo destes apoios materiais. Os excertos das entrevistas em baixo transcritas são reveladores deste facto:

"A roupa é a minha prima que me compra umas calças, uma camisa (...) aquilo que eu precisar, ela é que vai sempre,(...)"(E4)

17 Considera-se material "duradoiro", bens tal como: roupa, calçado, produtos de uso pessoal.

“Digo aos meus filhos, mas são as minhas noras que vão comigo comprar ou trazem-me cá ao lar” (E7);

“Peço a minha filha os homens não percebem disso” (E 10)

Os excertos das entrevistas atrás descritos revelam os traços, em larga medida, da reprodução dos papéis tradicionais e das suas responsabilidades na gestão da esfera familiar. Dos entrevistados/as no qual se verifica a ausência de um papel feminino nos seus laços sociais mais próximos, constatou-se a recorrência a amigos e a rede formal para a prestação deste tipo de apoio material. Os excertos das entrevistas de E5, E8, e E9 revelam essa recorrência:

“A pensar que vinha para o Lar comprei muita coisa, muita roupa, mas muita já não apreço ...vai para a lavagem e por lá fica... coisas da vida. Mas peço a filha do meu amigo se preciso” (E5)

“Peço aqui a assistente social para ir comigo para comprar, os meus sobrinhos nem sempre cá estão e o meu irmão é homem não percebe disso.” (E8)

“À instituição ou vou comprar sozinho, peço e as funcionárias levam-me” (E9)

Em suma, as relações de parentesco são fundamentais na satisfação das necessidades como apoio emocional e a provisão de dinheiro e alguns bens materiais. Sendo que as relações de amizade e vizinhança e a instituição, constituem também elos importantes que funcionam como uma rede de segunda ordem que é ativada no quotidiano para dar resposta a problemas fundamentais, estando disponível para dar suporte efetivo e instrumental quando é preciso.

No acesso a cuidados médicos a orientação é difusa, à exceção do apoio financeiro, que são prestados na sua maioria pela rede de parentesco, os indivíduos acionam uma multiplicidade de laços para aceder aos cuidados de saúde. Os elementos polarizadores das redes são neste caso, os atores que fazem parte da IPSS. Quando mais forte for a posição do elemento na instituição maior a sua capacidade de influenciar e orientar a pessoa relativamente aos cuidados de saúde. A totalidade dos 10 entrevistados, responderam, que é à instituição que recorrem em primeiro lugar quando necessitam de cuidados de saúde. Os excertos que se seguem demonstram bem este facto

“ Ir ao médico e marcar consultas é aqui com a instituição para não fazer perder dias no emprego das minhas sobrinhas... vou com as funcionárias no carro do lar (...)” (E 6)

“A instituição trata dessas coisas, as funcionárias vão conosco ao e marcam as consultas” (E7)

“Ir ao médico e marcar consultas é aqui com a instituição para não fazer perder dias no emprego das minhas sobrinhas... vou com as funcionárias no carro do lar.”(E6)

Pode-se dizer que a rede informal e formal é ativada segundo o tipo de suporte necessário. Nos laços fortes familiares, com um forte sentido intergeracional, predominam o suporte financeiro e o suporte informacional. Os dados demonstram ainda que a relação entre os dois tipos de rede sociais permite suprir deficiências de outras esferas. Esta relação é clara na área da prestação de cuidados, na qual a instituição é a grande responsável, perante um quadro deficitário de provisão familiar. As entrevistas revelam ainda como as redes formais permitem aceder a bens e serviços colmatando as deficiências das ajudas informais. A análise sobre os cuidados de saúde demonstra-o bem. Os dados permitem constatar um forte familismo emocional e financeiro e material, preenchendo as necessidades efetivas, monetárias e de material “duradoiro”. Assim confirma-se que a família ocupa um papel importante como recurso estratégico na provisão de bem-estar

Este tipo de laços que estrutura as redes sociais pode dar azo a relações baseadas na horizontalidade ou na verticalidade. Coenen-Hunter et al. citado em Portugal (2006,P.534) distinguem quatro tipos de laços de parentesco na sua análise das solidariedades familiares (1994; P.352-361), a tendencia para o desapego , o instrumentalismo, a expressividade e por ultimo, o familismo

A luz das tipologias de solidariedades familiares apontadas por Hunder ,quase toda a totalidade dos entrevistados/as da amostra apresenta laços de parentesco do tipo do instrumentalismo. Segundo o autor o Instrumentalismo caracterizado pelos familiares que prestam ajuda aos seus parentes em apoios específicos, a proximidade é efetiva é baixa e a frequência dos encontros decorre dos apoios prestados, o sentimento que existe é o de não poder contar com as pessoas. Um excerto das entrevistas de E revela claramente este tipo de laços de parentesco. (Coenen-Hunter et al. citado em Portugal,2006,534)

“Se eu tiver numa situação de emergência à minha prima que esta em setúbal. Mas primeiro trata a instituição. Depois digo sempre a minha prima mas se já está resolvido não é necessário ela estar cá a vir.” (E4)

A solidariedade prestada pelas redes de apoio formal (instituição) funciona como uma rede de “primeira ordem”, que amortece de forma eficiente as necessidades da vida diária dos utentes, tais questões relacionados com saúde, bens materiais, apoio informacional. Os que recebem apenas apoio da rede formal, são mais idosos, com níveis de dependência elevados, sem filhos ou quando existem as relações familiares nem sempre se traduzem em interajudas solidárias.

Como já foi referido anteriormente, da análise dos suportes provenientes das redes sociais do inquirido, com família direta-filhos- surge como principal fonte de suporte. No entanto, verifica-se que no suporte instrumental, a família direta e alargada continua a ter um papel relevante, mas as ajudas passam a ser partilhadas com as redes formais. Isto é, à medida que o grau de incapacidade aumenta, maior é o recurso de apoios ao institucional. Pode-se dizer que a partir do momento em que é solicitado um serviço pelo inquirido, por este não ser apoiado pela rede informal, passa a existir um processo de substituição. No entanto, neste processo de substituição não existiu uma quebra dos apoios disponibilizados pelas redes sociais, em alguns casos, como os filhos, verificou-se a continuidade.

Ao contrário do modelo teórico de Litwak¹⁸ (1986), existem tarefas específicas consoante o tipo de relação social, As entrevistas recolhidas apontam não para uma divisão, mas para que ambas as redes (formais e informais) exerçam o mesmo tipo de suporte, independentemente dos conhecimentos que alguns exigem. Segundo o modelo de Cantor, onde o autor propõe um modelo de suporte social hierárquico compensatório, ao postular uma ordem principal de preferência na escolha do elemento principal: a família seguida da não familiar e em último lugar, os serviços formais. No seguimento deste último modelo Shanas ao preconizar, o princípio da substituição sustenta que os indivíduos têm preferências hierárquicas dos elementos de suporte, no entanto, a disponibilidade das opções nem sempre se faz de forma hierárquica como estes autores defendem.

A luz das tipologias atrás descritas, as entrevistas, apontam para a coexistência de elementos de ambos os modelos. Relativamente apoio Emocional e financeiro, os filhos são os mais nomeados quando existem. No entanto, verifica-se a existência de um modelo compensatório para os indivíduos sem filhos ou com filhos mais ausentes. Para estes no suporte emocional, a família

18 Enquadramento teórico

alargada e os elementos exteriores à família, como os amigos e vizinhos, apresentam-se como os elementos da rede mais importantes. As relações de vizinhança, revelam ter alguma importância, facto explicado pelas deslocações que alguns dos entrevistados ainda fazem as suas casas com a ajuda da família ou da própria instituição. Relativamente ao suporte instrumental a presença de relações de amizade é quase nulo, sendo este prestado na sua maioria pela rede de apoio formal¹⁹.

Das entrevistas recolhidas juntos dos utentes que constituem a amostra do nosso estudo, a família direta envolve-se mais nas tarefas de apoio informacional e emocional. Mais de metade dos entrevistados, referem que o fluxo de apoio provém da família mais próxima geograficamente. O apoio prestado pela família alargada faz-se em momentos de perturbações específicas, em caso de doença ou necessidade monetária, tendo esta ajuda um carácter pontual e não sistemático. Os netos, apesar de existirem, as trocas de suportes são quase inexistentes, verificando-se apenas uma proximidade física em contactos esporádicos, realizados em altura de épocas festivas, entre as duas gerações. Os amigos e vizinhos constituem uma importante fonte de suporte emocional para os que não tem filhos ou pouco contacto com a família alargada.

A análise das entrevistas aplicadas não traduz rigorosamente uma hierarquização dos principais cuidadores. Quando os filhos estão ausentes ou indisponíveis ou são inexistentes, verifica-se uma substituição parcial, feita, não só, pela família alargada e não família, como pela rede formal. Constatamos que os indivíduos entrevistados que se encontram em situação de Lar possuem uma rede familiar com fracos laços sociais na prestação de apoios sociais, facto que pode ser explicado pela escassez de tempo, por incapacidade de resposta ou por localização geográfica ou por problemas económicos. Os idosos olham para o apoio prestado pela rede formal como a primeira escolha para apoios do tipo instrumental (informacional e material) e nalguns casos também emocional (apoio psicológico).

Procurou-se também conhecer no decorrer do presente trabalho como se complementam as redes sociais de solidariedade. Isto é, conhecer os apoios sociais das redes informais nos cuidados aos mais velhos, conhecendo o papel dos serviços de apoio à velhice como complemento aos recursos informais comunitários e de subsistência quando estes estão ausentes ou são inexistentes.

A pesquisa permite retirar duas elações: que a importância do laço depende do recurso em jogo. A produtividade do capital social provém da mistura certa entre laços fortes e laços fracos. Os laços fracos são fundamentais para estabelecerem pontes para aceder a recursos como cuidados

19 As ajudas formais concretizam-se em aspetos como: alimentação, higiene pessoal, mobilidade, a utilização de instalações sanitárias, mudança de roupa, medicação, consulta médicas, marcações de exames.

de saúde e acesso a nova informação. No entanto estes laços são menos intensos que os laços fortes e existe menos confiança entre os seus nós.

A pesquisa demonstra que a mistura certa entre laços fortes e laços fracos produz bom “capital social”. No entanto, nenhum dos modelos é exclusivo e, por vezes a opção por uma determinada rede num apoio social específico significa que por detrás estão outros contributos das redes a funcionar.

A partir dos resultados do nosso estudo podemos representar então, a rede social dos inquiridos em três níveis como fez Kelherhals (1994), os filhos representam a rede de solidariedade por afinidade, a família alargada a rede de solidariedade a socorrer só em caso de necessidade (para apoios pontuais), e a rede de autoproteção, como os amigos e vizinhos

A hierarquização das relações sociais leva a uma especialização parcial dos apoios. Assim os apoios de suporte emocional são partilhados pela família direta (filhos) e alargada (irmãos e sobrinhos) e pelos amigos e os apoios instrumentais nos serviços formais. Além disso, quando o grau de dependência aumenta, a procura também aumenta. A coesão das redes sociais está associada ao tipo de situação institucional em que os inquiridos se encontram integrados:

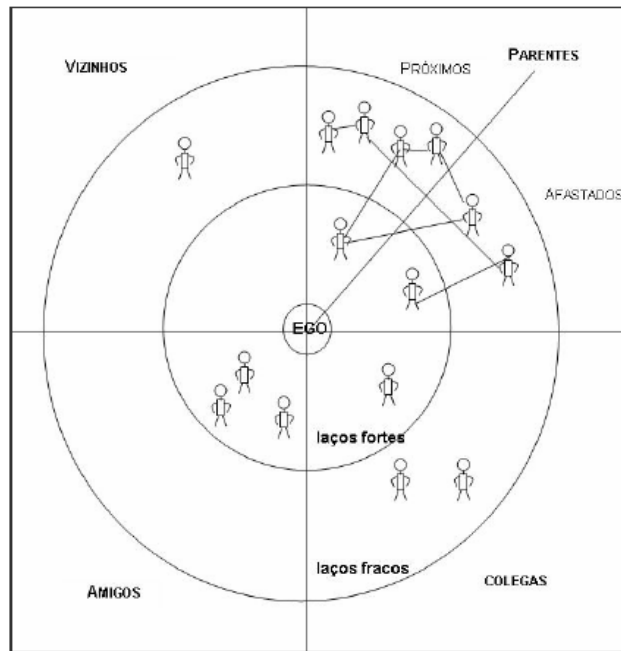
A luz dos quatro modelos²⁰ distintos de redes construídos por Portugal, a partir da análise dos nós e laços. (Portugal, 2006) As redes encapsuladas são as que mais se centram no familismo e onde este é mais forte. Portugal defende que os atores sociais que estabelecem as relações sociais através deste tipo de redes “possuem escolaridade básica, são trabalhadores não qualificados (...) residem em zonas rurais ou periurbanas e estão próximos/as das famílias de origem” (Portugal: 2006, P. 541) Este facto vai de encontro a amostra deste estudo de caso, isto porque, e como já descrito, é composta na sua maioria por mulheres com baixos níveis de escolaridade, com um tipo de rede centrado no parentesco e com forte familismo.

Nas redes encapsuladas verifica-se uma forte lateralização nos apoios efetivos e no apoio material, em particular na compra de determinados bens materiais que a instituição não fornece. Este tipo de redes é polarizado pelas mulheres, que fazem circular a informação, superintendem a prestação de dádivas e geram sociabilidade e os momentos de celebração familiar. (Portugal, 2006, P.546)

Dos 10 entrevistados, 9 apresenta relações sociais que se enquadram no modelo de redes tipo encapsuladas observável na figura 1:

20 Ver Enquadramento teórico

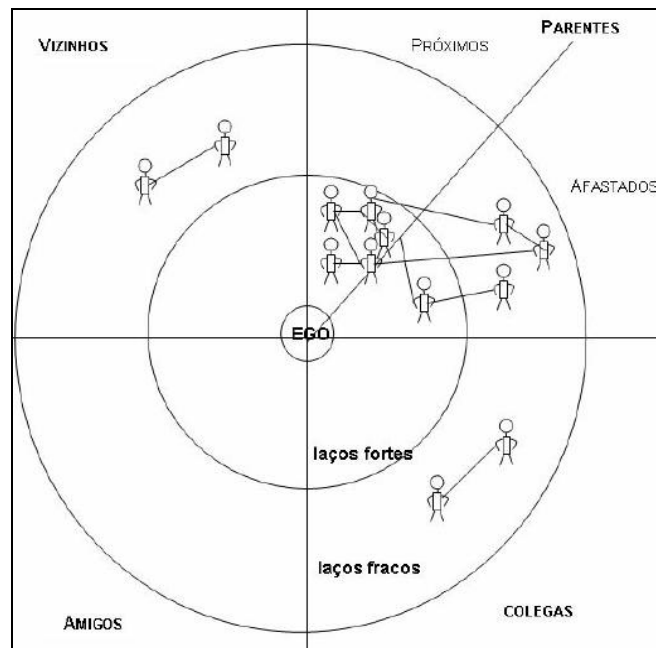
Figura 1: Rede do Tipo Encapsuladas



Fonte: Portugal (2006)

O único entrevistado que não se enquadra na rede atrás descrita, apresenta uma rede afínica (Figura 2), isto porque os laços fortes construídos não são com sua rede familiar, visto estas não existir, mas sim com laços de amizades criados por afinidades.

Figura 2: Rede do Tipo Afínica



Fonte: Portugal (2006)

A maior parte dos utentes entrevistados que constituem a amostra deste estudo apresentam redes centradas no parentesco restrito e, é no interior destas que se estabelecem os laços fortes. É nestas relações que se verificaram o maior fluxo de apoio financeiro e afetivo mais significativos. Os entrevistados/as revelaram ter alguns amigos e vizinhos mas não têm um papel relevante nos apoios sociais. A satisfação de necessidades é apoiada pelos laços de parentesco que prestam ajuda material, embora como foi descrito atrás, esta ajuda traduz-se no apoio material “duradoiro” sendo o apoio instrumental feito na sua maioria pela instituição, verificando-se uma partilha entre as redes formais e informais no apoio a cuidados de saúde

6.4 -Satisfação com a Rede Social

As redes de suporte e as redes de relações sociais podem ser avaliadas segundo número e a frequência de contatos, e também da qualidade de relacionamentos, associada aos tipos de trocas que proporcionam e à satisfação auferida com elas. Sabe-se que se a estrutura constitui uma importante dimensão da avaliação da rede social, a perceção da qualidade das relações estabelecidas é igualmente fundamental à consideração da satisfação das pessoas quer, por via direta, com as relações que estabelecem com a rede de suporte social. Quanto mais satisfatória for a perceção do individuo em relação à sua rede de apoio social, mais fortes serão seus sentimentos de satisfação com a vida (Sarason et al, 1985)

De forma a identificar a satisfação sentida pelos idosos, tomou-se em consideração dois indicadores²¹: as visitas recebidas, com o objetivo de auferir a qualidade das relações sociais e a satisfação com o suporte social prestado pelas redes sociais. Como defendem Hohaus e Berah, a satisfação com o suporte social disponível é uma dimensão cognitiva com um importante papel na redução do mal-estar (Hohaus e Berah, 1996). O suporte social é uma das variáveis que estão associadas à satisfação com a vida, desempenhando uma forte influência na saúde de e no bem-estar dos indivíduos.

Da análise das entrevistas podemos considerar que os idosos acham suficientes as visitas que recebem mas, simultaneamente, demonstram um sentimento de conformismo, sendo indicado

21 Ver Quadro 3 – Relação entre as perguntas da entrevista e as dimensões da investigação

na maioria dos casos que gostariam de ser mais visitados/as. O excerto das entrevistas que se seguem é revelador desta realidade:

“Acho que é suficiente para a vida que eu tenho, estou aqui, mas faço a minha vida, faço as minhas coisas, tenho contacto com as empregadas com as minhas colegas, o que é que eu quero mai.” (E1);

“Gostava mais de visitas... compreendo que não pode ser ... uma vida muito ocupada. (...)”(E2);

“Gostava de os ver mais, gostava de passar era uns dias com eles”(E3)

Como defende Erbolato (2002) são reconhecidos os efeitos positivos da quantidade de contatos sociais. A qualidade e bem-estar estão mais relacionados com a saúde emocional e a qualidade de vida percebida, principalmente na velhice, quando o número de contatos sociais é mais restrito (Goslstein, 1998).

O suporte social dos entrevistados, como descrito anteriormente, provém da rede social informal e formal, sendo ativada segundo o tipo de suporte necessário. Os efeitos positivos do suporte social estão associados com a utilidade de diferentes tipos de suporte fornecidos. De forma a compreender a satisfação com o suporte social prestado pelas redes sociais, questionou-se²² os utentes do Lar se consideravam suficiente, ou não, o apoio que recebem no dia a dia e de quem gostariam de receber mais apoio. A totalidade das respostas a esta questão revela um nível de satisfação positivo, no entanto apontam para outro facto já reconhecido atrás, que as visitas que recebem são pouco frequentes e não significativas relativamente ao suporte social recebido. As entrevistas de E1,E4, são reveladoras dessa satisfação mas ao mesmo tempo demonstram o que foi descrito atrás.

“Estou muito satisfeita. Não, estamos bem ... as instalações são boas, os diretores e as funcionárias são muito atenciosas. Gostava de mais visitas dos familiares, mas propriamente os conhecimentos não aparecem ... eu compreendo tem a sua vida (...)” (E3);

22 Questão 17-Sente-se apoiado no seu dia-a-dia? Gostaria de ter mais apoio? De que tipo? E de quem?

“Sim tenho tudo o que preciso.” (E8)

“O Lar é bom e o pessoal e as instalações também (...) Estou contente, gostava de estar na minha casa mas aqui tenho outro apoio ... eles têm lá a vida deles (os filhos).” (E 10)

Os dados mostram ainda que a relação entre os dois tipos de rede sociais permitem suprir deficiências de outras esferas. Esta relação é clara na área da prestação de cuidados, na qual a instituição é a grande responsável, perante um quadro deficitário de provisão familiar.

Conclusão

A presente investigação é o resultado de um processo composto por diferentes etapas que se complementam de modo a abranger o propósito inicial – compreender **a estrutura e a dinâmica da rede social dos idosos de uma instituição de solidariedade social**, com o objetivo de conhecer a estrutura e função dos apoios prestados pelas redes de suportes sociais: o suporte informal (família nuclear e alargada; os amigos; os vizinhos) e o suporte formal, o papel dos serviços de apoio à velhice, que irão ser retratados na valência: lar. Pretendeu-se analisar e descrever de que forma a atividade desenvolvida por esta IPSS, na sua valência lar, contribui para o bem-estar e qualidade de vida dos idosos.

Ao longo da primeira parte do trabalho - o enquadramento teórico foi relatado a situação atual do país que se apresenta com níveis elevados de envelhecimento demográfico. Foi assim pertinente referir quais as alterações ao nível da estrutura familiar que transferiram o papel dos familiares em prestar auxílio aos seus idosos para o Estado, sendo que nos remeteu para a identificação das políticas criadas pela sociedade para prestar serviço ao número cada vez mais elevado de idoso. A diminuição nos níveis de autonomia que possibilitem continuar a habitar nas suas casas, a falta de retaguarda familiar adequada às suas necessidades ou mesmo quando respostas sociais como Famílias de Acolhimento ou Serviço de Apoio Domiciliário não se assumem como os meios mais adequados, é inevitável falar em Institucionalização. Muitos dos idosos requerem a institucionalização devido à necessidade de procurar vínculos alternativos numa outra relação de apoio e de proteção, com a finalidade de viverem o resto dos seus dias em segurança. Para que tal aconteça a qualidade oferecida pela instituição torna-se muito importante, passando a instituição a ser rede de suporte formal e a substituir a rede de cuidados informais e familiares.

Assim, foi necessário distinguir Rede Social de Rede de suporte social. A primeira refere-se às relações sociais e às suas características morfológicas e transacionais. A forma como as relações sociais estruturam os comportamentos quotidianos e são mobilizadas em cada circunstância específica, caracteriza a integração social da pessoa. Em contra partida a rede de apoio social visa uma ajuda concreta à pessoa, consequentemente não se trata de recursos abstratos, estes são mobilizados como apoio no cuidado e na proteção à saúde.

Com efeito esta dissertação enquadra-se no paradigma qualitativo uma vez que utiliza como método de recolha de dados a entrevista semiestruturada, com vista retratar uma realidade

social, neste caso, a rede de suporte social à população idosa, com o objetivo essencialmente descritivo a fim de compreender a estrutura e função da rede social de apoio nesta realidade.

É de realçar que a presente investigação trata um estudo de caso e que o número de participantes foi reduzido, e assim as conclusões obtidas corresponderem a uma realidade específica. O estudo de caso, não pretende retirar conclusões para outros grupos, no entanto dá visibilidade da fraca rede informal dos idosos institucionalizados em lar.

Através da análise estrutural da rede, avaliou-se os vínculos dos idosos e os seus relacionamentos no espaço social, mostrando a rede de apoio social e as funções que desempenham no quotidiano e na promoção do seu bem-estar. A análise da morfologia das redes permitiu analisar como é acionado, para cada tipo de apoio, uma rede parcial em que são ativados os laços que melhor podem responder às necessidades dos indivíduos. Se para recursos a rede se centra nos laços fortes para outros os laços fracos são essenciais para garantir a provisão das necessidades. No caso do suporte financeiro a morfologia da rede ativada para dar resposta é bastante centrada nas relações familiares, a orientação é quase exclusivamente orientada para a família, para o parentesco restrito. São os laços fortes familiares, com um forte sentido intergeracional, que predominam neste tipo de ajuda.

Com base na pesquisa empírica levada a efeito por Sílvia Portugal (2006) identificou quatro modelos de redes sociais: as redes encapsuladas, a partir da análise dos nós e laços. A pesquisa identificou proeminentemente redes do tipo encapsuladas. Estas apresentam-se relevantes quanto ao capital social. Estas redes são centradas no parentesco restrito e é no interior destas que se estabelecem os laços fortes. É nestas relações que se verificaram o maior fluxo de apoios materiais e afetivos significativos. Os entrevistados/as revelaram ter alguns amigos e vizinhos mas não têm um papel relevante, nem no apoio instrumental nem informacional. A satisfação de necessidades é apoiada pelos laços de parentesco que prestam alguma ajuda material, embora como foi descrito atrás, esta ajuda material traduz-se na compra de produtos de uso pessoal, o fornecimento de outro tipo de material é prestado pelo suporte formal. Também a satisfação de apoio emocional é feita pela rede de parentesco.

Do ponto de vista do capital social as redes encapsuladas são as que oferecem menos possibilidade aos seus atores. Estas caracterizam-se pelo encapsulamento seja pela via da consanguinidade e limitam-se a uma esfera reduzida de contatos que não permite estender as redes para além do conhecido e incorporar a novidade.

Em suma, no que concerne aos objetivos específicos ficam notórias as seguintes regularidades na rede:

- Quanto á localização dos atores na rede, verificaram-se redes tipo estrela resultante do posicionamento central do utente, dados espectáveis tratando-se de rede egocêntrica. *Ego* refere-se ao nó central da rede neste caso o utente, o ponto de partida é *ego* assim, a relação com seus alteres deriva de *ego*.

- Na identificação dos atores que deveriam estar presentes na rede, os utentes apontaram de forma relevante, na dimensão emocional, a fraca frequência de visitas que recebem. Identificaram os familiares e amigos como os atores que deveriam estar mais presentes nesta rede de apoio.

-O padrão de relacionamento é de reciprocidade, e existe como que uma divisão e partilha de papeis, uns atores sociais responsabilizam-se por uma das dimensões de ajuda, enquanto que outros participam noutra dimensão, mobilizando-se esforço no sentido de atender as necessidades do idoso.

- Foi identificada a rede de apoio formal e informal através do tipo de resposta do utente. A ajuda informal surge evidenciada na rede de apoio financeiro e apoio emocional, suportada pela família e amigos, contrastando com estes dados a ajuda formal é o recurso mais nomeado na rede relativa a ajuda do tipo instrumental, material e nos cuidados de saúde prestada ao individuo.

Os dados permitem constatar um forte familismo, preenchendo as necessidades efetivas, monetárias e de material “duradoiro”. Assim confirma-se que a família ocupa um papel importante como recurso estratégico na provisão de bem-estar Este tipo de laços que estrutura as redes sociais pode dar azo a relações baseadas na horizontalidade ou na verticalidade.

Durante a realização deste estudo muitas foram as dificuldades e limitações. No entanto é de realçar o facto de ser incipiente numa nova metodologia que é Análise de Redes e dos seus conceitos inerentes e que se trata de um trabalho académico, não menosprezando por isso a vontade de as tentar ultrapassar e obter mais conhecimentos neste tema, valorizando assim a aprendizagem alcançada.

Vemos igualmente como importante a possibilidade de fazer um estudo longitudinal de forma a poder seguir um indivíduo antes durante e após a institucionalização, avaliando a importância das redes de suporte social junto desta população

Uma vez que o presente estudo utilizou uma amostra reduzida, constituída apenas por utentes da Valência Lar, seria interessante para investigações futuras a replicação deste trabalho em amostras provenientes de outras estruturas de apoio social formal, com vista à confirmação ou infirmação dos resultados obtidos.

Podemos afirmar que mais do que um ponto de chegada esta investigação pretende ser um ponto de partida para futuras investigações neste domínio.

BIBLIOGRAFIA

Aires, Luísa. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. 1ª Edição, Universidade aberta.

Almeida, João Ferreira de & Pinto, José Madureira. (1982). *A Investigação nas Ciências Sociais* Lisboa. 3ª Edição, Ed. Presença.

Almeida, João Ferreira. (1990). *Portugal, os próximos vinte anos. Valores e representações sociais*. Vol. VIII, Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Almeida, João Ferreira. (1992). *Exclusão Social, Fatores e Tipos de Pobreza em Portugal*. Celta Editora. Oeiras.

Altarriba, Francesc Xavier. (1992). *Gerontología – Aspectos Biopsicosociales del proceso de envejecer*. Editorial Boixareu Universitaria.

Alvarenga, Filipa., Matos, Gisela. e Lucas, Joana. (2001). *Quadros Sociais de Envelhecimento*. CIES-Centro de Investigação e Estudos de Sociologia e Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Lisboa.

Amado, J. (2009). *Introdução à Investigação Qualitativa em Educação investigação educacional*. Relatório de disciplina apresentado nas Provas Públicas de Agregação à Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Coimbra.

Análise Social. (1985). *Mudanças Sociais no Portugal de Hoje*. 3ª Série, Revista do Instituto de Ciências Sociais. Número 87-88-89.

Antonucci, Toni c . (1985). "Social Support: Theoretical Advances, Recent Findings and Pressing Issues", social support Theory, Research and Applications, Sarason, Irwin G., Sarason, Barbar R., University of Washington, Martinus Nijhoff Publishers, Seatle Washington, USA, 1985, p. 21-34; 73-110;243-261.

Appolinário, F. (2006). *Metodologia da Ciência*. Filosofia e Prática da Pesquisa.

Ballesteros, Rocio Fernandez, et al. (1992). *Mitos y Realidades sobre Vejez y la Salud*. Fundación caja de Madrid. SG Editores. Barcelona.

Baptista, J. (1996). *A ideia de progresso em Thomas Kuhn, no contexto da nova filosofia da Ciência*. Editora Afrontamento. Porto.

Baracco, Lino. (1990). *Saber envelhecer*. Edições Paulistas. Lisboa.

Bardin, Laurence. (2008). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.

Barron, A. (1996). *Apoyo social: aspectos teoricos y aplicaciones*. Siglo Veinteuno. España Editores .Madrid.

Barros, Carlos. e Santos, José c. Gomes. (1997). *As Instituições não Lucrativas e a Ação Social em Portugal*. Editora Vulgata. Lisboa.

Bott, Elisabeth. (1990). *Família y Red Social*. Taurus Humanidade Social. Madrid.

Boudon , Raymond. e Besnard, Phillippe., et al. (1990). *Dicionário de Sociologia*. Publicações Dom Quixote.

Bowland, Robert. *População, Família e Sociedade: Portugal XIX-XX*. Edições Celta.

Cabrilho, Francisco., Cachafeiro, M^a. e Ramos, José C. (1992). *Revolução Grisalha*. Planeta Editora.

Carrilho, Maria José. (1993). *O Processo de Envelhecimento em Portugal: Que Perspetivas*. Estudos Demográficos. INE.

Cassel, J. (1976). *The contribution of the social environment to host resistance*. American Journal of Epidemiology. **104**:300-314.

Castels, M. (1997). *La era de la informacion. Economia, sociedad y cultura*. Fin de milenio. Vol 3. Alianza Editorial. Madrid

Cobb, S. (1976). *Social support as a moderator of life stress*. Psychosomatic Medicine

Comissão de Coordenação da Região do Alentejo. *Estudo Demográfico da Região do Alentejo*. Ministério do Planeamento e Desenvolvimento Regional.

Costa, Firmino. *Trajetórias de Classe e Redes de Sociabilidade*. Análise Social, Vol.25.

Cruz, M. Braga da. (1989). *Teorias Sociológicas*. Fundação Calouste Gulbenkian, 1º Vol., Março.

Dinis, J. Alexandre. (1992) *Cuidados Informais, Família e Comunidade*. Conferência Europeia, Pessoas Idosas e Família, Solidariedade entre Gerações. Funchal.

Fernandes, Ana Alexandra. (2001). *Velhice, solidariedades familiares e política social: itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida*. Sociologia. Nº36. Problemas e Práticas. Oeiras.

Fernandes, Ana Alexandra. *Relações Familiares, Transformações Demográficas e Solidariedades intergeracionais*. Fórum Sociológico.

Fialho, Joaquim. (2008). *Redes de cooperação interorganizacional. O caso das entidades formadoras do distrito de Évora*. Tese de doutoramento. Universidade de Évora.

Fitousse, Jean Paul. A. *Nova Era das Igualdades*. Edição Celta.

Freixo, M. (2011). *Metodologia Científica Fundamentos Métodos e Técnicas*, 3ª. Edição, Instituto Piaget. Lisboa

Gazeneuve, Jean. e Victoroff. *Dicionário de Sociologia*. Edições Verbo.

Giddens; Anthony. (2000). *Sociologia*. Fundação Calouste Gulbenkian, p. 720-726.

Gil, Ana. (1999). *Redes de Solidariedade Intergeracionais na Velhice*. Cadernos de Política Social – Redes e Políticas de Solidariedade. APSS. Lisboa.

Gil, António. (1989). *Métodos e técnicas de Pesquisa Social*. 2ª Edição, Atlas. S. Paulo.

Goldstein, L. L. (1998). *Bem-estar Subjetivo no Idoso*. Texto não publicado - Núcleo de Estudo Avançados em Psicologia do Envelhecimento - UNICAMP – Campinas.

Guerra Isabel Carvalho. (2002). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo-Sentidos e formas de uso*. Editora Principia.

Guerra, Isabel Carvalho. *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Ação- Planeamento em Ciências Sociais*. 2ª Edição, Editora Principia.

Guerra, Isabel Carvalho. (2002). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia da Ação. O planeamento em Ciências Sociais*. Editora Principia. São João do Estoril.

Guiddens, Antony. (2010). *Sociologia*. 8ª Edição, Fundação Calouste Gulbenkian.

Hespanha, M. Jose Ferros. (1993). *Para Além do Estado: a Saúde e a Velhice na Sociedade de Providência in Portugal um Retrato Singular*.Org. Boaventura Sousa Santos, Centro de Estudos Sociais.Ed. Afrontamento.Porto

Hohaus, L&Berah, E. (1996). *Stress, Achievement, Marriage and Social Support, Effects on The Psychological well Being of Physicians entering mid life*. Psychologh and Healt.

Hooyman, Nancy R . e kiyak, H. Assuman. (1988). *Social Gerontology a Multidisciplinary Perspective*. Allyn and Bacon Inc. Boston.

Ihéu, J. Ramalho. *Estratégias de Participação Social na População- Sociologia Idosa do Alentejo. Economia e sociologia*. Nº 56. Évora.

Instituto de Segurança Social . (s/d). *Manual de Boas Práticas – Um Guia para o acolhimento residencial das pessoas mais velhas*. ISS. Lisboa.

Instituto Nacional de Estatística. (1999). *População e Condições Socais: estimativas da população residente*. Editora Instituto Nacional de Estatística.

Instituto Nacional de Estatística. (s/d).*Portugal 2000-2050*. Lisboa. INE. Lisboa

Instituto Nacional de Estatística.(s/d) *Projeções de população residente, Censos 2011*. Editora Instituto Nacional de Estatística. Lisboa

Kuhn,T. (2010). *Os paradigmas de Thomas Kuhn*. Acedido em: 07/05/2012 em: antoniocicero.blogspot.com/.../os-paradigmas-de-thomas-kuhn.html.

Kuhn, T. (2012). *O desenvolvimento da Ciência em Thomas Kuhn*. Acedido em: 07/05/2012 em: www.fernandosantiago.com.br/teia13.htm.

Kumar, V.e Cotran, S. e Roblins L. (2003). *Basic pathology*. 7ª edição, Saunders. Filadélfia. IDS.

Lessard, Michelle., Goyette, Hébert. e G Boutin, Gérald. (1990). *A Investigação Qualitativa, Fundamentos e Práticas*. Instituto Piaget. Lisboa.

Lima, Antónia Pedroso de. e Viegas, Susana de Matos. (1988). *A Diversidade Cultural do Envelhecimento: a construção social da categoria de velhice*. Psicologia: Envelhecimento-perspetivas pluridisciplinares. Lisboa. Nº2, p.149-158.

Litwak, E. (1985). *Helping the Elderly, The Complementary Role of Informal Networks*. The Guilford. New Work.

Mauss, Marcel. (1988). *Ensaio sobre a dádiva*. Edições 70. Lisboa.

Marconi, M. e Lakatos, E. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. Editora Atlas S.A. São Paulo.

Markides, Kyrickos S. e cooper, L. Cory. (1989). *Aging, Stress and Health:Ed John Wiley & Sons*, New York.

Marteleto, R. (2001). *Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação*. 30 Edição, Ciência da informação. Brasília.

Martins, R. (2004). *A relevância do apoio social na velhice*. Acedido em: 13/04/2012, em: www.ipv.pt/millennium/millennium31/9.pdf.

Molina, José Luís. (2001). *El análisis de redes sociales. Una introducción*. Edicions Bellaterra. Barcelona.

Minayo, M. C. S. e Sanches, O. (1993). *Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade. Volume 3, Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro. **3**: 239-262

Mozzicafredo, Juan.(2000). *Estado–Providência e cidadania em Portugal*. Editora Celta. Oeiras.

Nascimento, Fernando do. Ferreira, Alfredo Nunes. e Quaresma, Maria de Lurdes. (1992) *População Idosa: Contributo para uma Análise da Situação e Definição de Políticas*. Direção- Geral da Segurança Social.

Navalhas, J. (1998). *Crise de Suporte Social*. Revista de psiquiatria. **11**: 24-32.

Nazareth, J. Manuel. *O Envelhecimento da População Portuguesa*. Gabinete de Investigações Sociais. Editorial Presença.

Netto, M. P. (2002). *Gerontologia: A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. Editora Atheneu. São Paulo.

Onocko-campos, Rosana Teresa. e Furtado, Juarez Pereira. (2006) *Entre a saúde coletiva e a saúde mental: um instrumental metodológico para avaliação da rede de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) do Sistema Único de Saúde*. Cad. Saúde Pública. Vol.22, n.5: 1053-1062.

Pais, J. M. (2006). *Nos Rastos da Solidão – Deambulações Sociológica*. Editora Ambar. Porto.

Portugal, Sílvia. (2005). Quem tem amigos tem saúde: o papel das redes sociais no acesso aos cuidados de saúde. em: Simpósio, Família, redes sociais e saúde. Instituto de Sociologia da Universidade de Hamburgo. Hamburgo.

Portugal, Sílvia. (2006). *Novas Famílias, Modos Antigos- As redes sociais na produção de bem-estar*. Universidade de Coimbra.

Portugal, Silvia. (Março, 2007). *Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica*. Faculdade de Economia. Centro de Estudos da Universidade de Coimbra. Nº 271, Março.

Portugal, Silvia. (2007). *O que faz mover as redes sociais? Uma análise das normas e dos laços*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, **79**: 35-56

Quaresma, M.de Lurdes. (1988). *Política de Velhice. Análise e Perspetivas*. Psicologia VI. Nº2., 227-237

Quivy, R. e Campenhoudt, L. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais*. 5ª Edição, Gravita. Lisboa.

Ramos, M. (2002). *Apoio social e saúde entre idosos*. *Revista Sociologias*, **4**:156-175.

Ribeiro, J. (1999). *Escala de satisfação com o suporte social*. Análise psicológica. Pergaminho.

Roca, Joaquim Garcia. *Solidariedad y Voluntariado*. Santader Editorial.

Rosa, C., Benício, D., Alves, P. e Lebrão, L. (2007). *Aspetos estruturais e funcionais do apoio social de idosos do Município de São Paulo*. *Cad Saúde Pública*. São Paulo.

Saraceno, Chiara. e Naldini, Manuela .(2003). *Sociologia da família*, 2ª ed., Lisboa

Santos, Boaventura de Sousa. (1995). *Sociedade-Providência ou Autoritarismo Social?*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, **42**:1-4.

São, José. e Wall, Karin. (2006). *Trabalhar e Cuidar de um Idoso Dependente: Problemas e Soluções*. *Cadernos Sociedade e Trabalho VII – Proteção Social*, MTSS/DGEEP. Lisboa

Seidman, I. (2005). *Interviewing as Qualitative Research: a guide for researchers in education and the social sciences*. 3ª edition, Teachers College Press. New York

Serra, Maria José. *Rumo á Velhice: aspiração face à vida pós activa na população residente em Vila Nova de Santo André*. Trabalho de fim de curso, Universidade de Évora. Évora

- Shanas, Ethel. (1979), *The Family as a Support System in Old Age*, The Gerontologist, 19.
- Shanas, Ethel. (1962) .*The Health of Older People- A Social Survey*. Health Informacion Fundation. Harvard University Press. Cambridge Massuchussets, p 94-111.
- Shorter, Eduard. (1995) . *A Formação da Família Moderna*. Editor Terramar.
- Silva, Augusto Santos Silva. e Pinto, José Madureira. *Metodologia das Ciências Sociais*. 7ª Edição, Editora Afrontamento. Porto.
- Silva, Carlos. e Fialho, Joaquim. (2006). *Redes de Formação Profissional. Uma dinâmica de participação e cidadania*. REDES- Revista hispana para el análisis de redes sociales, vol. 11. [ISSN 1579-0185] de http://revista-redes.rediris.es/pdf-vol11/vol11_6.pdf.
- Stake, R. (2005). *Qualitative Case Studies*. In Norman Denzin & Yvonna Lincoln (Eds.). *The Sage Handbook of Qualitative Research (third edition)*. London: Sage Publicatios, pP. 443-466.
- Tals, Jean. e Trout, Pierre. (s/d) *Microsociologia da Família*. Publicações Europa América.
- Tornastam, Lars. (1989) . *A ajuda Formal e Informal aos Idosos- Análise das estruturas atuais e das Opções Futuras na Suécia*. in *Ciência e Sociedade*, Publicações Europa América. Nº4
- Universidade Técnica De Lisboa. (1988). *Política Social*. ISCSP.
- Vézina, A. et al. (1994). *Recension des Écris sur le Soutien à Domicile: La Personne Âgée*
- VILELAS, J, (2009). *Investigação – O Processo de Construção do Conhecimento*. Edições Sílabo. Lisboa.
- Vincent, L. e Ouimet, M. (2008). *Análise estrutural das redes sociais*. Editora Piaget. Lisboa.
- Weinberger, M et al. (1987). Assessing Social Support in elderly adult. *Soc. Sci Med*, **25**: 1049-1055.

YIN, R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4ª Edição, Bookman. Porto Alegre.

ANEXOS

ANEXO A

Caraterização dos Entrevistados

Caracterização dos participantes					
Nome	Sexo	Idade	Identificação	Fonte dos dados	
				Entrevista	Registo de Observação
A	F	82	E1	<ul style="list-style-type: none"> • Viúva . • Está instituição há 4 anos. • Natural da Freguesia de Santa Maria (Estremoz). • Não Sabe ler nem escrever 	<ul style="list-style-type: none"> • Viúva à 30 anos. • Não tem filhos.
B	F	86	E2	<ul style="list-style-type: none"> • Viúva . • Possui o ensino Primário • Está no lar há 13 anos. • Não tem filhos. • Natural de Sousel. • Veio para Estremoz após reforma do marido. • Sempre foi doméstica. 	<ul style="list-style-type: none"> • O marido faleceu à 7 meses. • Tem a 4ª classe • Foi uma das primeiras utentes do Lar. • O marido tinha um filho de outro casamento. • Viveu em Lisboa. Após a reforma do marido passaram a residir em Estremoz. • A situação financeira do marido permitia estar em casa
C	F	81	E3	<ul style="list-style-type: none"> • Viúva • Está no Lar há 1 ano • Tem 3 filhos • Possui o Ensino preparatório 	<ul style="list-style-type: none"> • Vivia com a filha e netos antes da ida para a instituição. • Sofre um AVC à 2 anos • Esteve em centro de dia 2 meses

M	M	61	E4	<ul style="list-style-type: none"> • Solteiro • Está no Lar á 3 anos • Não tem filhos • Possui ensino preparatório 	<ul style="list-style-type: none"> • Esteve em centro de dia 5 anos • Vivia sozinho antes de da ida para a instituição • Após recuperação de uma doença cancerígena , sofreu um AVC
B	M	99	E5	<ul style="list-style-type: none"> • Viuvo • Ensino preparatório • Não tem filhos • Está no Lar a 6 meses 	<ul style="list-style-type: none"> • Vivia sozinho • Casou por duas vezes • Frequentou na altura uma escola profissional • Não teve filhos por opção , por dificuldades da época
A	F	93	E6	<ul style="list-style-type: none"> • Solteira • Não sabe ler nem escrever • Não tem filhos • Está no Lar à 7 meses 	<ul style="list-style-type: none"> • Tomou a responsabilidade da criação de duas sobrinhas • Vivia junto às duas sobrinhas que ajudou a criar
A	F	83	E7	<ul style="list-style-type: none"> • Viúva • Sabe ler e escrever mas não fez a 4ª classe • Tem 2 filhos • Está é utente no lar a 8 meses 	<ul style="list-style-type: none"> • Vivia sozinha antes de ser institucionalizada • Desloca-se com frequência a casa
E	F	83	E8	<ul style="list-style-type: none"> • Viúva • Ensino primário • Não tem filhos • É utente no Lar à 3 anos 	<ul style="list-style-type: none"> • Vivia sozinha • Tem uma família grande

J	M	76	E9	<ul style="list-style-type: none">• Solteiro• Ensino preparatório• Não tem filhos• Esta na instituição a 3 meses	<ul style="list-style-type: none">• Vivia Sozinho antes de vir para o Lar• Não tem familiares a residir no concelho
J	F	83	E10	<ul style="list-style-type: none">• Viuva• Teve 4 filhos• Sabe ler e escrever mas não completou a 4ª classe• Está na instituição a 7 meses	<ul style="list-style-type: none">• Ficou viúva à 25 anos• Sempre viveu sozinha• Tem dois filhos vivos

ANEXO B

Análise de Conteúdo das Entrevistas

TEMA: Rede Apoio social aos Idosos

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de contexto
	Densidade	Tamanho (nº de ligações)	<p>“Tenho 2 Irmãos e uma irmã (...) eu sou a mais velha”(E1) / “Tenho sobrinhos da minha irmã. São 3 ... e do meu irmão tenho dois, o outro meu irmão é solteiro. Tenho contactos com todos” (E1)</p> <p>“Não tive filhos, o meu marido tinha um (...) Ainda tenho um irmão com 90 anos. Tive quatro (...) mas tenho sobrinhos... tenho 4 ou 5, vivem em lisboa.” (E2)</p> <p>“Tenho três filhos, seis netos e uma bisneta. Tenho um sobrinho do meu irmão... mantenho contato.” (E3)</p> <p>“ Não tenho irmãos (...) Tenho primos, tenho afilhado. (E4)</p> <p>“Tive 7 irmãos mas já morreram todos.” (E5)</p> <p>“Tenho um irmão que está no albergue aqui em Estremoz (...) Não tenho filhos. Tenho 2 sobrinhas e 1 sobrinho que moram em Estremoz,” (E6)</p> <p>“Tenho duas sobrinhas da minha irmã e 2 netas do meu filho mais novo e um casal do meu filho mais velho” (E7)</p> <p>“Tenho uma família grande, muitos sobrinhos e um afilhado ... os filhos do meu irmão” (E8)</p> <p>“Primo que tem dois filhos que contacto mais” (E9)</p> <p>“Tenho 3 Irmãos, 2 já faleceram e outro mora cá em Estremoz com a mulher, é o mais novo dos três ...” (E 10)</p>
	Proximidade	Frequência dos contactos	<p>“Tenho contactos com todos. Só que aquele mais novo é entregue a bebida e não faz caso da gente (...) O meu irmão de Setúbal, não me telefona muitas vezes, mas se eu estou doente liga-me mais depressa, ou se eu preciso de alguma coisa entro em contacto com ele. (pausa) Liga-me mais ou menos de 15 em 15 dias normalmente quase sempre aos sábados.” (E1)</p> <p>“ Os sobrinhos vêm cá pouco. Quando cá vêm levam-me a almoçar. Visitam-me pouco porque têm uma vida muito ocupada, (...) Tenho uma sobrinha que é minha afilhada e minha herdeira, essa é que me visita mais e me telefona mais com frequência ... liga 1 a 2 vezes por semana, também vive em lisboa. Os sobrinhos vêm quando podem, vêm de dois em dois meses... devem estar cá a vir.” (E2)</p> <p>Os meus filhos geralmente ligam todos os dias, A minha filha mora torres novas e ele em carcavelos aproveitam a hora da visita que sabem que eu estou disponível e ligam todos os dias para o telemóvel...(...) A minha filha que mora na minha casa passa quase todos os dias cá porque ela trabalha na escola primária aqui ao lado. Os meus filhos que estão fora vêm quando podem, sabe a vida está muito difícil, (...) Eles visitam-me pelo natal pelo carnaval, pelas épocas festivas.” (E3)</p> <p>“ (...) Telefono uma a duas vezes por semana. Pelas festas da terra vem cá. Não me deixam passar o natal cá sozinho. Vou sempre para as casas deles. Se eu precisar conto sempre com eles. Mas eu faço a minha vida e</p>

		<p>eles a deles (...) Primo que tem dois filhos que contacto mais... e outros primos que vejo pouco mais falo com eles. Moram lá para lisboa. Vêm cá as festas da terra (Setembro)” (E4)</p> <p>“Não tenho filhos. Tive duas mulheres, mas não tive filhos de nenhuma. A primeira era mais velha que eu 10 anos. Conversamos e não quisemos filhos, no meu tempo havia muita fome, os guaiados andavam descalços e sujos... e nós não quisemos filhos para não os criar assim. Sobrinhos tenho muitos mas não sei nada deles... estão lá para lisboa...esses rapazes não me pertenciam, chamavam-me tudo...não quero saber deles.” (E5)</p> <p>“ (...) a minha casa é no mesmo monte dos delas. A outra família mora em lisboa só os vejo 1 a 2 vezes por ano. Na semana as minhas sobrinhas passam cá a ver-me e ver se preciso de alguma coisa.” (E6)</p> <p>“Vou de 8 em 8 dias, nos domingos passar o dia para casa do meu filho mais novo e o outro é menos vezes, lá de 15 em 15 dias. A minha irmã vem cá uma vez por ano (...) mas falamos ao telefone mais ou menos de 15 em 15 dias.” (E7)</p> <p>“ (...) vejo-os todos os meses uns ou outros depende daquele que cá vem o meu irmão de 15 em 15 dias vem cá outras vezes mais vezes depende do tempo e como anda. Telefonemas recebo quase sempre todas as semanas, a sempre um que me liga.” (E8)</p> <p>“O meu primo falo com ele de 15 em 15 dias (...) e outros primos que vejo pouco mais falo com eles. Moram lá para lisboa. Vêm cá as festas da terra (Setembro) ” (E 9)</p> <p>“ A minha filha é que cá vem quase todos os dias e as vezes trazem os netos para eu os ver. O meu irmão também passa por cá. (E10)</p> <p>“Chega...eles também têm lá a vida deles. Também os vejo quase as mesmas vezes que quando estava em casa... o meu filho é que o via mais pois morava comigo.” (E10)</p>	<p>eles a deles (...) Primo que tem dois filhos que contacto mais... e outros primos que vejo pouco mais falo com eles. Moram lá para lisboa. Vêm cá as festas da terra (Setembro)” (E4)</p> <p>“Não tenho filhos. Tive duas mulheres, mas não tive filhos de nenhuma. A primeira era mais velha que eu 10 anos. Conversamos e não quisemos filhos, no meu tempo havia muita fome, os guaiados andavam descalços e sujos... e nós não quisemos filhos para não os criar assim. Sobrinhos tenho muitos mas não sei nada deles... estão lá para lisboa...esses rapazes não me pertenciam, chamavam-me tudo...não quero saber deles.” (E5)</p> <p>“ (...) a minha casa é no mesmo monte dos delas. A outra família mora em lisboa só os vejo 1 a 2 vezes por ano. Na semana as minhas sobrinhas passam cá a ver-me e ver se preciso de alguma coisa.” (E6)</p> <p>“Vou de 8 em 8 dias, nos domingos passar o dia para casa do meu filho mais novo e o outro é menos vezes, lá de 15 em 15 dias. A minha irmã vem cá uma vez por ano (...) mas falamos ao telefone mais ou menos de 15 em 15 dias.” (E7)</p> <p>“ (...) vejo-os todos os meses uns ou outros depende daquele que cá vem o meu irmão de 15 em 15 dias vem cá outras vezes mais vezes depende do tempo e como anda. Telefonemas recebo quase sempre todas as semanas, a sempre um que me liga.” (E8)</p> <p>“O meu primo falo com ele de 15 em 15 dias (...) e outros primos que vejo pouco mais falo com eles. Moram lá para lisboa. Vêm cá as festas da terra (Setembro) ” (E 9)</p> <p>“ A minha filha é que cá vem quase todos os dias e as vezes trazem os netos para eu os ver. O meu irmão também passa por cá. (E10)</p> <p>“Chega...eles também têm lá a vida deles. Também os vejo quase as mesmas vezes que quando estava em casa... o meu filho é que o via mais pois morava comigo.” (E10)</p>
	<p>Proximidade</p>	<p>Peço sempre para a funcionária... é sempre a mesma, quando ela não está peço as outras para falarem com ela. (E1)</p> <p>“ A minha filha mais nova, ela passa todos os dias por cá (...) ” (E2)</p> <p>“O meu marido tinha um filho, (...) Tenho contacto com este filho do meu marido e telefonamo-nos, temos muito boa relação, o melhor possível. (...) Tenho a minha sobrinha mas até gosto mais do filho do meu marido porque (pausa) como vou dizer ...uma pessoa ammm, sincero, desprendido, não é nada interesseiro, sai mais ao pai. A minha sobrinha é mais interesseira... o filho não quer nada ... mais desprendido.” (E3)</p> <p>“Se eu tiver numa situação de emergência à minha prima que esta em setúbal. Mas primeiro trata a instituição. Depois digo sempre a minha prima mas se já está resolvido não é necessário ela estar cá a vir.” (E4)</p> <p>“Estou contente, os meus filhos vêm cá durante a semana, vou a casa deles, levam-me aos arcos, a minha casa para estar lá um bocado e ver as minhas coisas e falar com as minhas vizinhas” (E7)</p> <p>“Sim, tem lá a vida deles, mas fico contente de falar com eles.” (E8)</p> <p>“A minha filha e o meu filho... mas mais a minha filha.” (E 10)</p>	<p>Peço sempre para a funcionária... é sempre a mesma, quando ela não está peço as outras para falarem com ela. (E1)</p> <p>“ A minha filha mais nova, ela passa todos os dias por cá (...) ” (E2)</p> <p>“O meu marido tinha um filho, (...) Tenho contacto com este filho do meu marido e telefonamo-nos, temos muito boa relação, o melhor possível. (...) Tenho a minha sobrinha mas até gosto mais do filho do meu marido porque (pausa) como vou dizer ...uma pessoa ammm, sincero, desprendido, não é nada interesseiro, sai mais ao pai. A minha sobrinha é mais interesseira... o filho não quer nada ... mais desprendido.” (E3)</p> <p>“Se eu tiver numa situação de emergência à minha prima que esta em setúbal. Mas primeiro trata a instituição. Depois digo sempre a minha prima mas se já está resolvido não é necessário ela estar cá a vir.” (E4)</p> <p>“Estou contente, os meus filhos vêm cá durante a semana, vou a casa deles, levam-me aos arcos, a minha casa para estar lá um bocado e ver as minhas coisas e falar com as minhas vizinhas” (E7)</p> <p>“Sim, tem lá a vida deles, mas fico contente de falar com eles.” (E8)</p> <p>“A minha filha e o meu filho... mas mais a minha filha.” (E 10)</p>

		Situação de emergência a quem recorre	<p>“Esta senhora (pausa) a funcionária do lar é que toma conta de mim e dessas coisas quando as pessoas não têm filhos”(E1)</p> <p>“Aqui ao Lar. O lar é que trata de tudo”(E2)</p> <p>“Se não se resolve aqui no lar, peço a minha filha, mas aqui geralmente resolvem.” (E3)</p> <p>“Se eu tiver numa situação de emergência à minha prima que esta em setúbal. Mas primeiro trata a instituição. Depois digo sempre a minha prima mas se já está resolvido não é necessário ela estar cá a vir. “ (E4)</p> <p>“Eu fui trabalhar Évora para a fábrica dos Leões, tomei conhecimento com um senhor que trabalhava na fábrica. Fui muito meu amigo, fez por mim o que nunca ninguém da minha família fez.” (E5) / “Foi companheiro e eu dele, um grande amigo. Acabei por ficar amigo íntimo da família. Hoje, acontece o contrário, estou a ajudar a filha dele.” (E5)</p> <p>“As sobrinhas (...) as minhas duas sobrinhas, uma ou outra, posso contar sempre com elas”(E6)</p> <p>“Aos meus filhos (E7)</p> <p>“Com o meu irmão e os seus filhos, o meu irmão para a idade que tem ainda está muito bom” (E8)</p> <p>“ (...) a instituição.” (E9)</p> <p>As funcionarias pois estão aqui e depois a minha filha.</p>
2-Rede Apoio Social	Tipo de apoios prestados pela rede segundo a função	Apoio Emocional (afetivo)	<p>“não tenho ninguém e fora do lar não contacto com muita gente. Mas é a minha irmã que falo mais” (E1)</p> <p>)” No Lar não tenho com quem falar, havia umas ...mas já morreram, com as colegas do lar fala-se do tempo ou almoço esta bem. Não tenho ninguém aqui para falar” (E2)</p> <p>“A minha filha mais nova está mais próxima” (E3)</p> <p>“Tenho aqui uma psicóloga que falo (...) ainda a tempos tive mais em baixo e foi falar com ela , e ajudou muito mas também falo muito com a minha prima. Converso coisas com ela que não falo com mais ninguém. Tenho alguns amigos que também falo” (E4)</p> <p>“A assistente social, com a D. Manuela (diretora) ... são boa gente, e também a filha do meu amigo, são como família.” (E5)</p> <p>“Aqui no lar não falo com ninguém certas coisas, as minhas sobrinhas quando estou com elas ao fim de semana falo todo o que não falei aqui” (E6)</p> <p>“com as minhas vizinhas quando vou a minha casa nos Arcos e com os meus filhos. Aqui falo com algumas pessoas mas nada de especial” (E7)</p> <p>“Com o meu irmão quando me vem visitar as vezes peço para me levarem a casa para lá passar a tarde, também falo com as minhas vizinhas ... as que moram lá a mais tempo.” (E8)</p> <p>“... A pessoas amigas que são minhas vizinhas, quando me vêm visitar ou quando posso ir passar uma tarde a casa e falamos.” (E9)</p>

			<p>“Aqui não falo muito, (...) falo algumas coisas mas não são muitas. Normalmente falo mais com a minha filha, com o meu irmão, mas em sítios que estamos sozinhos. Também falo com as minhas vizinhas quando a minha filha me leva a casa.” (E 10)</p>
		<p>Apoio Instrumental (material)</p>	<p>“ se precisar de alguma coisa...as vezes a gente pode precisar, peço a minha irmã (...) Mas se precisar de alguma coisa...as vezes a gente pode precisar, peço a minha irmã e ela vai comprar.” (E1)</p> <p>“Peço a qualquer uma peço que vá comigo ou a Dr.ª, a assistente social ou a uma funcionária que me compre as minhas comprinhas. Quando cá vem a minha sobrinha aproveito para comprar qualquer coisinha.” (E2)</p> <p>“A roupa é a minha prima que me compra umas calças, uma camisa ... aquilo que eu precisar, ela é que vai sempre, mas agora eles andam para lá doentes e eu precisei de umas coisas e olhe disse a minha empregada e ela vai e compra a maneira dela, há sempre uma pessoa que me ajude.” (E4)</p> <p>“A pensar que vinha para o Lar comprei muita coisa, muita roupa, mas muita já não apreço ...vai para a lavagem e por lá fica... coisas da vida. Mas peço a filha do meu amigo se preciso” (E5)</p> <p>“Peço a uma das sobrinhas, a que tiver mais tempo, para ir comigo” (E6)</p> <p>“Digo aos meus filhos, mas são as minhas noras que vão comigo comprar ou trazem-me cá ao lar” (E7)</p> <p>“Peço aqui a assistente social para ir comigo para comprar, os meus sobrinhos nem sempre cá estão e o meu irmão é homem não percebe disso.” (E8)</p> <p>“À instituição ou vou comprar sozinho, peço e as funcionárias levam-me” (E9)</p> <p>“Peço a minha filha os homens não percebem disso” (E 10)</p>
		<p>Apoio Informacional (cuidados de saúde e assuntos administrativos)</p>	<p>“Tenho ido com a minha irmã, mas é a instituição que tem esta obrigação, mas normalmente vou com a minha irmã, quando ela pode e quando ela quiser.” (E1)</p> <p>“Como disse a Dr.ª do Lar acompanha-me muito, vai comigo ao Banco as compras, ao médico vai uma funcionária da instituição.” (E2)</p> <p>“Ah isso é o filho (risos) é mais fácil, é rapaz esta num meio diferente... está dentro de outros assuntos que esta que esta cá não está. Ao médico é daqui. Ainda esta semana foi a Évora, a fisioterapia por causa da minha perna e fui com uma funcionária na carrinha do lar. Têm-me apoiado muito...” (E3)</p> <p>“Nos assuntos administrativos se a minha prima está cá vai ela comigo, se não está, falo com a assistente social mas normalmente ao banco vou eu, vou no carro da instituição e depois elas trazem-me de volta, ao médico o mesmo ...vou com as funcionárias ou falo com a minha prima” (E4)</p> <p>“À instituição e à D. Manuela (Diretora) ” (E5)</p> <p>“Ir ao médico e marcar consultas é aqui com a instituição para não fazer perder dias no emprego das minhas sobrinhas... vou com as funcionárias no carro do lar. Tratar de papéis de bancos e outros é com elas.” (E6)</p> <p>“A instituição trata dessas coisas, as funcionarias vão connosco ao e marcam as consultas outros assuntos de papéis e bancos são os meus</p>

			<p>filhos, mas mais o meu filho mais novo, ele tem mais facilidade em se mexer...” (E7)</p> <p>“É aqui com a instituição, o médico e tratar de consultas é com as funcionárias e outros assuntos como o banco peço a assistente social.” (E8)</p> <p>“À instituição.” (E9)</p> <p>“Ir ao médico é aqui as funcionárias e os remédios, mas se quero ir a um médico particular falo com a minha filha e ela leva-me. Os outros assuntos de papéis é com a minha filha.” (E 10)</p>
		Apoio Financeiro	<p>“A minha irmã é a pessoa mais próxima de mim. O meu irmão está longe e outro não serve para nada...”(E1)</p> <p>“ Por hora sou eu que” (E1) “tenho ... que dirijo e tenho tudo em meu poder. Eventualmente um dia dirijo-me ao filho do meu marido” (E2)</p> <p>“Se não se resolve aqui no lar, peço a minha filha, mas aqui geralmente resolvem. Fui operada já a vista depois de estar aqui e a instituição resolveu tudo.” (E3)</p> <p>“A prima é óbvio...são muito importantes” (E4)</p> <p>“A esta filha do meu amigo, o pai dela vez por mim o que numa ninguém fez”(E5)</p> <p>“Não preciso mas se um dia preciso as minhas sobrinhas não me faltam (pausa) são como minhas” (E6)</p> <p>“Aos meus filhos, mas mais ao mais novo tem outra vida sabe. Mas é importante quem nos ajude... as reformas são pequeninas filhas, sabe.” (E7)</p> <p>“Ao meu irmão e aos meus sobrinhos” (E8)</p> <p>“...talvez ao meu primo” (E9)</p> <p>“A minha filha” (E 10)</p>
		Visitas recebidas	<p>Acho que é suficiente para a vida que eu tenho, estou aqui, mas faço a minha vida, faço as minhas coisas, tenho contacto com as empregadas com as minhas colegas, o que é que eu quero mais, é suficiente. Eu é que arranjei para vir para cá.”(E1)</p> <p>“Gostava mais de visitas... compreendo que não pode ser ... uma vida muito ocupada. Mas no entanto, quando estão cansados vão viajar, vão para o estrangeiro, vão descansar ...pronto.” (E2)</p> <p>“Gostava de os ver mais, gostava de passar era uns dias com eles para</p>

<p>Satisfação</p>	<p>Identificação de aspetos que realçam a satisfação sentida pelos idosos</p>	<p>ver o ambiente da casa deles, para ver a minha bisneta,”(E3)</p> <p>“Essa é uma pergunta complicada (...) Em função da vida de hoje estou satisfeito.” (E4)</p> <p>“Não tenho contatos (pausa) tinha tanta gente quando vim morar para Estremoz. Chegava a sentar 30 pessoas a minha mesa nas festas de Setembro.”(E5)</p> <p>“Estou satisfeita, as minhas sobrinhas foram criadas por mim, não tive filhos e dediquei-me a elas. Vêm visitar e aos fins de semana vou quase sempre para a minha casa. Elas moram ao meu lado é como estar na casa delas.” (E6)</p> <p>“ (...) Vou algumas vezes a minha casa e passar o fim de semana para casa da minha filha.” (E10)</p>	
	<p>Apoio Social Prestado</p>		<p>“Sinto-me apoiada em tudo. Não sou exigente. A gente cá leva a gente a um passeio a um lanche. Só gostaria de ter alguma colega para conversar um pouco mais. As funcionárias não podem, elas são para o trabalho”(E1)</p> <p>“Estou muito satisfeita. Não, estamos bem ... as instalações são boas, os diretores e as funcionárias são muito atenciosas. Gostava de mais visitas dos familiares, mas propriamente os conhecimentos não aparecem ... eu compreendo tem a sua vida(...),Aparecem no natal e na páscoa a dar um beijinho e prometem que passam mas o tempo vai passando e não aparecem (pausa) de resto está tudo bem”(E2)</p> <p>“Os amigos também vêm-me ver e os outros familiares também vêm cá, está tudo bem. Só gostava era de passar uns dias na casa dos meus filhos que estão fora, mas já perdi a ideia (pausa)”(E3)</p> <p>“Sim. No conjunto de pessoas que me estão próximas consigo ter apoio a todos os níveis.” (E4)</p> <p>“Estou bem, sei que não posso já estar em casa sozinha, a minha casa é num monte perto de santa vitoria, as minhas sobrinhas e o marido trabalham em Estremoz as raparigas estudam e passava o dia sozinha... vou no fim de semana para casa, estou com elas (...)e vou falando com a minhas amigas ... e quando elas têm mais tempo para mim. Aqui no Lar estou muito bem, as empregadas são boas e tenho um bom quartinho. Estou muito bem. Estou bem, sei que não posso já estar em casa sozinha”E6)</p> <p>“Acho o apoio aqui bom... a instituição é muito boa, e os meus filhos estão sempre aqui se preciso deles.” (E7)</p> <p>“Sim tenho tudo o que preciso.” (E8)</p> <p>“Está tudo bem” (E9)</p> <p>“o Lar é bom e o pessoal e as instalações também.(...) Estou contente, gostava de estar na minha casa mas aqui tenho outro apoio... eles têm lá a vida deles.” (E 10)</p>

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de contexto
	Densidade	Tamanho (nº de ligações)	<p>“Tenho 2 Irmãos e uma irmã (...) eu sou a mais velha”(E1) / “Tenho sobrinhos da minha irmã. São 3 ... e do meu irmão tenho dois, o outro meu irmão é solteiro. Tenho contactos com todos” (E1)</p> <p>“Não tive filhos, o meu marido tinha um (...) Ainda tenho um irmão com 90 anos. Tive quatro (...) mas tenho sobrinhos... tenho 4 ou 5, vivem em Lisboa.” (E2)</p> <p>“Tenho três filhos, seis netos e uma bisneta. Tenho um sobrinho do meu irmão... mantenho contato.” (E3)</p> <p>“ Não tenho irmãos (...) Tenho primos, tenho afilhado. (E4)</p> <p>“Tive 7 irmãos mas já morreram todos.” (E5)</p> <p>“Tenho um irmão que está no albergue aqui em Estremoz (...) Não tenho filhos. Tenho 2 sobrinhas e 1 sobrinho que moram em Estremoz,” (E6)</p> <p>“Tenho duas sobrinhas da minha irmã e 2 netas do meu filho mais novo e um casal do meu filho mais velho” (E7)</p> <p>“Tenho uma família grande, muitos sobrinhos e um afilhado ... os filhos do meu irmão” (E8)</p> <p>“Primo que tem dois filhos que contacto mais” (E9)</p> <p>“Tenho 3 Irmãos, 2 já faleceram e outro mora cá em Estremoz com a mulher, é o mais novo dos três ...” (E 10)</p>
	Proximidade	Frequência dos contactos	<p>“Tenho contactos com todos. Só que aquele mais novo é entregue a bebida e não faz caso da gente (...) O meu irmão de Setúbal, não me telefona muitas vezes, mas se eu estou doente liga-me mais depressa, ou se eu preciso de alguma coisa entro em contacto com ele. (pausa) Liga-me mais ou menos de 15 em 15 dias normalmente quase sempre aos sábados.” (E1)</p> <p>“ Os sobrinhos vêm cá pouco. Quando cá vêm levam-me a almoçar. Visitam-me pouco porque têm uma vida muito ocupada, (...) Tenho uma sobrinha que é minha afilhada e minha herdeira, essa é que me visita mais e me telefona mais com frequência ... liga 1 a 2 vezes por semana, também vive em Lisboa. Os sobrinhos vêm quando podem, vêm de dois</p>

		<p>em dois meses... devem estar cá a vir.” (E2)</p> <p>Os meus filhos geralmente ligam todos os dias, A minha filha mora torres novas e ele em carcavelos aproveitam a hora da visita que sabem que eu estou disponível e ligam todos os dias para o telemóvel...(…) A minha filha que mora na minha casa passa quase todos os dias cá porque ela trabalha na escola primária aqui ao lado. Os meus filhos que estão fora vêm quando podem, sabe a vida está muito difícil, (...) Eles visitam-me pelo natal pelo carnaval, pelas épocas festivas.” (E3)</p> <p>“ (...) Telefono uma a duas vezes por semana. Pelas festas da terra vem cá. Não me deixam passar o natal cá sozinho. Vou sempre para as casas deles. Se eu precisar conto sempre com eles. Mas eu faço a minha vida e eles a deles (...) Primo que tem dois filhos que contacto mais... e outros primos que vejo pouco mais falo com eles. Moram lá para lisboa. Vêm cá as festas da terra (Setembro)” (E4)</p> <p>“Não tenho filhos. Tive duas mulheres, mas não tive filhos de nenhuma. A primeira era mais velha que eu 10 anos. Conversamos e não quisemos filhos, no meu tempo havia muita fome, os guaiados andavam descalços e sujos... e nós não quisemos filhos para não os criar assim. Sobrinhos tenho muitos mas não sei nada deles... estão lá para lisboa...esses rapazes não me pertenciam, chamavam-me tudo...não quero saber deles.” (E5)</p> <p>“ (...) a minha casa é no mesmo monte dos delas. A outra família mora em lisboa só os vejo 1 a 2 vezes por ano. Na semana as minhas sobrinhas passam cá a ver-me e ver se preciso de alguma coisa.” (E6)</p> <p>“Vou de 8 em 8 dias, nos domingos passar o dia para casa do meu filho mais novo e o outro é menos vezes, lá de 15 em 15 dias. A minha irmã vem cá uma vez por ano (...) mas falamos ao telefone mais ou menos de 15 em 15 dias.” (E7)</p> <p>“ (...) vejo-os todos os meses uns ou outros depende daquele que cá vem o meu irmão de 15 em 15 dias vem cá outras vezes mais vezes depende do tempo e como anda. Telefonemas recebo quase sempre todas as semanas, a sempre um que me liga.” (E8)</p> <p>“O meu primo falo com ele de 15 em 15 dias (...) e outros primos que vejo pouco mais falo com eles. Moram lá para lisboa. Vêm cá as festas da terra (Setembro)” (E 9)</p> <p>“ A minha filha é que cá vem quase todos os dias e as vezes trazem os netos para eu os ver. O meu irmão também passa por cá. (E10)</p>
--	--	--

		<p>“Chega...eles também têm lá a vida deles. Também os vejo quase as mesmas vezes que quando estava em casa... o meu filho é que o via mais pois morava comigo.” (E10)</p>
		<p>Peço sempre para a funcionária... é sempre a mesma, quando ela não está peço as outras para falarem com ela. (E1)</p> <p>“ A minha filha mais nova, ela passa todos os dias por cá (...)” (E2)</p> <p>“O meu marido tinha um filho, (...) Tenho contacto com este filho do meu marido e telefonamo-nos, temos muito boa relação, o melhor possível. (...) Tenho a minha sobrinha mas até gosto mais do filho do meu marido porque (pausa) como vou dizer ...uma pessoa ammm, sincero, desprendido, não é nada interesseiro, sai mais ao pai. A minha sobrinha é mais interesseira... o filho não quer nada ... mais desprendido.” (E3)</p> <p>“Se eu tiver numa situação de emergência à minha prima que esta em setúbal. Mas primeiro trata a instituição. Depois digo sempre a minha prima mas se já está resolvido não é necessário ela estar cá a vir.” (E4)</p> <p>“Estou contente, os meus filhos vêm cá durante a semana, vou a casa deles, levam-me aos arcos, a minha casa para estar lá um bocado e ver as minhas coisas e falar com as minhas vizinhas” (E7)</p> <p>“Sim, tem lá a vida deles, mas fico contente de falar com eles.” (E8)</p> <p>“A minha filha e o meu filho... mas mais a minha filha.” (E 10)</p>
		<p>Situação de emergência a quem recorre</p> <p>“Esta senhora (pausa) a funcionária do lar é que toma conta de mim e dessas coisas quando as pessoas não têm filhos”(E1)</p> <p>“Aqui ao Lar. O lar é que trata de tudo”(E2)</p> <p>“Se não se resolve aqui no lar, peço a minha filha, mas aqui geralmente resolvem.” (E3)</p> <p>“Se eu tiver numa situação de emergência à minha prima que esta em setúbal. Mas primeiro trata a instituição. Depois digo sempre a minha prima mas se já está resolvido não é necessário ela estar cá a vir. “ (E4)</p> <p>“Eu fui trabalhar Évora para a fábrica dos Leões, tomei conhecimento com um senhor que trabalhava na fábrica. Fui muito meu amigo, fez por mim o que nunca ninguém da</p>

			<p>minha família vez.” (E5) / “Foi companheiro e eu dele, um grande amigo. Acabei por ficar amigo íntimo da família. Hoje, acontece o contrário, estou a ajudar a filha dele.” (E5)</p> <p>“As sobrinhas (...) as minhas duas sobrinhas, uma ou outra, posso contar sempre com elas”(E6)</p> <p>“Aos meus filhos (E7)</p> <p>“Com o meu irmão e os seus filhos, o meu irmão para a idade que tem ainda está muito bom” (E8)</p> <p>“ (...) a instituição.” (E9)</p> <p>As funcionarias pois estão aqui e depois a minha filha.</p>
<p>2-Rede apoio social</p>	<p>Tipo de apoios prestados pela rede segundo a função</p>	<p>Apoio Emocional (afetivo)</p>	<p>“não tenho ninguém e fora do lar não contacto com muita gente. Mas é a minha irmã que falo mais” (E1)</p> <p>)” No Lar não tenho com quem falar, havia umas ...mas já morreram, com as colegas do lar fala-se do tempo ou almoço esta bem. Não tenho ninguém aqui para falar” (E2)</p> <p>“A minha filha mais nova está mais próxima” (E3)</p> <p>“Tenho aqui uma psicóloga que falo (...) ainda a tempos tive mais em baixo e foi falar com ela , e ajudou muito mas também falo muito com a minha prima. Converso coisas com ela que não falo com mais ninguém. Tenho alguns amigos que também falo” (E4)</p> <p>“A assistente social, com a D. Manuela (diretora) ... são boa gente, e também a filha do meu amigo, são como família.” (E5)</p> <p>“Aqui no lar não falo com ninguém certas coisas, as minhas sobrinhas quando estou com elas ao fim de semana falo todo o que não falei aqui” (E6)</p> <p>“com as minhas vizinhas quando vou a minha casa nos Arcos e com os meus filhos. Aqui falo com algumas pessoas mas nada de especial” (E7)</p> <p>“Com o meu irmão quando me vem visitar as vezes peço para me levarem a casa para lá passar a tarde, também falo com as minhas vizinhas ... as que moram lá a mais tempo.” (E8)</p> <p>“... A pessoas amigas que são minhas vizinhas, quando me vêm visitar ou quando posso ir passar uma tarde a casa e falamos.”</p>

			<p>(E9)</p> <p>“Aqui não falo muito, (...) falo algumas coisas mas não são muitas. Normalmente falo mais com a minha filha, com o meu irmão, mas em sítios que estamos sozinhos. Também falo com as minhas vizinhas quando a minha filha me leva a casa.” (E 10)</p>
		<p>Apoio Instrumental (material)</p>	<p>“ se precisar de alguma coisa...as vezes a gente pode precisar, peço a minha irmã (...) Mas se precisar de alguma coisa...as vezes a gente pode precisar, peço a minha irmã e ela vai comprar.” (E1)</p> <p>“Peço a qualquer uma peço que vá comigo ou a Dr.^a, a assistente social ou a uma funcionária que me compre as minhas comprinhas. Quando cá vem a minha sobrinha aproveito para comprar qualquer coisinha.” (E2)</p> <p>“A roupa é a minha prima que me compra umas calças, uma camisa ... aquilo que eu precisar, ela é que vai sempre, mas agora eles andam para lá doentes e eu precisei de umas coisas e olhe disse a minha empregada e ela vai e compra a maneira dela, há sempre uma pessoa que me ajude.” (E4)</p> <p>“A pensar que vinha para o Lar comprei muita coisa, muita roupa, mas muita já não apreço ...vai para a lavagem e por lá fica... coisas da vida. Mas peço a filha do meu amigo se preciso” (E5)</p> <p>“Peço a uma das sobrinhas, a que tiver mais tempo, para ir comigo” (E6)</p> <p>“Digo aos meus filhos, mas são as minhas noras que vão comigo comprar ou trazem-me cá ao lar” (E7)</p> <p>“Peço aqui a assistente social para ir comigo para comprar, os meus sobrinhos nem sempre cá estão e o meu irmão é homem não percebe disso.” (E8)</p> <p>“À instituição ou vou comprar sozinho, peço e as funcionárias levam-me” (E9)</p> <p>“Peço a minha filha os homens não percebem disso” (E 10)</p>
		<p>Apoio Informacional (cuidados de saúde e assuntos administrativos)</p>	<p>“Tenho ido com a minha irmã, mas é a instituição que tem esta obrigação, mas normalmente vou com a minha irmã, quando ela pode e quando ela quiser.” (E1)</p> <p>“Como disse a Dr.^a do Lar acompanha-me muito, vai comigo ao Banco as compras, ao médico vai uma funcionária da instituição.” (E2)</p> <p>“Ah isso é o filho (risos) é mais fácil, é rapaz</p>

			<p>esta num meio diferente... está dentro de outros assuntos que esta que esta cá não está. Ao médico é daqui. Ainda esta semana foi a Évora, a fisioterapia por causa da minha perna e fui com uma funcionária na carrinha do lar. Têm-me apoiado muito..." (E3)</p> <p>"Nos assuntos administrativos se a minha prima está cá vai ela comigo, se não está, falo com a assistente social mas normalmente ao banco vou eu, vou no carro da instituição e depois elas trazem-me de volta, ao médico o mesmo ...vou com as funcionárias ou falo com a minha prima" (E4)</p> <p>"À instituição e à D. Manuela (<i>Diretora</i>)" (E5)</p> <p>"Ir ao médico e marcar consultas é aqui com a instituição para não fazer perder dias no emprego das minhas sobrinhas... vou com as funcionárias no carro do lar. Tratar de papéis de bancos e outros é com elas." (E6)</p> <p>"A instituição trata dessas coisas, as funcionarias vão connosco ao e marcam as consultas outros assuntos de papéis e bancos são os meus filhos, mas mais o meu filho mais novo, ele tem mais facilidade em se mexer..." (E7)</p> <p>"É aqui com a instituição, o médico e tratar de consultas é com as funcionárias e outros assuntos como o banco peço a assistente social." (E8)</p> <p>"À instituição." (E9)</p> <p>"Ir ao médico é aqui as funcionárias e os remédios, mas se quero ir a um médico particular falo com a minha filha e ela leva-me. Os outros assuntos de papéis é com a minha filha." (E 10)</p>
		<p>Apoio Financeiro</p>	<p>"A minha irmã é a pessoa mais próxima de mim. O meu irmão está longe e outro não serve para nada..."(E1)</p> <p>" Por hora sou eu que" (E1) "tenho ... que dirijo e tenho tudo em meu poder. Eventualmente um dia dirijo-me ao filho do meu marido" (E2)</p> <p>"Se não se resolve aqui no lar, peço a minha filha, mas aqui geralmente resolvem. Fui operada já a vista depois de estar aqui e a instituição resolveu tudo." (E3)</p> <p>"A prima é óbvio...são muito importantes" (E4)</p> <p>"A esta filha do meu amigo, o pai dela vez por mim o que numa ninguém fez"(E5)</p> <p>"Não preciso mas se um dia preciso as minhas sobrinhas não me faltam (pausa) são como</p>

			<p>minhas” (E6)</p> <p>“Aos meus filhos, mas mais ao mais novo tem outra vida sabe. Mas é importante quem nos ajude... as reformas são pequeninas filhas, sabe.” (E7)</p> <p>“Ao meu irmão e aos meus sobrinhos” (E8)</p> <p>“...talvez ao meu primo” (E9)</p> <p>“A minha filha” (E 10)</p>
Satisfação	Identificação de aspetos que realçam a satisfação sentida pelos idosos	Visitas recebidas	<p>Acho que é suficiente para a vida que eu tenho, estou aqui, mas faço a minha vida, faço as minhas coisas, tenho contacto com as empregadas com as minhas colegas, o que é que eu quero mais, é suficiente. Eu é que arranjei para vir para cá.”(E1)</p> <p>“Gostava mais de visitas... compreendo que não pode ser ... uma vida muito ocupada. Mas no entanto, quando estão cansados vão viajar, vão para o estrangeiro, vão descansar ...pronto.” (E2)</p> <p>“Gostava de os ver mais, gostava de passar era uns dias com eles para ver o ambiente da casa deles, para ver a minha bisneta,”(E3)</p> <p>“Essa é uma pergunta complicada (...) Em função da vida de hoje estou satisfeito.” (E4)</p> <p>“Não tenho contatos (pausa) tinha tanta gente quando vim morar para Estremoz. Chegava a sentar 30 pessoas a minha mesa nas festas de Setembro.”(E5)</p> <p>“Estou satisfeita, as minhas sobrinhas foram criadas por mim, não tive filhos e dediquei-me a elas. Vêm visitar e aos fins de semana vou quase sempre para a minha casa. Elas moram ao meu lado é como estar na casa delas.” (E6)</p> <p>“ (...) Vou algumas vezes a minha casa e passar o fim de semana para casa da minha filha.” (E10)</p>
		Apoio social prestado	<p>“Sinto-me apoiada em tudo. Não sou exigente. A gente cá leva a gente a um passeio a um lanche. Só gostaria de ter alguma colega para conversar um pouco mais. As funcionárias não podem, elas são para o trabalho”(E1)</p> <p>“Estou muito satisfeita. Não, estamos bem ... as instalações são boas, os diretores e as funcionárias são muito atenciosas. Gostava de mais visitas dos familiares, mas propriamente</p>

		<p>os conhecimentos não aparecem ... eu compreendo tem a sua vida(...),Aparecem no natal e na páscoa a dar um beijinho e prometem que passam mas o tempo vai passando e não aparecem (pausa) de resto está tudo bem”(E2)</p> <p>“Os amigos também vêm-me ver e os outros familiares também vêm cá, está tudo bem. Só gostava era de passar uns dias na casa dos meus filhos que estão fora, mas já perdi a ideia (pausa)”(E3)</p> <p>“Sim. No conjunto de pessoas que me estão próximas consigo ter apoio a todos os níveis.” (E4)</p> <p>“Estou bem, sei que não posso já estar em casa sozinha, a minha casa é num monte perto de santa vitoria, as minhas sobrinhas e o marido trabalham em Estremoz as raparigas estudam e passava o dia sozinha... vou no fim de semana para casa, estou com elas (...)e vou falando com a minhas amigas ... e quando elas têm mais tempo para mim. Aqui no Lar estou muito bem, as empregadas são boas e tenho um bom quartinho. Estou muito bem. Estou bem, sei que não posso já estar em casa sozinha”E6)</p> <p>“Acho o apoio aqui bom... a instituição é muito boa, e os meus filhos estão sempre aqui se preciso deles.” (E7)</p> <p>“Sim tenho tudo o que preciso.” (E8)</p> <p>“Está tudo bem” (E9)</p> <p>“o Lar é bom e o pessoal e as instalações também.(...) Estou contente, gostava de estar na minha casa mas aqui tenho outro apoio... eles têm lá a vida deles.” (E 10)</p>
--	--	---

ANEXO C

Guião da Entrevista

Guião da Entrevista

Local:	
Cod.	Data:
Nome do entrevistado/a	
Início :	Fim:
Observações:	

I- Características Sociodemográficas

2- Idade:

3- Estado Civil:

4- Naturalidade: _____ 4.1- Freguesia: _____ 4.2 Concelho: _____

5- Habilitações Académicas:

Nenhum (Não sabe ler nem escrever)

Ensino secundário

Sabe ler e escrever mas não fez a 4^a classe

Curso superior

Ensino primário

Outro Qual? _____

Ensino Preparatório

6- Há quanto tempo é utente na instituição?

II- Rede Familiar

7- Com quem vivia antes de ser utente?

8- Tem Irmãos? Se sim quantos? De que idades? Onde moram?

9- Tem uma família grande? Tem filhos? Tem netos? Tem sobrinhos? Outros? E o seu marido/mulher? Que tipo de contactos mantém com estes familiares? Com que frequência contacta com eles? e de que tipo? (telefonemas, visitas, encontros)

10- Essa frequência/proximidade agrada-lhe ou preferia que fosse de outro modo?

11- Quando pensa na sua vida, quem indicaria como pessoas mais para si? (por mais importantes, as pessoas que têm um papel mais importante na sua vida, que lhes estão mais próxima, com quem pode contar.

III-Rede de Apoio Social

12-Numa situação de emergência a quem recorre? E qual a importância dessas ajudas?

14-Quanto necessita de roupa, calçado, alimentação a quem se dirige?

15- No caso de necessitar de tratar de assuntos administrativos/consulta médica a quem se dirige?

16- Quanto necessita de conversar/conviver qual a pessoa mais próxima de si?.

17- Sente-se apoiado no seu dia a dia? Gostaria de ter mais apoio? De que tipo? E de quem?

ANEXOS D
TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista Nº 1

Local: Centro paroquial de santo André
 Cod. E1 Data:
 Nome do entrevistado/a D. Joaquina
 Início : 10: 40 Fim: 11:15
 Observações:

Transcrição da Entrevista**I- Características Sociodemográficas**2- Idade: 823- Estado Civil: Viúva4- Naturalidade: Estremoz 4.1- Freguesia: Santa Maria 4.2 Concelho:
Estremoz

5- Habilitações Académicas: Nenhum (Não sabe ler nem escrever) X

6- Há quanto tempo é utente na instituição?

Como o meu mal apanhou-me a cabeça não me lembro bem. Estou nesta instituição ... à 4 anos, acho eu. Se for ver na porta do quarto está lá a data que nós entramos, está lá escrito em todos quartos.

II- Rede Familiar**7- Com quem vivia antes de ser utente?**

Com o meu marido. Sou viúva à 31 anos (pausa). Não chegamos a ter filhos

8- Tem Irmãos? Se sim quantos? De que idades? Onde moram?

Tenho 2 Irmãos e uma irmã (...) eu sou a mais velha, o que é a seguir a mim tem menos 7 anos, ... os outros não me lembro bem (pausa) a minha cabeça já não dá ..., como lhe diz, sei que o mais novo tem menos 7 anos que eu. A minha irmã não me recordo dos anos, é mais nova.

9- Tem uma família grande? Tem filhos? Tem netos? Tem sobrinhos? Outros? E o seu marido/mulher? Que tipo de contactos mantém com estes familiares? Com que frequência contacta com eles? e de que tipo? (telefonemas, visitas, encontros)

Tenho sobrinhos da minha irmã. São 3 ... e do meu irmão tenho dois, o outro meu irmão é solteiro. Tenho contactos com todos. Só que aquele mais novo é entregue a bebida e não faz caso da gente ...andou 20 anos sem fazer caso da gente, e a gente sem saber dele. Só depois umas pessoas viram num jornal o nome da família e então disseram-me, e a gente contactou, foi a gente que foi ter com ele. Fomos dar com ele na Ericeira, andava por lá, a fazer uns biscates e entregue à bebida.

A minha irmã, falamos de duas em duas semanas... ela vive na Mina da Mostardeira, fica nas Estremas da Glória com santa Maria. O mais velho vive em Setúbal ... era chefe da polícia, de tempos a tempos vem cá, ele não gosta de conduzir sozinho... e ele está muito nervoso, está com muito bom aspeto mas é muito nervoso. Ele até uma vez o quiseram passar a chefe mas ele não quis, a responsabilidade era muita e ele não se sentia capaz.

O meu irmão mais novo veio cá uma vez depois de eu cá estar, a minha irmã é que lhe lava a roupa, começou a afastar-se...

O meu irmão de Setúbal, não me telefona muitas vezes, mas se eu estou doente liga-me mais depressa, ou se eu preciso de alguma coisa entro em contacto com ele. (pausa) Liga-me mais ou menos de 15 em 15 dias normalmente quase sempre aos sábados.

10-Essa frequência/proximidade agrada-lhe ou preferia que fosse de outro modo?

Acho que é suficiente para a vida que eu tenho, estou aqui, mas faço a minha vida, faço as minhas coisas, tenho contacto com as empregadas com as minhas colegas, o que é que eu quero mais, é suficiente. Eu é que arranjei para vir para cá.

11- Quando pensa na sua vida, quem indicaria como pessoas mais para si? (por mais importantes, as pessoas que têm um papel mais importante na sua vida, que lhes estão mais próxima, com quem pode contar.

Esta senhora (pausa) a funcionária do lar é que toma conta de mim e dessas coisas quando as pessoas não têm filhos, ela é que vai comigo ao médico. Ela tem este serviço, é da obrigação dela. Quando vim para cá entreguei-lhe os medicamentos todos...as coisas, pois já não estou bem da cabeça.

III-Rede de Apoio Social

12-Numa situação de emergência a quem recorre?

Peço sempre para a funcionária... é sempre a mesma, quando ela não está peço as outras para falarem com ela. Há noite ela não está, vai para a casa dela, mas se acontece alguma coisa as outras falam com ela e ela explica.

13- No caso de necessitar de ajuda monetária a quem se dirige? E qual a importância dessas ajudas?

A minha irmã é a pessoa mais próxima de mim. O meu irmão está longe e outro não serve para nada...ele precisa é de arranjar uma mulher... ele precisa é de ajuda

14- Quanto necessita de roupa, calçado, alimentação a quem se dirige?

Isso pode ser com a minha irmã. Eu arranjei muita roupa porque pensei sempre ir para um lar, mas se eu precisar de uma meias ou outra coisa a empregada do lar sabe das minhas coisas e onde estão. Mas se precisar de alguma coisa...as vezes a gente pode precisar, peço a minha irmã e ela vai comprar.

15- No caso de necessitar de tratar de assuntos administrativos/consulta médica a quem se dirige?

Tenho ido com a minha irmã, mas é a instituição que tem esta obrigação, mas normalmente vou com a minha irmã, quando ela pode e quando ela quiser.

16- Quanto necessita de conversar/conviver qual a pessoa mais próxima de si?

No Lar não tenho ninguém e fora do lar não contacto com muita gente. Mas é a minha irmã que falo mais. Aqui no lar quase ninguém esta bom da cabeça, é o meu caso, não estou muito boa da cabeça... quem diz isto é o meu médico.

17- Sente-se apoiado no seu dia-a-dia? Gostaria de ter mais apoio? De que tipo? E de quem?

Sinto-me apoiada em tudo. Não sou exigente. A gente cá leva a gente a um passeio a um lanche. Só gostaria de ter alguma colega para conversar um pouco mais. As funcionárias não podem, elas são para o trabalho, peço aquilo que preciso, e há pessoas que dão muito trabalho... olhe eu vou fazendo as minhas coisas.

Entrevista nº 2

Local: Centro paroquial de santo André
 Cod. E2 Data:
 Nome do entrevistado/a Felisbela
 Início : 11:20 Fim:11:50
 Observações:

Transcrição da Entrevista**I- Características Sociodemográficas**2- Idade: 863- Estado Civil: Viúva4- Naturalidade: Sousel 4.1- Freguesia: Santa Maria 4.2 Concelho: Estremoz5- Habilitações Académicas: Ensino primário X**6- Há quanto tempo é utente na instituição?**

Já estou aqui a 13 anos, foi das primeiras a entrar, estava aqui com o meu marido, meu marido morreu a 7 meses com 90 anos.

II- Rede Familiar**7- Com quem vivia antes de ser utente?**

Vivia só com o meu marido, nunca foi empregada nem em solteira nem em casada

8- Tem Irmãos? Se sim quantos? De que idades? Onde moram?

Ainda tenho um irmão com 90 anos. Tive quatro ... comigo cinco. O vivo vive no lar de São Lourenço, ele é de São Bento do Cortiço.

9- Tem uma família grande? Tem filhos? Tem netos? Tem sobrinhos? Outros? E o seu marido/mulher? Que tipo de contactos mantém com estes familiares? Com que frequência contacta com eles? e de que tipo (telefonemas, visitas, encontros) ?

Não tive filhos, o meu marido tinha um ... vive em Lisboa, na linha de Cascais, mas tenho sobrinhos... tenho 4 ou 5, vivem em Lisboa.

Com os meus sobrinhos damos-nos, dentro da sua vida. Os sobrinhos vêm cá pouco. Quando cá vêm levam-me a almoçar. Visitam-me pouco porque têm uma vida muito ocupada, eles vivem em Lisboa, são ricos. Tenho uma sobrinha que é minha afilhada e minha herdeira, essa é que me visita mais e me telefona mais com frequência ... liga 1 a 2 vezes por semana, também vive em Lisboa. Os sobrinhos vêm quando podem, vêm de dois em dois meses... devem estar cá a vir.

10-Essa frequência/proximidade agrada-lhe ou preferia que fosse de outro modo?

Gostava mais de visitas... compreendo que não pode ser ... uma vida muito ocupada. Mas no entanto, quando estão cansados vão viajar, vão para o estrangeiro, vão descansar ...pronto.

11- Quando pensa na sua vida, quem indicaria como pessoas mais para si? (por mais importantes, as pessoas que têm um papel mais importante na sua vida, que lhes estão mais próxima, com quem pode contar.

O meu marido tinha um filho, o meu marido era empregado superior da alfândega de Lisboa uma boa posição... uma boa figura e pessoa. Tenho contacto com este filho do meu marido e telefonamo-nos, temos muito boa relação, o melhor possível. Também vem cá quando pode e telefonam de vez em quando. Vivem na linha de Cascais. Tenho a minha sobrinha mas até gosto mais do filho do meu marido porque (pausa) como vou dizer ...uma pessoa ammm, sincero, desprendido, não é nada interesseiro, sai mais ao pai. A minha sobrinha é mais interesseira... o filho não quer nada ... mais desprendido.

III-Rede de Apoio Social

12-Numa situação de emergência a quem recorre?

Aqui ao Lar. O lar é que trata de tudo.

13- No caso de necessitar de ajuda monetária a quem se dirige? E qual a importância dessas ajudas?

Por hora sou eu que tenho ... que dirijo e tenho tudo em meu poder. Eventualmente um dia dirijo-me ao filho do meu marido

14-Quanto necessita de roupa, calçado, alimentação a quem se dirige?

Peço a qualquer uma ... peço que vá comigo ou a Dr.^a, a assistente social ou a uma funcionária que me compre as minhas comprinhas. Quando cá vem a minha sobrinha aproveito para comprar qualquer coisinha. A assistente social acompanha-me muito.

15- No caso de necessitar de tratar de assuntos administrativos/consulta médica a quem se dirige?

Como disse a Dr.^a do Lar acompanha-me muito, vai comigo ao Banco as compras, ao médico vai

uma funcionária da instituição.

16- Quanto necessita de conversar/conviver qual a pessoa mais próxima de si?

No Lar não tenho com quem falar, havia umas ...mas já morreram, com as colegas do lar falei do tempo ou almoço esta bem. Não tenho ninguém aqui para falar.

17- Sente-se apoiado no seu dia-a-dia? Gostaria de ter mais apoio? De que tipo? E de quem?

Estou muito satisfeita. Não, estamos bem ... as instalações são boas, os diretores e as funcionárias são muito atenciosas. Gostava de mais visitas dos familiares, mas propriamente os conhecimentos não aparecem ... eu compreendo tem a sua vida, as da minha idade que podia estar mais livre, têm as doenças dos maridos e de tratar dos netos. Aparecem no natal e na páscoa a dar um beijinho e prometem que passam mas o tempo vai passando e não aparecem (pausa) de resto está tudo bem

<p>dias, A minha filha mora torres novas e ele em carcavelos aproveitam a hora da visita que sabem que eu estou disponível e ligam todos os dias para o telemóvel... é uma grande ajuda, quando a outra não pode vir. A minha filha que mora na minha casa passa quase todos os dias cá porque ela trabalha na escola primária aqui ao lado. Os meus filhos que estão fora vêm quando podem, sabe a vida está muito difícil, o transporte leva muito dinheiro. O meu filho estava a dizer-me que vinha cá no fim do mês, estava a ver se vinha com um senhor que é de Estremoz ...sempre poupava um pouco. Eles visitam-me pelo natal pelo carnaval, pelas épocas festivas.</p>	
<p>10-Essa frequência/proximidade agrada-lhe ou preferia que fosse de outro modo?</p>	
<p>Gostava de os ver mais, gostava de passar era uns dias com eles para ver o ambiente da casa deles, para ver a minha bisneta, os dois trabalham, ... trabalham por turnos. Sabe porque é se sujeitam a isto, é porque as creches estão muito caras ...</p>	
<p>11- Quando pensa na sua vida, quem indicaria como pessoas mais para si? (por mais importantes, as pessoas que têm um papel mais importante na sua vida, que lhes estão mais próxima, com quem pode contar.</p>	
<p>A minha filha mais nova, ela passa todos os dias por cá, ainda a pouco ela esteve aqui antes de ir para a escola. Ela trabalha aqui no ciclo com uma classe de deficientes.</p>	
<p>III-Rede de Apoio Social</p>	
<p>12-Numa situação de emergência a quem recorre?</p>	
<p>Se não se resolve aqui no lar, peço a minha filha, mas aqui geralmente resolvem. Fui operada já a vista depois de estar aqui e a instituição resolveu tudo.</p>	
<p>13- No caso de necessitar de ajuda monetária a quem se dirige? E qual a importância dessas ajudas?</p>	
<p>Aos meus filhos. Ajuda muito...muito importante.</p>	
<p>14-Quanto necessita de roupa, calçado, alimentação a quem se dirige?</p>	
<p>A minha filha mais nova</p>	
<p>15- No caso de necessitar de tratar de assuntos administrativos/consulta médica a quem se dirige?</p>	
<p>Ah isso é o filho (risos) é mais fácil, é rapaz esta num meio diferente... está dentro de outros assuntos que esta que esta cá não está. Ao médico é daqui. Ainda esta semana foi a Évora, a fisioterapia por causa da minha</p>	

perna e fui com uma funcionária na carrinha do lar. Têm-me apoiado muito...	
16- Quanto necessita de conversar/conviver qual a pessoa mais próxima de si?	
A minha filha mais nova esta mais próxima, este grupo de raparigas que trabalham aqui, trabalham por turnos, como deve saber, dividem muito o trabalho... dão-se bem, estamos sempre bem acompanhadas.	
17- Sente-se apoiado no seu dia-a-dia? Gostaria de ter mais apoio? De que tipo? E de quem?	
Os amigos também vêm-me ver e os outros familiares também vêm cá, está tudo bem. Só gostava era de passar uns dias na casa dos meus filhos que estão fora, mas já perdi a ideia (pausa) a gente hoje ouve tantas coisas, gostava de conhecer os ambientes da casa deles sabe, como é que eles se entendiam. Isso preocupa e vendo, era mais fácil ...não pensava nisso.	

contacta com eles? e de que tipo? (telefonemas, visitas, encontros)	
Tenho primos, tenho afilhado. Telefono uma a duas vezes por semana. Pelas festas da terra vem cá. Não me deixam passar o natal cá sozinho. Vou sempre para as casas deles. Se eu precisar conto sempre com eles. Mas eu faço a minha vida e eles a deles.	
10-Essa frequência/proximidade agrada-lhe ou preferia que fosse de outro modo?	
Essa é uma pergunta complicada. Nos tempos de hoje, eles estão casados, a mulher do meu afilhado trabalha em Lisboa o meu afilhado trabalha nos transportes coletivos do barreiro e as vezes por turnos e tem uma filha com 12 anos. Os outra minha prima trabalha numa empresa e tem duas filhas e o outro anda ai a trabalhar para uma empresa . Se querem mais contatos, não sei. Em função da vida de hoje estou satisfeito.	
11- Quando pensa na sua vida, quem indicaria como pessoas mais para si? (por mais importantes, as pessoas que têm um papel mais importante na sua vida, que lhes estão mais próxima, com quem pode contar.	
A minha prima de setúbal quando estive doente é que me desenrascou, na instituição a assistente social é boa, a diretora também é boa, e as funcionárias são muito prestáveis, ainda tenho empregada em casa que me faz o serviço uma vez por semana, porque a vida me permite. A sua maneira tenho um conjunto de apoios que faz um puzzle	
III-Rede de Apoio Social	
12-Numa situação de emergência a quem recorre?	
Se eu tiver numa situação de emergência à minha prima que esta em setúbal. Mas primeiro trata a instituição. Depois digo sempre a minha prima mas se já está resolvido não é necessário ela estar cá a vir.	
13- No caso de necessitar de ajuda monetária a quem se dirige? E qual a importância dessas ajudas?	
A prima é óbvio...são muito importantes	
14-Quanto necessita de roupa, calçado, alimentação a quem se dirige?	
A roupa é a minha prima que me compra umas calças, uma camisa ... aquilo que eu precisar, ela é que vai sempre, mas agora eles andam para lá doentes e eu precisei de umas coisas e olhe disse a minha empregada e ela vai e compra a	

maneira dela, há sempre uma pessoa que me ajude.	
15- No caso de necessitar de tratar de assuntos administrativos/consulta médica a quem se dirige?	
Nos assuntos administrativos se a minha prima está cá vai ela comigo, se não está, falo com a assistente social mas normalmente ao banco vou eu, vou no carro da instituição e depois elas trazem-me de volta, ao médico o mesmo ...vou com as funcionárias ou falo com a minha prima.	
16- Quanto necessita de conversar/conviver qual a pessoa mais próxima de si?	
Tenho aqui uma psicóloga que falo... ainda a tempos tive mais em baixo e foi falar com ela , e ajudou muito mas também falo muito com a minha prima. Converso coisas com ela que não falo com mais ninguém. Tenho alguns amigos que também falo	
17- Sente-se apoiado no seu dia-a-dia? Gostaria de ter mais apoio? De que tipo? E de quem?	
Sim. No conjunto de pessoas que me estão próximas consigo ter apoio a todos os níveis.	

Entrevista nº5

Local: Centro paroquial de santo André Cod. E5 Nome do entrevistado/a Início : 15:30 Observações: Transcrição da entrevista	Data: Sr. Batista Fim:	I
I- Características Socioeconómicas		
2- Idade: <u>99</u>		
3- Estado Civil: <u>Viuvo</u>		
4- Naturalidade: <u>Lisboa</u> 4.1- Freguesia: <u>Estremoz</u> 4.2 Concelho: <u>Estremoz</u>		
5- Habilitações Académicas: Ensino Preparatório	X	
6- Há quanto tempo é utente na instituição?		
6 meses		
II- Rede Familiar		
7- Com quem vivia antes de ser utente?		
Vivia sozinho		
8- Tem Irmãos? Se sim quantos? De que idades? Onde moram?		
Tive 7 irmãos mas já morreram todos.		
9- Tem uma família grande? Tem filhos? Tem netos? Tem sobrinhos? Outros? E o seu marido/mulher? Que tipo de contactos mantém com estes familiares? Com que frequência contacta com eles? e de que tipo? (telefonemas, visitas, encontros)		
<p>Não tenho filhos. Tive duas mulheres, mas não tive filhos de nenhuma. A primeira era mais velha que eu 10 anos. Conversamos e não quisemos filhos, no meu tempo havia muita fome, os guaiados andavam descalços e sujous... e nós não quisemos filhos para não os criar assim. Sobrinhos tenho muitos mas não sei nada deles... estão lá para lisboa...esses rapazes não me pertenciam, chamavam-me tudo...não quero saber deles.</p>		
10- Essa frequência/proximidade agrada-lhe ou preferia que fosse de outro modo?		
Não tenho contatos (pausa) tinha tanta gente quando vim morar para Estremoz. Chegava a sentar 30 pessoas a minha mesa nas festas de		

Setembro.	
11- Quando pensa na sua vida, quem indicaria como pessoas mais para si? (por mais importantes, as pessoas que têm um papel mais importante na sua vida, que lhes estão mais próxima, com quem pode contar.	
Eu fui trabalhar Évora para a fábrica dos Leões, tomei conhecimento com um senhor que trabalhava na fábrica. Fui muito meu amigo, fez por mim o que nunca ninguém da minha família fez. Foi companheiro e eu dele, um grande amigo. Acabei por ficar amigo íntimo da família. Hoje, acontece o contrário, estou a ajudar a filha dele. Ele morreu à um mês com uma doença ruim. Pouco tempo depois a casa ardeu e eles não tinham dinheiro para arranjar nem para morar noutra. Chamei a filha, tive que me meter naquilo. Hoje pago a renda da casa, mas é uma casa modesta, pequena suficiente para eles morarem.	
III-Rede de Apoio Social	
12-Numa situação de emergência a quem recorre?	
A esta filha dos meus amigos	
13- No caso de necessitar de ajuda monetária a quem se dirige? E qual a importância dessas ajudas?	
A esta filha do meu amigo, o pai dela fez por mim o que numa ninguém fez.	
14-Quanto necessita de roupa, calçado, alimentação a quem se dirige?	
A pensar que vinha para o Lar comprei muita coisa, muita roupa, mas muita já não apreço ...vai para a lavagem e por lá fica... coisas da vida. Mas peço a filha do meu amigo se preciso.	
15- No caso de necessitar de tratar de assuntos administrativos/consulta médica a quem se dirige?	
À instituição e à D. Manuela (<i>Diretora</i>)	
16- Quanto necessita de conversar/conviver qual a pessoa mais próxima de si?	
A assistente social, com a D. manuela ... são boa gente, e também a filha do meu amigo	
17- Sente-se apoiado no seu dia-a-dia? Gostaria de ter mais apoio? De que tipo? E de quem?	
Estou bem, gosto de estar aqui, o pessoal é bom, eu faço os possíveis para ser o mais agradável, (pausa) há ai um embirante que anda ai armado em dono disto, ninguém gosta dele, o que é ganha com isso...	

Ainda a semana passada vieram uns amigos meus de Lisboa cá, souberam que eu estava aqui (pausa) disseram que voltavam , acredito que são capazes de cá vir.	
---	--

Entrevista nº 6

Local: Centro paroquial de santo André	
Cod. E6	Data:
Nome do entrevistado/a	Srª Antónia Salsinha
Início : 16:00	Fim:16:45
Observações:	
A entrevista tem respostas mais curtas, pouco desenvolvidas, devido ao problema auditivo da utente	
Transcrição da entrevista	

I- Características Socioeconómicas	
2- Idade: 93	
3- Estado Civil: <u>Solteira</u>	
4- Naturalidade: <u>Santa Vitória</u> 4.1- Freguesia: <u>Santa Vitória</u> 4.2 Concelho: <u>Estremoz</u>	
5- Habilitações Académicas: Nenhum (Não sabe ler nem escrever) x	
6- Há quanto tempo é utente na instituição?	
7 meses	
II- Rede Familiar	
7- Com quem vivia antes de ser utente?	
Com as minhas duas sobrinhas, no monte a minha casa é junto às delas.	
8- Tem Irmãos? Se sim quantos? De que idades? Onde moram?	
Tenho um irmão que está no albergue aqui em Estremoz	
9- Tem uma família grande? Tem filhos? Tem netos? Tem sobrinhos? Outros? E o seu marido/mulher? Que tipo de contactos mantém com estes familiares? Com que frequência contacta com eles? e de que tipo? (telefonemas, visitas, encontros)	
Não tenho filhos. Tenho 2 sobrinhas e 1 sobrinho que mora em estremoz, mas é com as minhas sobrinhas e as suas filhas... a minha casa é no mesmo monte dos delas. A outra família mora em lisboa só os vejo 1 a 2 vezes por ano. Na semana as minhas sobrinhas passam cá a ver-me e ver se preciso de alguma coisa. Uma trabalha na Câmara e outra no centro de emprego.	

10-Essa frequência/proximidade agrada-lhe ou preferia que fosse de outro modo?	
Estou satisfeita, as minhas sobrinhas foram criadas por mim, não tive filhos e dediquei-me a elas. Vêm visitar e aos fins de semana vou quase sempre para a minha casa. Elas moram ao meu lado é como estar na casa delas.	
11- Quando pensa na sua vida, quem indicaria como pessoas mais para si? (por mais importantes, as pessoas que têm um papel mais importante na sua vida, que lhes estão mais próxima, com quem pode contar.	
As minhas duas sobrinhas, uma ou outra, posso contar sempre com elas	
III-Rede de Apoio Social	
12-Numa situação de emergência a quem recorre?	
As sobrinhas	
13- No caso de necessitar de ajuda monetária a quem se dirige? E qual a importância dessas ajudas?	
Não preciso mas se um dia preciso as minhas sobrinhas não me faltam (pausa) são como minhas filhas, sabe.	
14-Quanto necessita de roupa, calçado, alimentação a quem se dirige?	
Peço a uma das sobrinhas, a que tiver mais tempo, para ir comigo, gosto ainda de comprar as minhas coisas.	
15- No caso de necessitar de tratar de assuntos administrativos/consulta médica a quem se dirige?	
Ir ao médico e marcar consultas é aqui com a instituição para não fazer perder dias no emprego das minhas sobrinhas...vou com as funcionárias no carro do lar. Tratar de papéis de bancos e outros é com elas.	
16- Quanto necessita de conversar/conviver qual a pessoa mais próxima de si?	
Aqui no lar não falo com ninguém certas coisas, as minhas sobrinhas quando estou com elas ao fim de semana falo todo o que não falei aqui (risos)	
17- Sente-se apoiado no seu dia-a-dia? Gostaria de ter mais apoio? De que tipo? E de quem?	
Estou bem, sei que não posso já estar em casa sozinha, a minha casa é num monte perto de santa vitoria, as minhas sobrinhas e o marido trabalham em Estremoz as raparigas estudam e passava o dia	

<p>sozinha... vou no fim de semana para casa, estou com elas e vou falando com a minhas amigas ... e quando elas têm mais tempo para mim. Aqui no Lar estou muito bem, as empregadas são boas e tenho um bom quatinho. Estou muito bem.</p>	
---	--

Entrevista nº7

Local: Centro paroquial de santo André Cod. E7 Data: Nome do entrevistado/a Srª Antónia Gomes Início : 10:30 Fim: 11:20 Observações: Transcrição das entrevista	
I-Características Socioeconómicas	
2-Idade: 83	
3- Estado Civil: <u>Viuva</u>	
4-Naturalidade: <u>Arcos</u> 4.1- Freguesia: <u>Estremoz</u> 4.2 Concelho: <u>Estremoz</u>	
5- Habilitações Académicas: Sabe ler e escrever mas não fez a 4ª classe x	
6-Há quanto tempo é utente na instituição?	
Há 8 meses	
II- Rede Familiar	
7-Com quem vivia antes de ser utente?	
Sozinha, fiquei sozinha quando o meu marido morreu os filhos já estavam casados... cada um tem a sua casa. Agora estou aqui, ainda podia estar n minha casinha, mas os meus filhos estão mais descansados e aqui também me tratam bem.	
8- Tem Irmãos? Se sim quantos? De que idades? Onde moram?	
Tenho uma irmã mora no Canadá. Tenho dois filhos... um mora em estremoz e outro na frandina (freguesia de estremoz)	
9-Tem uma família grande? Tem filhos? Tem netos? Tem sobrinhos? Outros? E o seu marido/mulher? Que tipo de contactos mantém com estes familiares? Com que frequência contacta com eles? e de que tipo? (telefonemas, visitas, encontros)	
Tenho duas sobrinhas da minha irmã e 2 netas do meu filho mais novo e um casal do meu filho mais velho. Vou de 8 em 8 dias, nos domingos passar o dia para casa do meu filho mais novo e o outro é menos vezes, lá de 15 em 15 dias. A minha irmã vem cá uma vez por ano...outras vezes passa mais tempo, é muito longe sabe... mas quando vem fica lá na minha casa.	

Mas falamos ao telefone mais ou menos de 15 em 15 dias.	
10-Essa frequência/proximidade agrada-lhe ou preferia que fosse de outro modo?	
Estou contente, os meus filhos vêm cá durante a semana, vou a casa deles, levam-me aos arcos, a minha casa para estar lá um bocado e ver as minhas coisas e falar com as minhas vizinhas	
11- Quando pensa na sua vida, quem indicaria como pessoas mais para si? (por mais importantes, as pessoas que têm um papel mais importante na sua vida, que lhes estão mais próxima, com quem pode contar.	
Com os meus filhos, mas falo mais com o meu mais novo, tem mais tempo, trabalha por conta própria.	
III-Rede de Apoio Social	
12-Numa situação de emergência a quem recorre?	
Aos meus filhos	
13- No caso de necessitar de ajuda monetária a quem se dirige? E qual a importância dessas ajudas?	
Aos meus filhos, mas mais ao mais novo tem outra vida sabe. Mas é importante quem nos ajude... as reformas são pequeninas	
14-Quanto necessita de roupa, calçado, alimentação a quem se dirige?	
Digo aos meus filhos, mas são as minhas noras que vão comigo comprar ou trazem-me cá ao lar	
15- No caso de necessitar de tratar de assuntos administrativos/consulta médica a quem se dirige?	
A instituição trata dessas coisas, as funcionarias vão connosco ao médico e marcam as consultas outros assuntos de papéis e bancos são os meus filhos, mas mais o meu filho mais novo, ele tem mais facilidade em se mexer... não sei se é da vida que tem, mas é ele que quase sempre trata desses assuntos.	
16- Quanto necessita de conversar/conviver qual a pessoa mais próxima de si?	
Olhe falo com as minhas vizinhas quando vou a minha casa nos Arcos e com os meus filhos. Aqui falo com algumas	

peessoas mas nada de especial.	
17- Sente-se apoiado no seu dia-a-dia? Gostaria de ter mais apoio? De que tipo? E de quem?	
Sim estou. Acho o apoio aqui bom... a instituição é muito boa, e os meus filhos estão sempre aqui se preciso deles.	

Entrevista Nº 8

Local: Centro paroquial de santo André	Data:
Cod. E8	Srª Estevaninha
Nome do entrevistado/a	Martins
Início : 11:30	Fim: 12:20
Observações: As respostas são mais curtas e diretas pois a utente apresentava dificuldades auditivas	
Transcrição de Entrevista	

I-Características Socioeconómicas	
2-Idade: 83	
3- Estado Civil: <u>Viuva</u>	
4-Naturalidade: <u>Estremoz</u> 4.1- Freguesia: <u>Estremoz</u> 4.2 Concelho: <u>Estremoz</u>	
5- Habilitações Académicas: Ensino primário x	
6-Há quanto tempo é utente na instituição?	
Há 3 anos	
II- Rede Familiar	
7-Com quem vivia antes de ser utente?	
Vivia sozinha	
8- Tem Irmãos? Se sim quantos? De que idades? Onde moram?	
Tenho um irmão com 73 anos ... mora em Estremoz mas ainda está na casa dele, vão lá a casa levar a comida e arrumar as coisas	
9-Tem uma família grande? Tem filhos? Tem netos? Tem sobrinhos? Outros? E o seu marido/mulher? Que tipo de contactos mantém com estes familiares? Com que frequência contacta com eles? e de que tipo? (telefonemas, visitas, encontros)	
Tenho uma família grande, muitos sobrinhos e um afilhado ... os filhos do meu irmão, vejo-os todos os meses uns ou outros depende daquele que cá vem o meu irmão de 15 em 15 dias vem cá outras vezes mais vezes depende do tempo e como anda. Telefonemas recebo quase sempre todas as semanas, a sempre um que me liga.	
10-Essa frequência/proximidade agrada-lhe ou preferia que fosse de outro modo?	

Sim, tem lá a vida deles, mas fico contente de falar com eles.	
11- Quando pensa na sua vida, quem indicaria como pessoas mais para si? (por mais importantes, as pessoas que têm um papel mais importante na sua vida, que lhes estão mais próxima, com quem pode contar.	
Com o meu irmão e os seus filhos, o meu irmão para a idade que tem ainda está muito bom, é pena estar sozinho a minha cunhada já morreu.	
III-Rede de Apoio Social	
12-Numa situação de emergência a quem recorre?	
Falo aqui com assistente social e com os meus sobrinhos	
13- No caso de necessitar de ajuda monetária a quem se dirige? E qual a importância dessas ajudas?	
Ao meu irmão e aos meus sobrinhos	
14-Quanto necessita de roupa, calçado, alimentação a quem se dirige?	
Peço aqui a assistente social para ir comigo para comprar, os meus sobrinhos nem sempre cá estão e o meu irmão é homem não percebe disso.	
15- No caso de necessitar de tratar de assuntos administrativos/consulta médica a quem se dirige?	
É aqui com a instituição, o médico e tratar de consultas é com as funcionárias e outros assuntos como o banco peço a assistente social.	
16- Quanto necessita de conversar/conviver qual a pessoa mais próxima de si?	
Com o meu irmão quando me vem visitar as vezes peço para me levarem a casa para lá passar a tarde, também falo com as minhas vizinhas ... as que moram lá a mais tempo.	
17- Sente-se apoiado no seu dia-a-dia? Gostaria de ter mais apoio? De que tipo? E de quem?	
Sim tenho tudo o que preciso.	

Entrevista nº9

Local: Centro paroquial de santo André Cod. E9 Nome do entrevistado/a Início : 11:30 Observações: Transcrição da Entrevista	Data: Srª José Leão Fim: 12:10 I-
I- Características Socioeconómicas	
2-Idade: 76	
3- Estado Civil: <u>Solteiro</u>	
4-Naturalidade: <u>Santa Vitória</u> 4.1- Freguesia: <u>Santa Vitória</u> 4.2 Concelho: <u>Estremoz</u>	
5- Habilitações Académicas: Ensino Preparatório	X
6-Há quanto tempo é utente na instituição?	
3 meses	
II- Rede Familiar	
7-Com quem vivia antes de ser utente?	
Sozinho	
8- Tem Irmãos? Se sim quantos? De que idades? Onde moram?	
Tinha uma irmã mais velha que já morreu...	
9-Tem uma família grande? Tem filhos? Tem netos? Tem sobrinhos? Outros? E o seu marido/mulher? Que tipo de contactos mantém com estes familiares? Com que frequência contacta com eles? e de que tipo? (telefonemas, visitas, encontros)	
Primo que tem dois filhos que contacto mais... e outros primos que vejo pouco mais falo com eles. Moram lá para lisboa. Vêm cá as festas da terra (setembro)	
10-Essa frequência/proximidade agrada-lhe ou preferia que fosse de outro modo?	
O meu primo falo com ele de 15 em 15 dias ... mais ou menos ... por aí.	
11- Quando pensa na sua vida, quem indicaria como pessoas mais para si? (por mais importantes, as pessoas que têm um papel mais importante na sua vida, que lhes estão mais	

próxima, com quem pode contar.	
Aqui a instituição.	
III-Rede de Apoio Social	
12-Numa situação de emergência a quem recorre?	
Também com a instituição.	
13- No caso de necessitar de ajuda monetária a quem se dirige? E qual a importância dessas ajudas?	
Não sei (pausa) ...talvez ao meu primo	
14-Quanto necessita de roupa, calçado, alimentação a quem se dirige?	
À instituição ou vou comprar sozinho, peço e as funcionárias levam-me	
15- No caso de necessitar de tratar de assuntos administrativos/consulta médica a quem se dirige?	
À instituição	
16- Quanto necessita de conversar/conviver qual a pessoa mais próxima de si?	
A pessoas amigas que são minhas vizinhas, quando me vêm visitar ou quando posso ir passar uma tarde a casa e falamos.	
17- Sente-se apoiado no seu dia-a-dia? Gostaria de ter mais apoio? De que tipo? E de quem?	
Está tudo bem	

Entrevista nº 10

Local: Centro paroquial de santo André Cod. E10 Data: Nome do entrevistado/a Sr Joaquina Babau Início : 11:30 Fim: 12:10 Observações: Transcrição da entrevista	
I- Características Socioeconómicas	
2- Idade: 83	
3- Estado Civil: <u>Viuva</u>	
4- Naturalidade: <u>Cardeais</u> 4.1- Freguesia: Santo Estevo_4.2 Concelho: <u>Estremoz</u>	
5- Habilitações Académicas: Sabe ler e escrever mas não fez a 4ª classe X	
6- Há quanto tempo é utente na instituição?	
7 meses	
II- Rede Familiar	
7- Com quem vivia antes de ser utente?	
Vivi quase 25 anos sozinha primeiro nos cardeais onde vivia com o meu marido e tive os meus filhos, e com a morte do meu marido a minha filha arranhou-me uma casinha e vim morar para Estremoz... já faz quase 20 anos. Antes de ter vindo para o lar morava com o meu filho. Ele morava para a quinta do conde mas separou-se e veio para cá ... ficou a viver comigo.	
8- Tem Irmãos? Se sim quantos? De que idades? Onde moram?	
Tenho 3 Irmãos, 2 já faleceram e outro mora cá em Estremoz com a mulher, é o mais novo dos três ... acho que tem 78 mas ainda faz a vida dele	
9- Tem uma família grande? Tem filhos? Tem netos? Tem sobrinhos? Outros? E o seu marido/mulher? Que tipo de contactos mantém com estes familiares? Com que frequência contacta com eles? e de que tipo? (telefonemas, visitas, encontros)	
Tive 4 filhos, 2 rapazes e 2 raparigas, um rapaz faleceu ainda em bebé (pausa), e uma filha faleceu com um cancro, deixou 2 duas filhas (pausa)... e tenho este meu filho com quem vivia e uma filha que	

também mora cá em Estremoz. Tenho 4 netas e 2 netos e 5 bisnetos. Os meus netos vêm cá com os filhos de 15 em 15 dias têm lá a vida deles. O meu filho também de 15 em 15 dias. A minha filha é que cá vêm quase todos os dias e as vezes trazem os netos para eu os ver. O meu irmão também passa por cá.	
10-Essa frequência/proximidade agrada-lhe ou preferia que fosse de outro modo?	
Chega...eles também tem lá a vida deles. Também os vejo quase as mesmas vezes que quando estava em casa... o meu filho é que o via mais pois morava comigo.	
11- Quando pensa na sua vida, quem indicaria como pessoas mais para si? (por mais importantes, as pessoas que têm um papel mais importante na sua vida, que lhes estão mais próxima, com quem pode contar.	
A minha filha e o meu filho... mas mais a minha filha.	
III-Rede de Apoio Social	
12-Numa situação de emergência a quem recorre?	
As funcionarias pois estão aqui e depois a minha filha.	
13- No caso de necessitar de ajuda monetária a quem se dirige? E qual a importância dessas ajudas?	
A minha filha	
14-Quanto necessita de roupa, calçado, alimentação a quem se dirige?	
Peço a minha filha os homens não percebem disso	
15- No caso de necessitar de tratar de assuntos administrativos/consulta médica a quem se dirige?	
Ir ao médico é aqui as funcionárias e os remédios, mas se quero ir a um médico particular falo com a minha filha e ela leva-me. Os outros assuntos de papéis é com a minha filha.	
16- Quanto necessita de conversar/conviver qual a pessoa mais próxima de si?	
Aqui não falo muito, também não gosto e também oiço um pouco mal e depois têm que estará falar muito alto... falo algumas coisas mas não são muitas. Normalmente falo mais com a minha filha, com o meu irmão , mas em sítios que estamos sozinhos. Também falo com as minhas vizinhas quando a minha filha me leva a casa.	
17- Sente-se apoiado no seu dia-a-dia? Gostaria de ter mais apoio? De que tipo? E de quem?	

<p>Estou , o Lar é bom e o pessoal e as instalações também. Vou algumas vezes a minha casa e passar o fim de semana para casa da minha filha. Estou contente, gostava de estar na minha casa mas aqui tenho outro apoio... eles têm lá a vida deles.</p>	
--	--

ANEXO E

Pedido de autorização para recolha de dados e Autorização da diretora do
Centro Paroquial de Santo André de Estremoz

Exma. sr^a Diretora do Centro Paroquial de Santo André de Estremoz

Assunto: Pedido de Colaboração na Dissertação de Mestrado sobre Suportes Sociais e População Idosa.

Eu, Carmen Maria Catrona Raimundo, aluna do Mestrado de Recursos Humanos e Desenvolvimento Sustentável na Universidade de Évora, encontro-me a elaborar a Dissertação de Mestrado que concluirá o meu ciclo de estudos, com a orientação do Professor Doutor Joaquim Fialho. O tema da Dissertação de Mestrado é Suportes Sociais e População Idosa e pretende estudar a estrutura da rede social de apoio social aos idosos.

Por conseguinte, venho por este meio solicitar a V^a Ex^a o consentimento para a aplicação de entrevistas, junto de alguns idosos que constituem a população residente no Lar do Centro Paroquial de Santo André, que está sob a vossa responsabilidade.

Asseguro que os dados fornecidos não serão fornecidos ou divulgados a qualquer pessoa ou organização para além de mim e somente com o fim de fazer investigação

Será ainda importante referir que me comprometo a salvaguardar o anonimato tanto da instituição como dos sujeitos participantes que, com boa vontade, venham auxiliar-me .

Junto anexo a entrevista enunciada.

Agradeço desde já a atenção dispensada.

Com os melhores cumprimentos,

(Carmen Raimundo)

ANEXO F

Apresentação e Consentimento informado dos Participantes

Apresentação

Sou, Carmen Maria Catrona Raimundo, aluna do Mestrado de Recursos Humanos e Desenvolvimento Sustentável, encontro-me a elaborar uma Dissertação de Mestrado cujo tema é “Suportes Sociais e População Idosa”, e pretende estudar a estrutura da rede social de apoio social aos idosos.

Venho por este meio pedir a sua colaboração respondendo a uma entrevista. Ao decidir colaborar neste estudo deverá, antes de mais, indicar que aceita na declaração que se segue (Consentimento Informado)

Agradeço desde já a sua atenção e colaboração para com este estudo.

(Carmen Raimudo)

CONSENTIMENTO INFORMADO

Declaração

Declaro, que aceito participar na Dissertação no âmbito do curso de Mestrado em Recursos Humanos e Desenvolvimento Sustentável na Universidade de Évora.

Declaro que antes de optar por participar, me foram prestados todos os esclarecimentos que considerei importantes para decidir.

Especificamente, fui informado/a do objetivo, assim como do anonimato e da confidencialidade dos dados, e de que tinha direito em recusar/participar, ou cessar a minha participação, a qualquer momento.

_____ data ____/____/____

ANEXO H

Autorização para recolha de dados No Centro Paroquial de Santo André de Estremoz

 Serviços Administrativos	OFÍCIO	Código Imp1.Mpsa.PS1
		Revisão 1.0

Exma. Sra.
D^a. Carmen Raimundo

Sua Referência	Sua Comunicação	Nossa Referência	Data
		Of.139/2013	27/09/2013

Assunto Pedido de Colaboração na Dissertação de Mestrado sobre Suportes Sociais e População Idosa.

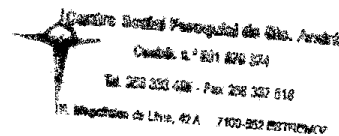
Em resposta a V/carta referente ao assunto em epigrafe, informamos que consentimos a aplicação da entrevista junto de alguns utentes que constituem a população residente no Lar do Centro Social e Paroquial de Santo André.

Com os melhores cumprimentos,

Rec O Presidente

Maria do Rosário Varela

Prof^a. Maria do Rosário Varela



Centro Social Paroquial de Santo André
Rua Magalhães de Lima, n.º 42A
7100 – 552 Estremoz
Rossio

☎ 268 333 405
☎ 268 337 518
E-mail: csandre.etz@sapo.pt
☎/✉ 268 334 523